UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

**ANNA CLARA VERSOLATO RAZVICKAS**

# O UNIVERSO GROTESCO EM *UMA ANEDOTA DESAGRADÁVEL*, DE DOSTOIÉVSKI

**Versão corrigida**

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

**ANNA CLARA VERSOLATO RAZVICKAS**

# O UNIVERSO GROTESCO EM *UMA ANEDOTA DESAGRADÁVEL*, DE DOSTOIÉVSKI

**Versão corrigida**

De acordo

_____

Professora Doutora Maria de Fátima Bianchi
Orientadora

São Paulo
2016

ANNA CLARA VERSOLATO RAZVICKAS

# O UNIVERSO GROTESCO EM *UMA ANEDOTA DESAGRADÁVEL*, DE DOSTOIÉVSKI

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi

São Paulo
2016

*Aos meus pais Wagner José Razvickas e Clara Versolato Razvickas e a minha avó Neusa Soares*

## Agradecimentos

À professora Fátima Bianchi, minha orientadora, pela dedicação com que guia meus estudos acadêmicos desde a iniciação científica. Sou imensamente grata por todo o conhecimento que me proporcionou desde então.

Aos professores Bruno Gomide, Elena Vássina, Homero Freitas de Andrade, Mário Ramos Francisco Júnior e Nóe Oliveira Policarpo Poli, essenciais em minha formação.

Às professoras Arlete Cavaliere e Ekaterina Volkova Américo, pelas valiosas observações feitas quando do exame de qualificação, que só enriqueceram essa pesquisa.

Aos amigos do "russo", com quem partilhei ideias, alegrias e angústias.

Aos amigos da graduação e a Wagner José Razvickas Filho, pelo apoio e incentivo.

À Universidade de São Paulo, pela experiência que somente uma universidade pública poderia fornecer.

# Resumo

Esta pesquisa é composta de uma tradução do original em russo da novela *Uma anedota desagradável*, de Fiódor Dostoiévski, publicada em 1862 na revista *Vriêmia*, seguida de um breve comentário sobre ela. Para o estudo do texto considerou-se que seu tema está relacionado com artigos publicados pelo escritor, em que ele expõe as suas observações acerca da *intelliguentsia* e da sociedade russa da época. No que se refere ao tratamento dado ao tema, o escritor empregou amplamente recursos associados ao universo grotesco, como o riso e a paródia, tanto para a descrição das personagens como para a narração dos acontecimentos.



Palavras-chave: Fiódor Dostoiévski; grotesco; literatura russa; século XIX; tradução.

# Abstract

This research is composed of a translation from the Russian novella *An unpleasant anecdot*, by Fyodor Dostoyevsky, published in 1862 in the periodic *Vriemia*, followed by a brief commentary about the periodic. To the study of the text was considered that the theme is related to the articles published by the author, on which he exposes his observations about the *intelliguentsia* and the Russian society of that time. Regarding the treatment given to the theme, the writer largely used resources associated to the grotesque universe, like the laughter and the parody, as to the description of the characters as well as to the narration of the events.



Keywords: Fyodor Dostoyevsky; grotesque; Russian literature; 19th century; translation.

Sumário

Primeira parte

1. Apresentação 08
2. Tradução 12

Segunda parte

1. Introdução 64
2. Elementos para um estudo sobre a paródia e o grotesco 72
3. A questão do riso em *Uma anedota desagradável* 79
4. Algumas considerações sobre as personagens da novela 84
5. A representação do universo grotesco em *Uma anedota desagradável* 101
6. Acerca da tradução 115
7. Considerações Finais 121
8. Bibliografia 123
9. Anexo 127

## 1. Apresentação

Meu interesse pela obra de Fiódor Dostoiévski surgiu ainda durante a graduação, ao optar por realizar um projeto de pesquisa de Iniciação Científica sobre sua novela *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão*[1], em que me dediquei a estudar a representação que ele faz ali da Europa, em sua primeira viagem ao exterior.

Já a presente pesquisa consiste na realização de uma tradução da novela *Uma anedota desagradável*, publicada em 1862, e de um estudo sobre ela.

Entre os anos de 1860 e 1861, assim que recebeu permissão para voltar para Petersburgo, após dez anos de ausência, entre a prisão por participação no círculo de Petrachévski, os trabalhos forçados e o exílio, Fiódor M. Dostoiévski, junto com seu irmão mais velho, Mikhail, fundaram o periódico mensal *Vriêmia*. Em 1862, no número 11 da revista, Fiódor Dostoiévski publicou a novela *Uma anedota desagradável*.[2]

Nos esboços preliminares[3] para o texto em russo, presentes no caderno de notas do escritor, a novela apresenta outro título, em vez de *Скверный Анекдот* tem-se *Несчастный Случай*, que poderia ser traduzido para a língua portuguesa como Um caso infeliz, Um acontecimento infeliz, Um infeliz acaso, etc. Pelo que tudo indica, a novela foi escrita no outono de 1862, depois que Dostoiévski regressou de sua primeira viagem ao exterior. No entanto, é possível afirmar que Dostoiévski já planejava escrevê-la desde o ano anterior, 1861, já que o título anterior aparece no caderno de notas do autor em meio às páginas com planos para uma nova redação de *O Duplo*[4].

Como se sabe, dessa viagem ao exterior resultou o material para o seu texto seguinte, *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão*, que data de 1863 e que também foi publicado no periódico *Vriêmia*[5]. É provável que os artigos publicados na revista

---

[1] DOSTOIÉVSKI, Fiódor *O crocodilo e Notas de Inverno sobre Impressões de Verão.* São Paulo: Editora 34, 2000. Tradução de Boris Schnaiderman, coleção leste.

[2] O título em russo é *Скверный Анекдот,* traduzido aqui por *Uma anedota desagradável.*

[3] Essas observações estão presentes nas notas acerca do texto, em DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Obras completas em trinta volumes*. Leningrado, 1973.

[4] DOSTOIÉVSKI, F. M. *O Duplo: poema petersburguense.* São Paulo: Editora 34, 2013. Tradução de Paulo Bezerra.

[5] Este texto trata da primeira viagem de Dostoiévski à Europa Ocidental e traz suas impressões sobre as principais cidades que visitou. Foi escrito como uma resposta aos leitores e apresenta uma reflexão do escritor sobre a civilização ocidental.

*Vriêmia* e as polêmicas que os colaboradores do periódico travavam com outros jornais na época tenham de algum modo influenciado a redação de *Uma anedota desagradável*, pois se percebe que temas importantes para o escritor e que auxiliam a compreender seu pensamento e suas principais ideias, que serão desenvolvidas em seus romances seguintes[6], já aparecem nesta novela, ainda que de forma embrionária. Conforme observações de estudiosos russos[7] acerca do texto, a questão da servidão é um dos temas em que se pode encontrar paralelos entre as ideias liberais proclamadas pela personagem principal da novela, o general[8] Pralínski e as discussões dos círculos jornalísticos da época. Em 1865, para a reedição da novela, o texto foi submetido a correções estilísticas pouco significativas.

Os críticos que se dedicaram a estudar mais pormenorizadamente a novela *Uma anedota desagradável* concentraram-se, em geral, em dois aspectos do texto, ou no estilo da história e na estrutura narrativa ou no retrato satírico do fracassado liberalismo das reformas dos anos 1860. [9]

Apesar das qualidades artísticas e do caráter atual do tema, *Uma anedota desagradável* não atraiu a atenção da crítica. Em comparação com outros textos de Dostoiévski, esta novela não apresenta grandes referências bibliográficas para a análise das personagens e da estrutura da narrativa. No entanto, na dedicatória à primeira coletânea de escritos de Dostoiévski, em uma breve menção, Strákhov se refere a ela como uma história de "acabamento admirável e brilhante".

Já Nikolai Mikhailóvski[10], em seu artigo "Um talento cruel"[11], aponta que: "Nos pormenores, Dostoiévski permanece Dostoiévski, com todas as forças e fraquezas do

---

[6]Os romances seguintes de Dostoiévski mencionados aqui são três: DOSTOIÉVSKI, F. M. *Crime e Castigo.* São Paulo: Editora 34, 2006. DOSTOIÉVSKI, F. M. *Os Demônios: romance em três partes.* São Paulo: Editora 34, 2004. DOSTOIÉVSKI, F. M. *Os Irmãos Karamázov.* São Paulo: Editora 34, 2012. Traduções de Paulo Bezerra.

[7]FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação 1860 a 1865.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. Tradução de Geraldo Gerson de Souza.

[8]"Os títulos da hierarquia do funcionalismo civil correspondiam aos graus da carreira militar e, por isso, os burocratas às vezes eram chamados, por exemplo, de general". SALES, Denise. "Do pobre escrivão ao poderoso chanceler".
In: http://br.rbth.com/blogs/2014/04/07/do_pobre_escrivao_ao_poderoso_chanceler_25023. Em *Uma anedota desagradável*, Pralínski é chamado diversas vezes de general.

[9]Como exemplo de críticos que se detiveram no estilo da história e na estrutura da narrativa, tem-se Volóchinov e Zhekulin. E os críticos que analisaram a história como uma sátira do fracassado liberalismo das reformas dos anos 1860, tem-se Frank, Mochulsky e Nietcháieva.

[10]Nikolai Mikhailóvski foi editor e principal crítico nos periódicos *Otiétchestvennie Zapíski* (Anais da Pátria), de 1868 a 1884 e Rússkoie Bogátstvo (Riqueza Russa), de 1892 a 1904.

seu talento e do seu pensamento. Nas minúcias iniciais, podem-se encontrar os rudimentos de todas as suas posteriores imagens, quadros, ideias, procedimentos." (MIKHAILÓVSKI, 2013, p. 431). Nesse sentido, *Uma anedota desagradável* ocupa um lugar de grande importância na obra de Dostoiévski como um todo, pois algumas de suas principais ideias já aparecem aqui, ainda que de forma embrionária.

Para esta pesquisa, considerou-se que *Uma anedota desagradável* está relacionada ao universo grotesco, tanto na descrição das personagens como na narração dos acontecimentos. Para demonstrar essa relação, o trabalho foi dividido em duas partes, sendo que a primeira traz a tradução da novela, diretamente do original em russo, com base em suas *Obras completas em trinta volumes*[12], por considerarmos esta uma das edições mais confiáveis.

Na segunda parte, no primeiro capítulo, são apresentados alguns aspectos do periódico em que a novela foi publicada primeiramente e alguns elementos exteriores ao texto literário – como por exemplo o movimento *pótchvienitchestvo* – que encontram relações com passagens da novela. Os artigos publicados pelo escritor e as observações de Dostoiévski acerca da *intelliguentsia* e da sociedade russa também estão, de certa forma, relacionados com o tema da novela.

No segundo capítulo são apresentados alguns elementos em que nos pautamos para o comentário sobre o texto, que se referem ao grotesco, ao riso e à paródia. É preciso destacar, no entanto, que o riso e a paródia serão abordados levando em conta sua relação com o universo grotesco. Para isso, foram destacados alguns autores que tratam desse tema, tais como Mikhail Bakhtin, Wolfgang Kayser, Victor Hugo, entre outros. Nessa parte do trabalho procura-se apresentar a teoria que auxiliou na análise de passagens da novela.

O terceiro capítulo trata da questão do riso em *Uma anedota desagradável*, um elemento do universo grotesco, dando destaque a algumas passagens que levam as personagens da novela ao riso ou até mesmo às gargalhadas. Conforme se procura demonstrar nesse capítulo, no texto são apresentados diferentes tipos de risos.

O quarto capítulo foi dedicado a um comentário sobre as personagens principais da novela: o general Ivan Ilitch Pralínski, o pequeno funcionário Pseldonímov, sua mãe,

---

[11]MIKHAILÓVSKI, Nikolai. "Um talento cruel". In: GOMIDE, Bruno Barretto (Org.) *Antologia do Pensamento crítico russo*. São Paulo: Editora 34, 2013.
[12]DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Obras completas em trinta volumes.* Leningrado, 1973.

a família da noiva e o companheiro de repartição Nikíforov. Além disso, este capítulo foi dedicado também ao discurso das personagens e do narrador da novela.

No capítulo seguinte foram levantadas algumas relações entre *Uma anedota desagradável* e outros textos literários, tais como *Gente Pobre* e *O Capote*, levando em consideração elementos intertextuais e paródicos. Além disso, foram analisadas algumas imagens que remetem ao universo carnavalesco e grotesco presentes na novela, de modo a demonstrar como o grotesco é apresentado na novela.

O último capítulo refere-se às questões relativas ao processo de tradução, como a escolha do título e elementos da tradução que colaboram de alguma forma para a análise proposta.

2. Tradução

## Uma anedota desagradável

Esta anedota desagradável ocorreu exatamente na mesma época em que teve início, com uma força tão incontrolável e uma impetuosidade tão tocantemente ingênua, a regeneração da nossa querida pátria e a aspiração de todos os seus filhos valorosos por novos destinos e esperanças. Na época, certa vez, numa noite clara e fria de inverno, aliás já passando das onze horas, três senhores extremamente respeitáveis estavam sentados no aposento confortável e até mesmo luxuosamente mobiliado de uma bela casa de dois andares no Lado Petersburguês e engajados numa conversa consistente e edificante sobre um tema deveras interessante. Esses três senhores já tinham todos a patente de general. Estavam sentados em torno de uma mesinha pequena, cada um numa bela poltrona estofada e, em meio à conversa, calma e confortavelmente bebericavam *champagne*. A garrafa estava ali mesmo, na mesinha, numa vasilha de prata com gelo. Acontece que o anfitrião, o dissimulado conselheiro Stiepan Nikíforovitch Nikíforov, um velho celibatário de sessenta e cinco anos, comemorava sua mudança para uma casa recém-adquirida e, aproveitando a ocasião, o seu aniversário, que viera a calhar e o qual ele até então nunca comemorara. Aliás, a celebração não era nada de mais, como já vimos, havia apenas dois convidados, ambos antigos colegas de trabalho e subordinados do senhor Nikíforov, a saber: o conselheiro efetivo de Estado Semión Ivánovitch Chipuliénko e, o outro, também conselheiro efetivo de Estado, Ivan Ilitch Pralínski[13]. Eles haviam chegado por volta das nove horas, tomado um chá, e depois passado para o vinho sabendo que às onze e meia em ponto teriam de voltar para casa. O anfitrião, durante toda a sua vida, apreciara a regularidade. Duas palavras sobre ele: começou sua carreira como funcionário modesto sem recursos, prolongou tranquilamente a lengalenga por quarenta e cinco anos a fio, sabendo muito bem até que ponto chegaria, não tinha a ambição de alcançar as estrelas do céu, ainda que já possuísse duas delas, e, sobretudo, não gostava de manifestar sua opinião pessoal por nada no mundo. Era também honesto, isto é, nunca lhe acontecera de fazer nada de particularmente desonesto; era solteiro porque era egoísta; não tinha nada de tolo, mas não podia suportar a exposição de sua inteligência; sobretudo não

[13] O nome da personagem Pralínski remete ao doce francês praline, uma espécie de amêndoa.

apreciava desleixos e entusiasmos, por ver nisso um desleixo moral, e sua vida acabou emergindo inteiramente num conforto um tanto indolente e doce e numa solidão sistemática. Ainda que ele próprio às vezes costumasse visitar pessoas de melhor condição social, no entanto já desde a juventude não suportava receber visitas, e nos últimos tempos, quando não estava se dedicando ao jogo de paciência, contentava-se com a companhia de seu relógio de mesa e passava noites inteiras ouvindo imperturbavelmente, cochilando na poltrona, seu tique-taque dentro da redoma de vidro sobre a lareira. Tinha uma aparência muito decente, estava sempre barbeado, era bem conservado, parecia mais jovem do que era, prometia viver ainda por muito tempo e mantinha o comportamento rígido de um verdadeiro *gentleman*. Tinha uma posição bastante confortável: a de presidir reuniões e assinar papéis. Em suma: todos o consideravam excelentíssima pessoa. Tinha apenas uma única paixão, ou, melhor dizendo, um desejo ardente: possuir uma casa própria, e justamente uma casa construída em estilo senhorial, e não para investimento comercial. Seu desejo enfim se realizara: ele encontrou uma casa no Lado Petersburguês[14] e a comprou, é verdade que um pouco distante, mas era uma casa com jardim e, ademais, elegante. O novo proprietário decidiu que seria melhor se fosse mais afastada: ele mesmo não gostava de receber visitas, e para fazer visitas ou ir à repartição tinha uma bela carruagem de dois lugares cor de chocolate, o cocheiro Mikhei e dois cavalinhos pequenos, mas fortes e bonitos. Tudo isso fora adquirido com uma rigorosa e minuciosa economia de quarenta anos, tanto que sentia o coração regozijar-se com tudo isso. Eis o motivo porque, ao ter adquirido e se mudado a casa, Stiepan Nikíforovitch sentia tanto prazer em seu coração sereno que chegou a chamar os convidados para seu aniversário, que antes procurava cuidadosamente ocultar até dos conhecidos mais íntimos. Em relação a um de seus convidados, tinha até uma intenção especial. Ele mesmo ocupava o andar superior da casa e tinha necessidade de alugar o inferior, construído exatamente com a mesma disposição. Stiepan Nikíforovitch estava contando com Semión Ivánovitch Chipuliénko, e nessa noite fez recair a conversa duas vezes sobre esse tema. Mas Semión Ivánovitch procurava se esquivar de uma resposta a respeito. Ele também era um homem que vinha abrindo caminho com esforço havia muito tempo, tinha cabelos e suíças negras e uma fisionomia que demonstrava sinais de constantes ataques de icterícia. Era casado, sorumbático e gostava de ficar em casa, mantinha a casa com

[14]Um dos bairros centrais e históricos de São Petersburgo, do qual faz parte a ilha onde se localiza a conhecida Fortaleza de Pedro e Paulo.

mãos de ferro, na repartição era autoconfiante e sabia perfeitamente até onde chegaria, melhor ainda – aonde não chegaria nunca, ocupava um cargo bom e o ocupava com muita segurança. Ainda que não visse com bons olhos as novas reformas que se iniciavam, também não se preocupava muito: era muito seguro de si e ouvia com uma animosidade zombeteira as preleções de Ivan Ilitch sobre o novo tema. Aliás, todos eles em parte haviam bebido um pouco mais do que deviam, de modo que até o próprio Stiepan Nikíforovitch foi condescendente com o senhor Pralínski e travou com ele uma leve discussão sobre as novas reformas. Mas devemos dizer algumas palavras sobre sua Excelência, o senhor Pralínski, ainda mais por ser ele o personagem principal dessa história.

Havia apenas quatro meses que o conselheiro efetivo de Estado Ivan Ilitch Pralínski fora nomeado com o título de Vossa Excelência, em suma, ele era um jovem general. Ainda era jovem também em idade, tinha no máximo uns quarenta e três anos, não só aparentava como gostava de parecer mais novo. Ele era um homem bonito, alto, vestia-se com elegância e uma seriedade requintada, sabia muito bem como usar sua importante condecoração ao peito, já desde a infância soubera assimilar alguns hábitos da alta sociedade e, como era solteiro, sonhava com uma noiva rica e até da aristocracia. Sonhava com muitas outras coisas também, embora estivesse longe de ser um tolo. Às vezes era um grande tagarela e até gostava de assumir uma pose parlamentar. Vinha de boa família, era filho de general, e, sem precisar pegar no pesado, fora acostumado desde a infância a andar vestido de veludo e batista, fora educado numa instituição de ensino aristocrática e, embora não tenha adquirido nela muitos conhecimentos, foi bem sucedido na repartição e conseguiu alcançar o posto de general. Os superiores o consideravam um homem capaz e até mesmo depositavam nele certas esperanças. Stiepan Nikíforovitch, sob cujas ordens ele iniciara sua carreira e continuara quase até tornar-se general, não o considerava um homem especial e não depositava nele a menor esperança. Mas agradava-lhe o fato de Pralínski ser de boa família e possuir bens, isto é, uma casa grande, com administrador, ter parentesco com gente importante e, além disso, possuir uma certa postura. Pelas costas, Stiepan Nikíforovitch difamava Pralínski por seu excesso de imaginação e levianidade. O próprio Ivan Ilitch, por vezes, sentia que possuía demasiado amor-próprio e chegava a ser impertinente. Uma coisa estranha: às vezes tinha uns ataques mórbidos de consciência e até uma espécie de um leve remorso. Com uma amargura e uma dor oculta no coração, reconhecia às vezes que não voava absolutamente tão alto como

imaginava. Nesses momentos chegava a cair num certo desânimo, sobretudo quando tinha crise de hemorroidas, chamava sua vida de *une existence manquée*[15], perdia a confiança, na privacidade, é claro, até mesmo em seu talento parlamentar, chamava a si próprio de *parlair*[16], fazedor de frases, e embora tudo isso certamente lhe rendesse grande crédito, não o impedia absolutamente de tornar a erguer a cabeça depois de meia hora e, ainda com mais obstinação, com um ânimo ainda mais arrogante e convencido, afirmar a si próprio que ainda seria bem sucedido e se tornaria não somente um alto funcionário, mas até mesmo um homem de Estado, que seria lembrado na Rússia por muito tempo. Vez ou outra chegava a imaginar monumentos erguidos em sua memória. Disso se vê que Ivan Ilitch sonhava alto, ainda que ocultasse no fundo de si mesmo e até com um certo receio seus sonhos e suas vagas esperanças. Em resumo: era uma boa pessoa e tinha até alma de poeta. Nos últimos anos, momentos de uma desilusão doentia e mórbida começaram a se apossar dele com frequência. Tornara-se sobretudo meio irritadiço e desconfiado e estava sempre pronto a considerar qualquer objeção como um insulto. Mas as reformas na Rússia lhe deram de repente grandes esperanças. A promoção a general as finalizou. Ele recobrou o ânimo; ergueu a cabeça. De repente começou a falar muito e com eloquência, a falar sobre os temas mais atuais, que assimilara com veemência de modo extremamente rápido e inesperado. Procurava ocasiões para falar, andava pela cidade e em muitos lugares conseguiu ganhar uma reputação de liberal ousado, o que o fazia sentir-se lisonjeado. Nessa noite, depois de beber umas quatro taças, já se sentia particularmente à vontade. Quis converter em todos os pontos Stiepan Nikíforovitch, que antes disso ele não via havia muito tempo e por quem sempre tivera grande estima e até mesmo obediência. Por algum motivo, considerava-o retrógrado e se dirigia a ele com um entusiasmo incomum. Stiepan Nikíforovitch praticamente nem replicava, apenas ouvia com malícia, apesar de o tema o interessar. Ivan Ilitch entusiasmava-se e no calor da discussão imaginária bebericava de sua taça com mais frequência do que convinha. Stiepan Nikíforovitch apanhava então a garrafa e imediatamente enchia a taça de Pralínski, o que, por algum motivo desconhecido, começou de repente a ofender Ivan Ilitch, ainda mais que Semión Ivanitch Chipuliénko, por quem sentia um desprezo especial e, mais que isso, chegava a temer por conta de seu cinismo e maldade, permanecia ao lado dele calado e sorria com

[15]No original, *une existence manquée*, em francês, uma vida fracassada, ao revés.

[16]Parler, em russo, do francês *parler*.

mais frequência do que devia. “Eles, ao que parece, me tomam por um moleque” – passou rapidamente pela cabeça de Ivan Ilitch.

— Não, senhores, está na hora, já não é sem tempo – continuou ele entusiasmado. – Estamos muito atrasados, senhores, e, a meu ver, a humanidade vem em primeiro lugar, humanidade com os subordinados, lembrando que eles também são homens. A humanidade salvará tudo e guiará tudo...

— Hi, hi, hi, hi! – fez-se ouvir da parte de Semión Ivánovitch.

— Mas para que, no entanto, nos acusa com tanto fervor? – objetou finalmente Stiepan Nikíforovitch, sorrindo gentilmente. – Confesso, Ivan Ilitch, que até agora não consegui entender bem o que o senhor está querendo explicar. O senhor fala de humanidade. O que quer dizer é amor pelo ser humano, não é isso?

— Sim, pode ser, que seja amor pelo ser humano. Eu...

— Permita-me, senhores. Pelo que posso julgar, a questão não é só essa. O amor pelo ser humano sempre deveria ser observado. Mas as reformas não se restringem a isso. Foram levantadas questões a respeito do campesinato, das novas leis, da economia, dos impostos, das questões morais e... e... e de uma infinidade delas, dessas questões, e tudo junto, tudo ao mesmo tempo, pode dar lugar a grandes, por assim dizer, oscilações. Eis o que nos deixa apreensivos, e não apenas a humanidade...

— É, senhores, a coisa é um pouco mais complicada – observou Semión Ivánovitch.

— Compreendo bem, senhor, e permita-me fazer-lhe uma observação, Semión Ivánovitch, porque eu não admito de modo algum deixar o senhor em paz no que se refere à compreensão profunda dessa questão – observou Ivan Ilitch de modo sarcástico e com excessiva rispidez –, e, no entanto, mesmo assim tomo a liberdade de dizer que o senhor também, Stiepan Nikíforovitch, nem de longe me entendeu...

— Não entendi mesmo.

— E ainda assim, justamente, insisto e levo para toda parte a ideia de que a humanidade, e justamente a humanidade para com os subordinados, desde o funcionário público até o escrivão, do escrivão até o criado, do criado até o mujique – a humanidade, digo, pode se tornar, por assim dizer, a pedra angular das reformas iminentes e, de um modo geral, para a renovação das coisas. Por quê? Pelo seguinte motivo. Permita-me um silogismo: eu sou humano, consequentemente, sou amado. Se me amam, é porque têm confiança em mim. Se sentem confiança em mim, portanto,

acreditam em mim; se creem em mim, me amam... ora, o que eu quero dizer é que, se acreditam em mim, haverão de acreditar nas reformas, de entender, por assim dizer, o âmago da questão, isto é, todos haverão de se abraçar moralmente e as coisas serão solucionadas de modo amigável e profundo. Do que o senhor está rindo, Semión Ivanovitch? Não está claro?

Stiepan Nikíforovitch arqueou as sobrancelhas silenciosamente; estava surpreso.

— Tenho a impressão de que bebi demais – disse Semión Ivanitch de modo irônico – e, por isso, está difícil de compreender. Há uma certa perturbação temporária na minha cabeça.

Ivan Ilitch estremeceu.

— Não suportaremos – declarou de repente Stiepan Nikíforovitch, depois de ligeira pausa para reflexão.

— Como assim, não suportaremos? – perguntou Ivan Ilitch, surpreso com a observação abrupta e disparatada de Stiepan Nikíforovitch.

— Isso mesmo, não suportaremos. – Stiepan Nikíforovitch, ao que parece, não queria estender-se com maiores explicações.

— O senhor não compreende quando me refiro ao vinho novo em novas garrafas? – Ivan Ilitch perguntou ironicamente. – Pois bem, discordo; de minha parte estou garantindo.

Nesse momento, o relógio soou onze e meia.

— Estamos sentados aqui e assim permanecemos – disse Semión Ivanitch, preparando-se para se levantar de sua cadeira. Mas Ivan Ilitch adiantou-se e imediatamente levantou-se do seu lugar e pegou seu gorro de zibelina que estava sobre a lareira. Parecia ressentido.

— E, então, Semión Ivanitch, como ficamos em relação ao apartamento? – disse Stiepan Nikíforovitch, acompanhando as visitas até a porta.

— Sobre eu ser seu inquilino? Vou pensar, vou pensar.

— Assim que decidir, me avise o mais depressa.

— Sempre falando de negócios, não é mesmo? – perguntou amavelmente o senhor Pralínski, com um tom de bajulação na voz, enquanto brincava com seu gorro. Pareceu-lhe que tinham se esquecido dele.

Stiepan Nikíforovitch ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada, sinal de que não queria reter os convidados. Semión Ivanitch despediu-se às pressas.

“Ah... Pois bem... como queiram... já que não conhecem a mais simples gentileza” – pensou consigo mesmo o senhor Pralínski e estendeu a mão para Stiepan Nikíforovitch com desenvoltura.

No vestíbulo, Ivan Ilitch se enrolou em seu casaco de peles leve e caro e, esforçando-se, por algum motivo, para não reparar no casaco de pele de guaxinim gasto de Semión Ivanitch, os dois começaram a descer a escada.

— Parece que nosso velho se ofendeu – disse Ivan Ilitch ao calado Semión Ivanitch.

— Não, e por que haveria? – disse o outro tranquila e friamente.

“Lacaio!” – pensou consigo Ivan Ilitch.

Chegaram ao terraço de entrada. O trenó puxado pelo garanhão cinzento e feinho de Semión Ivanitch se aproximou.

— Que diabo! Onde é que se meteu Trifon com a minha carruagem? – exclamou Ivan Ilitch, não encontrando seu trenó.

Nem aquém, nem além – não se via a carruagem. O criado de Stiepan Nikíforovitch não soube dar nenhuma informação a respeito. Dirigindo-se a Varlam, cocheiro de Semión Ivanitch, obteve por resposta que ele estivera o tempo todo ali parado e a carruagem também, mas eis que agora não estavam mais.

— Mas que anedota desagradável! – comentou o senhor Chipulénko –, se quiser, posso lhe dar uma carona.

— Que canalha! – pôs-se a gritar o senhor Pralínski, furioso. – O patife pediu-me licença para ir a um casamento, logo aqui, no Lado Petersburguês, de uma comadre que ia se casar, que o diabo a leve! Eu o proibi severamente de se ausentar. E aposto que ele foi para lá!

— De fato – observou Varlam –, ele deve ter ido ao casório, mas prometeu voltar para cá em um minuto, quero dizer, estar aqui na hora certa.

— Claro! Eu bem que pressentia algo! Mas ele vai ver só!

— O senhor deveria lhe açoitar, aí ele haverá de cumprir as ordens – disse Semión Ivanitch, fechando o cobertor de sua carruagem.

— Não se incomode, Semión Ivanitch!

— Não quer que leve o senhor até sua casa?

— Boa viagem, *merci*.[17]

Semión Ivanitch partiu e Ivan Ilitch foi a pé pela passagem de madeira, sentindo-se um pouco animado.

***

"Não, você vai se ver só comigo, seu miserável! Vou a pé de propósito, para que você sinta isso, para te assustar! Quando voltar, ficará sabendo que o seu senhor foi a pé... canalha!"

Ivan Ilitch nunca praguejava dessa maneira, mas já estava muito enfurecido e, além disso, sentia a cabeça zunir. Não era de beber e, por isso, as cinco ou seis taças fizeram efeito imediato. A noite, porém, estava encantadora. Fazia muito frio, mas estava extraordinariamente calma e sem vento. O céu estava limpo, estrelado. A lua cheia banhava a terra com um suave brilho prateado. Estava tão delicioso que Ivan Ilitch, após dar uns cinquenta passos, quase se esqueceu por completo de sua desgraça. Sentia-se excepcionalmente satisfeito com a vida. Sabe-se que, embriagados, os homens mudam rapidamente de ideia. Até mesmo as casinhas feias de madeira da rua deserta começaram a lhe agradar.

"Ainda bem que vim a pé – pensou consigo –, para Trifon será uma lição, e para mim, um prazer. Ora! É preciso caminhar mais vezes. Pois bem! Na avenida Bolshói hei de encontrar rapidamente um carro de aluguel. Que noite agradável! Cada vez mais casinhas. Devem ser empregados... comerciantes, talvez... que moram nessas casinhas minúsculas. Esse Stiepan Nikíforovitch! Como são todos reacionários, são uns gorros de dormir. Isso mesmo, gorros, *c'est le mot*[18]. Ao mesmo tempo, ele é um homem esperto; tem aquilo que se chama *bon sens*;[19] é sensato, tem um modo prático de entender as coisas. Mas, em compensação, são uns velhos, uns velhos! Não é só isso... como se pode chamar isso? Bom, falta alguma coisa... Não suportaremos! O que ele quis dizer com isso? Ele chegou até a hesitar ao dizer isso. Aliás, ele não me entendeu em absoluto. E como não entender uma coisa dessas? É mais difícil não entender do que entender. Ora, o principal é que estou convencido, estou convencido de todo coração. Humanidade... amor à humanidade. Devolver o homem a si próprio... Dar vida

[17]Em francês, no original.

[18]Em francês no original, essa é a palavra.

[19]Em francês no original, bom senso.

nova à sua dignidade pessoal e depois... com o material preparado, dar início ao trabalho. Nada mais claro! Sim, senhor! Permita-me, Vossa Excelência, apresentar um silogismo: nós nos encontramos, por exemplo, com um funcionário; um funcionário pobre e amedrontado. "Pois bem... quem é você?" Resposta: "Funcionário". Bem, um funcionário; em seguida: "Que tipo de funcionário é você?" Resposta: Deste ou daquele tipo. "Está servindo?" – "Estou!" – "Quer ser feliz?" – "Quero". – "Do que você precisa para ser feliz?" Disso e daquilo. "Por quê?" Por isto... e pronto; o homem me compreendeu com algumas palavras: vejam só, o homem foi capturado, por assim dizer, caiu na minha rede, e eu posso fazer o que bem entender com ele, quer dizer, visando o melhor para ele. Que homem desagradável é esse Semión Ivanitch! E que fisionomia desagradável ele tem... – Ele falou de propósito: – Não, dá-lhe umas chicotadas você mesmo, eu não, meu caro, isso eu não farei; eu saberei educar Trifon com palavras, farei uma censura e ele irá compreender. Quanto às chicotadas, hum... é uma questão em aberto, hum... Não seria uma boa ideia fazer uma breve visita a Emerans? Ah, que diabo, essa maldita passagem de madeira! – exclamou, tropeçando de repente. – E chamam isso de capital! Que civilização! Pode-se fraturar uma perna. Hum. Detesto esse Semión Ivanitch; tem uma cara antipática. E ele riu de mim agora há pouco, quando eu disse: abraçar-se uns aos outros moralmente. É isso mesmo, abraçarem-se, e se assim for, o que você tem com isso? É melhor abraçar um mujique que você... Se eu encontrasse um mujique agora, iria conversar com ele. Pensando bem, estava um pouco bêbado, e talvez não tenha conseguido me expressar bem. Até mesmo agora, talvez não esteja expressando corretamente o que quero dizer... Hum. Não hei de beber nunca mais. À noite, fala-se demais, e no dia seguinte se arrepende de tudo. Mas, qual o que! Estou conseguindo andar direito, nem trocando as pernas estou... É isso mesmo, são todos uns velhacos!"

Tais eram os pensamentos fragmentados e incoerentes de Ivan Ilitch, enquanto caminhava pelo passeio. O ar fresco fez-lhe bem, o aquietou, por assim dizer. Passados uns cinco minutos, ele teria se acalmado e dormido. Mas, de súbito, a poucos metros da avenida Bolshói, ouviu uma música. Olhou em redor. No outro lado da rua, numa casa de madeira muito velha, de um só andar, mas comprida, celebrava-se uma festa, ouvia-se o arranhar de um violino, o ranger do contrabaixo e o som da flauta penetrava de modo estridente na melodia da quadrilha. Próximo à janela estavam alguns espectadores de pé, a maioria mulheres com casacos acolchoados e lenços na cabeça; todos se esticavam, esforçando-se para ver alguma coisa por entre as frestas da

persiana. A alegria era evidente. O som do bater dos pés dos dançarinos podia ser ouvido do outro lado da rua. Ivan Ilitch reparou em um policial que estava ali por perto e se dirigiu a ele.

— De quem, meu rapaz, é aquela casa? – perguntou, abrindo um pouco o seu caro casaco de pele, o suficiente para que o policial pudesse reparar na considerável condecoração em seu peito.

— Do funcionário Pseldonímov[20], o registrador – respondeu o policial, aprumando-se assim que reparou na condecoração.

— Pseldonímov? É mesmo? Pseldonímov!... E o que ele está fazendo? Por acaso está se casando?

—Está sim, hoje, Vossa Senhoria, com a filha de um conselheiro titular. Mliekopitáiev, conselheiro titular... que foi funcionário do Estado. Essa casa agora é do noivo.

— Como assim, a casa agora pertence a Pseldonímov e não mais aos Mliekopitáiev?

— É de Pseldonímov, Vossa Senhoria. Antes era dos Mliekopitáiev[21], mas agora pertence a Pseldonímov.

— Hum! Faço-lhe essas perguntas, meu rapaz, porque sou o chefe dele. Sou general e chefe do departamento onde Pseldonímov trabalha.

— Às suas ordens, Vossa Excelência. – O policial endireitou-se rigidamente, enquanto Ivan Ilitch parecia refletir. Parado, ele ponderava...

De fato, Pseldonímov era um dos funcionários da sua repartição, até mesmo do seu departamento; ele se lembrava disso. Era um pequeno funcionário, que recebia um ordenado de dez rublos por mês. Como o senhor Pralínski estava à frente da repartição há pouco tempo, não se recordava bem de todos os seus subordinados, mas de Pseldonímov ele se lembrava, justamente por conta do seu sobrenome. O nome chamara a atenção de Pralínski desde o primeiro dia, tanto que, já naquele momento, ele demonstrara curiosidade e reparara atentamente no dono de tal sobrenome. Ele se lembrava agora de um homem ainda muito jovem, com um nariz comprido e adunco,

[20] O sobrenome Pseldonímov remete ao termo pseudônimo, ou seja, uma identidade que não é a própria. Para Joseph Frank, o nome do funcionário remete a “uma peça sob pseudônimo”.

[21] O sobrenome da família da noiva remete ao termo russo que significa “aqueles que se alimentam com leite”, relacionando à classe dos mamíferos.

de cabelo loiro ralo, magro e mal nutrido, e que usava um uniforme indescritível e até mesmo inapropriado. Ele se lembrava de que no momento em que conheceu o funcionário lhe passara pela cabeça uma ideia: não seria o caso de dar a esse pobre funcionário um bônus de fim de ano de dez rublos para que melhore sua vestimenta? Mas como o rosto do pobre homem era sonso demais, e o olhar muito antipático, até mesmo repulsivo, esse pensamento bondoso, de alguma forma, evaporou-se por si próprio, e foi assim que Pseldonímov ficou sem seu bônus. Tais circunstâncias deixaram Pralínski ainda mais surpreso quando o próprio Pseldonímov, não mais do que uma semana antes, pedira licença para se casar. Ivan Ilitch se lembrava de que, por algum motivo, não tivera tempo de se informar pormenorizadamente acerca da questão, que fora tratada de modo rápido, improvisado e logo esquecida. Mas, ainda assim, ele recordava com precisão que Pseldonímov, juntamente com a noiva, recebiam uma casa de madeira e quatrocentos rublos em dinheiro, essa circunstância o surpreendera já naquele momento; ele se lembrou até de que fizera um trocadilho acerca do encontro dos sobrenomes, Pseldonímov e Mliekopitáiev. Recordava-se muito bem disso tudo.

À medida que lembrava, tornava-se cada vez mais pensativo. Sabe-se que, às vezes, uma série de pensamentos e raciocínios podem nos passar pela cabeça no intervalo de um segundo, parecendo sensações difíceis de serem traduzidas para uma língua de gente e muito menos para a linguagem literária. Mas tentaremos traduzir as sensações do nosso herói e apresentá-las aos leitores, pelo menos a essência delas, isto é, só o mais necessário e o mais verídico. Pois, realmente, muitos de nossos sentimentos, traduzidos em linguagem humana, parecem completamente inverossímeis. É por isso que essas sensações nunca vem à tona, apesar de toda e qualquer pessoa as possuir. É claro que as sensações e os pensamentos de Ivan Ilitch estavam um pouco desconexos. Mas os senhores sabem a causa disso.

“Pois bem! – relampejou-lhe pela cabeça. – Nós falamos, falamos o tempo todo, mas quanto a ações, nada. Aqui temos o exemplo de Pseldonímov: ele acaba de chegar da igreja animado, cheio de esperanças, contente, esperando desfrutar... Esse é um dos dias mais felizes de sua vida... Agora ele está ocupado com os convidados, organizando a festa – modesta e pobre, mas divertida, alegre, sincera... E se ele soubesse que nesse exato momento eu, eu, o seu chefe, seu primeiro chefe, está aqui parado na frente da sua casa e escutando a sua música! Sim, e o que aconteceria? O que ele faria se agora, de repente, eu decidisse simplesmente entrar em sua festa? Hum... Claro que, a princípio, ele haveria de se assustar, de ficar mudo de espanto. Eu o incomodaria, eu,

talvez, lhe estragasse a festa... Realmente, isso aconteceria se entrasse qualquer outro general, mas não eu... Com efeito, qualquer outra pessoa, mas não eu...

Sim, Stiepan Nikíforovitch! Ora, você não pôde me compreender agora há pouco, mas eis aqui um exemplo pronto para você.

Sim, senhores, nós todos falamos muito de humanidade, porém, de heroísmo, de atos heroicos, disso não somos capazes.

Que heroísmo é esse? Tentarei explicar: julguem os senhores por si próprios: nas atuais relações entre os membros da sociedade está certo que eu, eu, já passado de meia-noite, entre na festa de casamento de meu subordinado, o registrador que recebe dez rublos por mês, isso causaria confusão, representaria a subversão de todas as ideias, seria como o último dia de Pompeia[22], um caos! Isso ninguém compreenderia. Stiepan Nikíforovitch morreria sem compreender. Pois ele bem dizia: não suportaremos. É, mas isso se refere aos senhores, homens velhos, seres paralisados e estagnados, mas eu, eu suportarei! Transformarei o último dia de Pompeia em um dos dias mais felizes de meu subordinado, e o ato insensato – em algo normal, patriarcal, elevado e moral. Como? Da seguinte forma. Escutem com atenção...

Pois bem... suponhamos que eu apareça lá: – Eles ficam admirados, interrompem a dança, olham assustados e recuam diante de mim. Muito bem, mas eu me adianto: caminho diretamente em direção ao assustado Pseldonímov e, com o mais amável dos sorrisos e as palavras mais sinceras, digo: "Pois bem, estive essa noite com sua Excelência Stiepan Nikíforovitch. Acredito que você o conheça, aqui pela vizinhança..." Então, conto a aventura com Trifon em tom de zombaria. De Trifon passo para o relato de como vim a pé... "Bem, ouvi a música e, por curiosidade, perguntei ao policial e soube, meu caro, que você se casara hoje. Então, pensei, por que não vou até a casa do meu subordinado e vejo como meus funcionários se divertem e... celebram seus casamentos? Suponho que você não me expulsará!" Expulsará! Que palavra para um funcionário! Até parece que um subordinado me expulsaria! Com os diabos se me expulsasse! Calculo que vá perder a cabeça, começará a procurar uma poltrona para me oferecer um lugar, vá tremer de admiração, ficará totalmente desnorteado!...

[22] *O último dia de Pompeia* é o nome de um quadro de Briullóv.

Bem, o que pode haver de mais simples, de mais elegante do que um ato desses! Se me perguntarem por que é que eu entrei... Isso já é outra questão! Já é, por assim dizer, o aspecto moral da questão. Ora, esse é o ponto central!

Hum... Estava pensando sobre o que mesmo? Ah, sim!

Com certeza, me colocarão com o convidado mais importante e me sentarei ao seu lado, algum conselheiro titular ou um parente, um capitão reformado com nariz vermelho... Gógol descreveu esses tipos excêntricos admiravelmente. Claro, me apresentam a noiva, eu a elogio, animo os convidados. Peço-lhes, educadamente, para que não se incomodem comigo, para que se divirtam, para que recomecem o baile, faço alguns gracejos, rio, enfim – Sou amável e encantador. Sou sempre amável e encantador quando estou satisfeito comigo mesmo... Hum... Ora, ainda estou, aparentemente, um pouco... bem, não bêbado exatamente, mas só...

... Certamente, como *gentleman* que sou, os tratarei de igual para igual e não exigirei quaisquer condições especiais. Mas, moralmente, moralmente, a questão é outra: eles compreenderão e reconhecerão... Minha ação despertará neles os sentimentos mais nobres... Bem, ficarei meia hora lá... Talvez até uma hora. Sairei, sem dúvida, antes da ceia, e eles vão querer me reter, farão pratos assados e fritos, farão reverências singelas, mas eu aceitarei só uma taça, farei um brinde e recusarei o convite para a ceia. Direi que tenho assuntos a tratar. E quando eu disser "assuntos", todos ficarão com uma fisionomia séria e respeitosa. Com isso, de modo delicado, os lembrarei de que eles e eu – somos muito diferentes. Como a terra e o céu. Não que eu queira impressioná-los, mas isso precisa ser feito... até mesmo num sentido moral, isso é imprescindivelmente necessário, apesar do que dizem. Aliás, nesse instante, começarei a rir, posso até mesmo gargalhar e, num abrir e fechar de olhos, todos se animarão novamente. Direi uma vez mais ainda um gracejo à noiva; hum... e até insinuarei que voltarei em exatos nove meses como padrinho, he-he! E ela então, é provável, deve fazer o possível para dar à luz até então. Bem, eles se multiplicam como coelhos. Então todos começarão a rir, e a noiva irá corar, eu lhe darei um beijo carinhoso na testa, e até mesmo darei minha benção... e amanhã todos haverão de saber do meu feito na repartição. No dia seguinte, tornarei a ser rígido, no outro, mais exigente ainda, até mesmo inflexível, mas eles já saberão que tipo de pessoa sou. Conhecem-me a fundo, conhecem minha essência: "Como chefe, ele é duro, mas como pessoa – é um anjo!" E, então, eu os terei conquistado; eu os terei cativado com essa simples ação que nada tem de especial e que nunca lhes ocorreria; eles serão meus,

serei o pai; e eles, meus filhos... E, então, Sua Excelência Stiepan Nikíforovitch, experimente fazer algo parecido...

...Por acaso vocês sabem, têm ideia de que... Pseldonímov contará aos seus filhos que o general em pessoa participou do casamento e até bebeu na festa! Bem, esses filhos contarão para seus próprios filhos, e esses contarão para seus netos à maneira de uma anedota sagrada, como o alto funcionário do Estado (que eu serei até lá) lhes concedeu a honra de sua presença... e etc. etc. Estarei elevando o humilde moralmente, eu o reintegrarei... Afinal de contas, ele recebe um ordenado de dez rublos por mês!... E se eu repetir isso umas cinco ou dez vezes, ou algo do tipo, me tornarei famoso em todos os lugares... Com isso, terei um lugar no coração de todos, e sabe-se lá o que pode resultar dessa popularidade!...”

Era esse, ou algo parecido, o pensamento de Ivan Ilitch (Senhores, o que não pensa um homem consigo mesmo, sobretudo quando se encontra em um estado um pouco exaltado). Todos esses pensamentos lhe passaram pela cabeça como um relâmpago em pouco menos de um minuto, e certamente ele poderia ter-se limitado a esses devaneios e mentalmente ter deixado Stiepan Nikíforovitch envergonhado, e ir tranquilamente para casa e se deitar. E seria o melhor a fazer! Mas o grande problema é que era um momento de exaltação.

Como de propósito, surgiram, de repente, bem na sua frente, os rostos satisfeitos de Stiepan Nikíforovitch e Semión Ivánovitch, formados pela sua imaginação.

— Não suportaremos! – repetia Stiepan Nikíforovitch, que sorria de modo arrogante.

— Hi-hi-hi! – apoiava Semión Ivánovitch, com um sorriso insolente.

— Pois vamos ver se suportaremos ou não! – disse Ivan Ilitch resolutamente, corando de entusiasmo. Ele passou por uma ponte e, com passos firmes, atravessou a rua em direção à casa de seu subordinado, o registrador Pseldonímov.

***

Sua estrela o levava em frente. Passou confiante pelo portão aberto e afastou com desprezo um pequeno vira-lata peludo e rouco com um pontapé, que, mais por dever do que por qualquer outra coisa, atirara-se às suas pernas com um latido rouco. Caminhando pelas tábuas de madeira, chegou até a área coberta, que formava uma

espécie de guarita para o pátio, e subiu por três degraus de madeira já bambos para a minúscula antessala. Aqui, ainda que brilhasse num canto um toco de vela engordurado ou algo semelhante a um pratinho, isso não impediu Ivan Ilitch, que estava de galochas, de enfiar o pé esquerdo em uma espécie de gelatina de carne posta ali para esfriar. Ivan Ilitch abaixou-se e, olhando com curiosidade, viu que havia duas travessas cheias de uma espécie de geleia, e ainda duas formas de bolo, aparentemente de *blanc manger*[23]. Por ter pisado na gelatina, ficou um pouco envergonhado e, por um breve segundo, pensou se não seria melhor escapar dali de uma vez. Mas ele considerou essa ideia uma covardia. Julgando que ninguém vira o acontecido e não pensariam que fora ele a fazer aquilo, limpou rapidamente as galochas para esconder todas as provas, achou tateando a porta forrada de feltro, abriu-a e entrou num pequeno vestíbulo. Cobrindo metade do aposento havia, literalmente, um amontoado de capotes militares, peliças, sobretudos, capas, echarpes e galochas. Na outra metade estavam instalados os músicos: dois violinos, uma flauta e um contrabaixo, ao todo eram quatro pessoas, sem dúvida músicos de rua. Estavam sentados atrás de uma mesinha de madeira sem pintura, perto de uma vela de sebo, e tocavam com todo vigor a última parte da quadrilha. Pela porta aberta era possível discernir os dançarinos entre nuvens de pó, fumaça de tabaco e fumo. Era uma alegria descontrolada. Ouviam-se as gargalhadas, os gritos e os ganidos agudos das senhoras. Os cavalheiros batiam os pés, como uma esquadra de cavalos. Acima de todo o barulho infernal soava a voz de comando do mestre de danças, provavelmente um homem extremamente atrevido e até mesmo devasso: "Cavalheiros para frente, *dame, balance*!" e etc. etc. Ivan Ilitch, com uma certa inquietação, tirou o casaco de peles e as galochas e entrou no aposento com o gorro na mão. Ele já nem estava pensando muito bem...

Num primeiro momento, ninguém reparou nele: estavam todos absorvidos com a dança, que chegava ao fim. Ivan Ilitch mantinha-se de pé como que estonteado e não conseguia discernir nada minuciosamente nessa confusão. Apareciam vestidos de senhoras, cavalheiros com cigarros entre os dentes... Surgiu um cachecol azul claro de alguma dama, que lhe tocou no nariz. Atrás dela, como que num êxtase violento, um estudante de medicina com os cabelos despenteados passou feito uma bala e empurrou Pralínski com força. Surgiu ainda diante dele um homem comprido como uma *versta*, um oficial de algum destacamento. Alguém com uma voz estranhamente estridente

[23]Blanc manger, no original, бламанже, uma espécie de doce árabe que lembra um manjar.

gritou de modo afetado, passando a toda velocidade e marcando o compasso com o pé junto com os amigos: “Eh-eh-eh, Pseldonímov!” Debaixo dos pés de Ivan Ilitch tinha alguma coisa pegajosa: pelo jeito, o assoalho fora encerado. No aposento, aliás não muito pequeno, havia uns trinta convidados.

A quadrilha terminou um minuto depois e, quase no mesmo instante, aconteceu exatamente o que Ivan Ilitch imaginara quando ainda atravessava a pontezinha de madeira. Entre os convidados e os que dançavam, antes mesmo de terem tempo de recobrar as forças e enxugar o suor do rosto, propagou-se um certo ruído surdo, um cochicho singular. Todos os olhares, todos os rostos começaram rapidamente a se voltar para o novo hóspede. Em seguida, todos ao mesmo tempo puseram-se a recuar, como que em retirada. Os que não haviam percebido eram puxados pela roupa e prevenidos. Eles olhavam ao redor e imediatamente recuavam junto com o restante. Ivan Ilitch ainda estava de pé à porta, não tinha dado nem um passo adiante, e entre ele e os convidados cada vez mais se abria um espaço, o chão coberto por inúmeros papéis de bala, bilhetinhos e pontas de cigarro. De repente, nesse espaço que se abriu apresentou-se timidamente um rapaz de uniforme, de cabelos loiros com um topete e nariz adunco. Ele se deslocava para a frente, curvando-se e olhando para o convidado inesperado precisamente com a aparência de um cachorro que olha para o dono que o chama para lhe dar um merecido pontapé.

— Boa noite Pseldonímov, está me reconhecendo?... – disse Ivan Ilitch e, no mesmo instante, percebeu que dissera isso de modo terrivelmente desajeitado; sentiu também que talvez estivesse cometendo nesse momento uma grandissíssima tolice.

— Vo-vo-vossa Excelência!... – murmurou Pseldonímov.

— Pois é isso mesmo! Eu, meu caro, entrei aqui totalmente por acaso, como você mesmo pode imaginar...

Mas Pseldonímov, pelo visto, não podia imaginar nada. Ele estava paralisado, com os olhos esbugalhados, atônito.

— Mas você não me expulsará, acredito... Querendo ou não, tem que receber um hóspede!... – continuou Ivan Ilitch, sentindo que estava acanhado até uma fraqueza indecorosa, queria sorrir, mas não conseguia. O relato humorístico sobre Stiepan Nikíforovitch e Trifon ficava cada vez mais difícil de realizar-se. E Pseldonímov, como se fosse de propósito, não abandonava sua posição petrificada e continuava a olhá-lo

com uma completa cara de tolo. Ivan Ilitch estremeceu, sentia que mais um minuto assim e aconteceria uma confusão extraordinária.

— Será que estou incomodando?... Irei embora! – nem bem pronunciara essas palavras e uma veia pôs-se a tremer em seu lábio direito...

Mas Pseldonímov já recobrara os sentidos...

— Vossa Excelência, perdão... É uma honra... – balbuciava ele, saudando-o novamente – , dignai-vos a sentar... – Recomposto, ele apontou com as duas mãos para o sofá, que tinha sido afastado da mesa para abrir espaço para as danças...

Ivan Ilitch acalmou-se um pouco e deixou-se cair no divã; já no mesmo instante alguém se precipitou a puxar a mesa. Ele lançou um rápido olhar ao redor de si e reparou que era o único que estava sentado, e todos os outros estavam de pé, até mesmo as senhoras. Era um mau sinal. Porém ainda não era tempo para animar os convidados. Eles ainda recuavam, e diante dele estava só Pseldonímov, curvando-se, ainda sem compreender o que estava acontecendo e sem sequer conseguir sorrir. Em resumo, as coisas iam mal: nesse momento nosso herói passou por uma tristeza tão grande que seu gesto era digno de Harum Al-Raschid[24] para com o subordinado, pelo bem dos princípios, podia ser considerado um ato heróico. Mas de repente uma certa figura veio parar ao lado de Pseldonímov e começou a cumprimentá-lo. Para sua indescritível alegria e até felicidade, Ivan Ilitch reconheceu naquele momento o secretário-chefe de sua repartição, Akim Petróvitch Zúbikov, que, apesar de não serem próximos, o conhecia como um funcionário discreto e eficiente. Ele imediatamente levantou e estendeu a mão para Akim Petróvitch, a mão bem aberta e não apenas dois dedos. Este a apertou com ambas as mãos com profundo respeito. O general comemorava; tudo estava salvo.

De fato agora já não era mais necessário referir-se a Pseldonímov na segunda pessoa, mas sim na terceira. Pralínski podia relatar o caso do cocheiro para o secretário-chefe, pela necessidade de ser acolhido pelo conhecido, enquanto para Pseldonímov restava ficar calado e estremecer de assombro. A honra estava salva. E o relato fazia-se necessário, Ivan Ilitch sentia isso, ele percebia que todos os convidados aguardavam algo, que nas portas apinhavam-se todos os da casa e quase amontoavam-se uns sobre os outros para olhá-lo e ouvi-lo. O que não era muito bom era o fato de o secretário-chefe, por tolice, permanecer em pé.

[24]Harum Al-Raschid foi um califa abássida, líder político e religioso do Estado Islâmico, 786 – 809.

— Ora você! – disse Ivan Ilitch desajeitadamente, indicando a ele o sofá perto de si.

— Perdão... não ficarei muito tempo aqui – Akim Petróvitch sentou-se rapidamente na cadeira que lhe fora oferecida por Pseldonímov, que permanecia obstinadamente em pé.

— Imagina só o que me aconteceu, – começou Ivan Ilitch, voltando-se exclusivamente para Akim Petróvitch, tremendo um pouco, mas já com a voz desenvolta. Ele até prolongava e dividia as palavras, reforçava as sílabas, a letra *a* pronunciava como um *é*, enfim, em uma única palavra, ele próprio tinha consciência de que falava de modo afetado, mas já não conseguia conter-se, sobre ele agia uma força externa. Ele, penosamente, naquele instante, dava-se conta disso.

— Bem, imagina só, acabo de sair da casa de Stiepan Nikíforovitch Nikíforov, talvez já tenham ouvido falar dele, o conselheiro secreto. Nessa... comissão...

Akim Petróvitch curvou-se com todo o corpo como que dizendo: "Como é que posso não ter ouvido?"

— Ele agora é seu vizinho – continuou Ivan Ilitch e num instante, só para constar, voltou-se para Pseldonímov, mas depressa se virou de volta, ao perceber que o olhar do funcionário não fazia nenhuma diferença para ele.

— O velho, como o senhor deve saber, sonhou a vida inteira em comprar sua própria casa... Pois bem, comprou-a. E é uma casa muito bonita. Sim... E hoje ele faz aniversário, o qual ele antes nunca comemorara, e até mesmo escondia de nós, criava desculpas sem necessidade, he-he! Mas agora está tão contente com a casa nova que convidou a mim e Semión Ivánovitch. Conhecem-no: o senhor Chipuliénko.

Akim Petróvitch tornou a se curvar. Dessa vez com maior afinco! Ivan Ilitch começava a ficar um pouco mais tranquilo. E já lhe vinha à mente o pensamento de que o secretário-chefe talvez pudesse adivinhar que fosse o ponto de apoio indispensável de sua Excelência. Isso seria o mais desagradável.

— Então, ficamos nós três, bebendo *champagne* e conversando sobre diversos assuntos... Sobre uma coisa e outra, sobre diversos problemas... Até dis-cu-ti-mos... he-he!

Akim Petróvitch ergueu respeitosamente as sobrancelhas.

— Mas não é sobre isso que quero falar. Enfim, nos despedimos, o velho é sempre muito pontual, deita-se cedo, sabem como é, a velhice. Deixamos a casa e... meu

Trifon não estava lá! Pergunto: “Onde meteu-se Trifon com a carruagem?” Descobri que ele, contando que eu fosse ficar mais tempo, foi para o casamento de uma comadre sua ou alguma de suas irmãs... só Deus sabe. Aqui mesmo, em algum canto do Lado Petersburguês. E, aproveitando a ocasião, foi de carruagem. – O general, por educação, tornou a lançar um olhar para Pseldonímov. Este imediatamente curvou-se, mas não do modo que o general precisava. “Esse sujeito não demonstra nenhuma compaixão, nenhuma cordialidade” – pensou.

— É mesmo? – disse Akim Petróvitch de forma afetada. Um breve ruído de assombro atravessou toda a multidão.

— Pode imaginar minha situação... (Ivan Ilitch lançou um olhar em torno.) Não havia nada a fazer, decidi vir a pé. Pensei, vou caminhando devagar em direção à Avenida Bolchói, até encontrarar algum cocheiro... he-he!

— Hi-hi-hi! – respondeu Akim Petróvitch de modo respeitoso. E mais uma vez um ruído surdo percorreu a sala, mas dessa vez de modo mais alegre, atravessando todas as pessoas. Nessa hora, ouviu-se um estalo, o vidro da lâmpada na parede quebrou-se. Alguém correu com fervor para tentar consertar. Pseldonímov estremeceu e olhou de modo severo para a lâmpada, mas o general nem deu atenção a isso e tudo se acalmou.

— Bem, estava caminhando a pé... A noite está tão bela e serena. De repente, começo a ouvir uma música e um barulho de pessoas dançando. Perguntei para um policial que me informou: Pseldonímov casou-se hoje. É você, meu caro, por todo o Lado Petersburguês sabe-se que está dando uma festa. Há-há – tornou de repente a se dirigir a Pseldonímov.

— Hi-hi-hi! Sim, senhor... – respondeu Akim Petróvitch, os convidados recomeçaram a se movimentar, porém, o que era mais tolo é que Pseldonímov, ainda que tornasse a fazer uma reverência, nem mesmo agora sorria, como se fosse pedra. “Será que ele é um bobo? – pensou Ivan Ilitch. – Se esse parvo ao menos sorrisse, tudo estaria resolvido.” O coração palpitava-lhe de impaciência. – Pensei, vou fazer uma visita ao meu subordinado. Pois não haverá de me expulsar... quer queira quer não, há de receber o convidado. Você, meu caro, por favor, me perdoe. Se estou incomodando, irei-me embora... Pois só entrei para ver...

Mas aos poucos já começava uma movimentação geral. Akim Petróvitch olhava com doçura: “Imagine, como poderia Sua Excelência incomodar?” Todos os convidados começavam a se mexer e a dar os primeiros sinais de desembaraço. As senhoras já

estavam quase todas sentadas. Era um bom sinal e favorável à situação. As damas mais ousadas abanavam-se com os lenços. Uma delas, usando um vestido de veludo gasto pelo tempo, disse algo de propósito em voz alta. O oficial, a quem ela se dirigia, também queria ter lhe respondido em voz um pouco mais alta, mas como eles eram as duas únicas pessoas que falavam alto, ele se rendeu. Os homens, todos funcionários de repartição e mais dois ou três estudantes, entreolhavam-se como que acotovelando uns aos outros, tossiam e até começaram a dar alguns passos em diferentes direções. Aliás, ninguém estava muito acanhado, mas todos pareciam ariscos e quase todos olhavam de modo hostil para a pessoa que surgiu do nada na festa para interromper a alegria. O oficial, envergonhado de sua própria covardia, começou aos poucos a aproximar-se da mesa.

— Escuta, meu caro, permita-me perguntar, qual o seu nome e patronímico? – indagou Ivan Ilitch a Pseldonímov.

— Porfiri Petrov, Vossa Excelência – respondeu ele, esbugalhando os olhos, como se estivesse em uma parada militar.

— Apresente-me, Porfiri Petrovitch, à sua jovem esposa... Leve-me até ela... Eu...

E ele demonstrou a intenção de se levantar. Mas Pseldonímov lançou-se rapidamente pela sala. Aliás, a jovem estava ali mesmo, de pé, à porta, mas assim que ouviu que falavam dela, imediatamente se escondeu. Um minuto depois, Pseldonímov a trazia pela mão. Todos se afastaram, dando-lhes passagem. Ivan Ilitch levantou-se solenemente e dirigiu-se a ela com um sorriso amável.

— Muito, muito prazer em conhecê-la – disse ele com uma saudação que pareceu uma reverência aristocrática –, sobretudo num dia como o de hoje.

Ele sorriu de modo zombeteiro. As senhoras mostravam uma agradável agitação.

— *Charmée*[25] – disse a dama de vestido de veludo quase em voz alta.

A noiva merecia Pseldonímov. Ela era jovem magrinha, tinha uns dezessete anos apenas, pálida, de rosto bem pequeno e um narizinho pontudo. Seus olhinhos pequenos, vivos e fugidios, não pareciam absolutamente embaraçados, ao contrário, encaravam e até demonstravam certa hostilidade. Ao que parece, Pseldonímov casava-se com ela não por sua beleza. Ela usava um vestido branco com bainha cor de rosa. Tinha o pescoço

[25]No original, шарме, provavelmente, a forma russificada do termo em francês.

fino e o corpo como o de um frango com os ossos aparecendo. À saudação do general, não soube dizer absolutamente nada.

— Sim, ela é bonitinha – continuou ele a meia voz, como que se dirigindo exclusivamente a Pseldonímov, mas intencionalmente, para que a noiva também ouvisse. Mas ainda assim Pseldonímov não respondeu nada nem a isso e nem mesmo se curvou dessa vez. Ivan Ilitch teve a impressão de que nos olhos dele havia algo de frio, reprimido, para não dizer hostil. No entanto, tinha que conseguir de todo jeito a simpatia de Pseldonímov. Pois era para isso que tinha vindo.

"E que casalzinho! – pensou ele. – Entretanto..."

E tornou a se voltar para a noiva, que se sentara ao seu lado no sofá, mas às duas ou três perguntas que fizera, tornou a obter como resposta apenas "sim" e "não", e nem essas eram dadas por completo.

"Se ao menos ficasse um pouco acanhada – continuou ele para si. – Eu então começaria a brincar. Mas, assim, estou numa situação sem saída." E Akim Petróvitch, como que de propósito, também estava calado, ainda que fosse por imbecilidade, mas isso tudo era imperdoável.

— Meus senhores! Será que estou estragando a diversão dos senhores? – dirigia-se ele a todos de um modo geral. Sentia que até a palma de suas mãos suavam.

— Não senhor... Não se preocupe, Vossa Excelência, já vamos começar, mas agora... estamos descansando um pouco, senhor – respondeu o oficial. A noiva olhou para ele com prazer: o oficial não era velho e já usava o uniforme de um certo destacamento. Pseldonímov postara-se ali mesmo, inclinando-se para frente, e parecia que seu nariz adunco estava mais aparente do que antes. Ele escutava e olhava como um lacaio, que fica em pé segurando o casaco de pele à espera do término da conversa dos seus senhores. Essa comparação quem fez foi o próprio Ivan Ilitch, que se sentia perdido, sentia-se desconfortável, terrivelmente desconfortável, e parecia que o chão sumia de seus pés, que se metera numa situação da qual não conseguia sair, como se estivesse em meio às trevas.

***

De repente todos abriram passagem e surgiu uma mulher robusta, não muito alta, já de certa idade, vestida com simplicidade, apesar de estar arrumada, com um grande

lenço nos ombros, preso com grampos perto do pescoço e uma touquinha que, pelo visto, não estava acostumada a usar. Nos braços, carregava uma pequena bandeja redonda, na qual havia uma garrafa de *champagne* inteira, já aberta, e duas taças, nem mais nem menos. A garrafa, evidentemente, estava destinada a apenas dois convidados.

A senhora de idade aproximou-se do general.

— Tenha a bondade, Vossa Excelência – disse ela, curvando-se –, já que o senhor nos deu a honra de vir ao casamento de meu filho, agradeceríamos se pudesse brindar pelos noivos. Não nos negue isso, dê-nos essa honra.

Ivan Ilitch agarrou-se a ela como se fosse a sua salvação. Ela ainda era uma mulher nova, de uns quarenta e cinco ou quarenta e seis anos, não mais que isso. Mas tinha um rosto russo redondo tão bondoso, corado e tão franco, sorria de modo tão bondoso e se curvava com tanta simplicidade, que Ivan Ilitch sentiu-se quase consolado e começou a ter esperanças.

— Então vo-cê-cê é a mã-mã-mãe de seu fi-lho? – falou ele, erguendo-se do sofá.

— Minha mãe, Vossa Excelência – balbuciou Pseldonímov, estendendo seu longo pescoço e tornando a expor o nariz.

— Ah! Muito prazer, mui-muito prazer em conhecê-la.

— Dê-nos essa honra, Vossa Excelência.

— Com o maior prazer.

Colocaram a bandeja sobre a mesa e Pseldonímov apressou-se em servir o vinho. Ivan Ilitch, já em pé, pegou a taça.

— Eu estou particularmente, particularmente contente com essa ocasião... – começou ele – já que posso... nesta ocasião, testemunhar... Em resumo: como chefe... desejo-lhes, senhora (ele se voltou para a recém-casada), e a você, meu amigo Porfiri – desejo a mais próspera e completa felicidade, e que dure por muito tempo.

E bebeu da taça com profundo sentimento, a sétima que bebia nessa noite. Pseldonímov olhava com seriedade e até aborrecimento. O general começava penosamente a odiá-lo.

"Esse espantalho (ele olhou para o oficial) quer chamar a atenção. Se ao menos ele gritasse: hurra! E os outros continuassem..."

— Você também, Akim Petróvitch, beba pela felicidade do casal – acrescentou a velha, dirigindo-se ao secretário-chefe. – Você é o superior, ele é seu subordinado.

Proteja meu filho, como mãe eu lhe peço. E não se esqueça de nós no futuro, nosso caro Akim Petróvitch, você é um bom homem.

"Como são adoráveis essas velhas russas! – pensou Ivan Ilitch. – Ela animou a todos. Sempre gostei desse espírito nacional..."

Nesse minuto, trouxeram para a mesa mais uma bandeja. Quem trouxe foi uma criada que usava um vestido de algodão que farfalhava, por ainda não ter sido lavado, e uma crinolina. Ela mal conseguia segurar a enorme bandeja. Nela estava uma infinidade de pratos com maçãs, confeitos, pastilá, geleia de frutas, nozes gregas etc. etc. A bandeja estava até agora na sala para ser servida a todos os convidados, e de preferência às damas. Mas agora fora levada apenas ao general.

— Não despreze, Vossa Excelência, nossas guloseimas. O que temos, oferecemos – repetia a velha, fazendo-lhe reverência.

— Ora... – disse Ivan Ilitch, que pegou e esmagou com os dedos uma noz grega até mesmo com prazer. Ele já tinha se decidido a ser popular até o fim.

Entretanto, a noiva de repente começou a rir.

— O que foi? – perguntou Ivan Ilitch com um sorriso, alegrando-se com esse sinal de vida.

— É que Ivan Kostenkínitch faz-me rir – respondeu ela baixando os olhos.

O general de fato notou um jovem loiro, bem apessoado, que se ocultava atrás da cadeira do outro lado do sofá e sussurrava algo a *madame* Pseldonímov. O rapaz levantou-se. Ele parecia muito ser acanhado e muito jovem.

— Estava lhes falando sobre o "Livro dos sonhos", Vossa Excelência – murmurou ele, como que se desculpando.

— Sobre que livro? – perguntou Ivan Ilitch com um ar superior.

— Há, senhor, um novo livro dos sonhos, senhor, é literário, senhor. Eu lhe dizia, senhor, que encontrar em sonho o senhor Panáiev, isso significa derramar café no peitilho da camisa, senhor.

"Ora, quanta ingenuidade" – pensou com certa raiva Ivan Ilitch. O rapaz, contudo, enrubesceu muito ao dizer isso, mas estava incrivelmente contente pelo seu relato sobre o senhor Panáiev.

— Pois sim, é verdade, ouvi dizer... – respondeu sua Excelência.

— Não, há um outro ainda melhor – disse outra voz junto com a de Ivan Ilitch - o novo dicionário que está sendo publicado, pois é, dizem que o senhor Kraiévski irá escrever um verbete... e algo polême*e*co no meio literário...

Isso foi dito por um rapaz que não era tímido, mas até bem atrevido. Ele estava de luvas, de colete branco e tinha nas mãos um chapéu. Ele não dançava, olhava de modo arrogante, visto que era o colaborador da revista satírica "Golovéchka[26]", ele dava o tom e viera ao casamento por acaso, como convidado de honra de Pseldonímov, o qual tratava por você e com quem no ano passado estivera junto na penúria, morando "pelos cantos" de um alojamento de uma senhoria alemã. No entanto, ele só bebia vodca e já mais de uma vez se ausentara por isso, dirigindo-se a um aposento isolado, lugar cujo caminho todos os convidados conheciam. Ele não agradou ao general nem um pouco.

— É ridículo porque... – interrompeu de repente o jovem loiro com prazer, o mesmo que tinha contado sobre o peitilho da camisa e para o qual o colaborador de colete branco olhou com ódio por isso – é ridículo, Vossa Excelência, porque o autor presume que o senhor Kraiévski não conheça as regras ortográficas e pense que "literatura polêmica" seja escrita como polêmeco...

Mas o pobre rapaz mal acabou de falar e percebeu pelos olhos do general que este já conhecia há muito essa história, porque o próprio Pralínski também ficou um pouco confuso, pois, ao que parece, já tinha conhecimento da história. O rapaz começou até a se sentir muito envergonhado. Ele desapareceu depressa, e ficou muito melancólico o restante da noite. Já o colaborador atrevido do "Golovéchka" aproximou-se mais e parecia querer sentar-se perto do general. Tal ousadia pareceu a Ivan Ilitch um tanto incômoda.

— Diga, por favor, Porfiri – começou ele, só para falar alguma coisa – por que – eu sempre quis te perguntar isso pessoalmente – por que você se chama Pseldonímov, e não Psevdonímov? Pois você de certo deve ser Psevdonímov, não é mesmo?

— Não posso lhe informar com exatidão, Vossa Excelência – respondeu Pseldonímov.

— Esse nome, decerto, era de seu pai quando ele começou a servir no exército, devem ter confundido nos documentos assim que ele entrou para o serviço e ficou assim até o presente, Pseldonímov – respondeu Akim Petróvitch. – Isso acontece.

[26]Uma possível tradução para o nome da revista satírica é "A brasa".

— Cla-cla-ro, – acrescentou o general com entusiasmo – Cla-cla-ro, desse modo, imagine você: Psevdonímov – pois isso vem do termo literário “pseudônimo”. Pois bem, e Pseldonímov não tem nenhum significado.

— Por estupidez – acrescentou Akim Petróvitch.

— O que quer dizer com esse por estupidez?

— O povo russo, por estupidez, às vezes troca as letras e pronuncia as palavras de acordo com a própria vontade. Por exemplo, dizem sem-válido e o correto seria dizer inválido.

— É verdade, sem-válido, he-he-he...

— Também dizem múmero, vossa Excelência – deixou escapar o oficial alto, o qual há muito já parecia cochichar alguma coisa e que queria distinguir-se de qualquer maneira.

— O que quer dizer isso, múmero?

— Múmero no lugar de número, vossa Excelência.

— Ah, sim, múmero... no lugar de número... É mesmo, é... he-he-he!... – Ivan Ilitch teve que rir para o oficial também.

O oficial arrumou a gravata.

— E, vejam, dizem também: dianti – intrometeu-se o colaborador do “Golovéchka”. Mas sua Excelência tratou de não prestar atenção. Já não podia rir para todos.

— Dianti no lugar de diante – importunava o “colaborador” com visível irritação.

Ivan Ilitch olhou para ele de modo severo.

— Por que é que você o importuna? – cochichou Pseldonímov para o colaborador.

— O que é que tem? Eu estou apenas conversando. Será que é proibido falar? – começou a discutir este em voz baixa, porém calou-se e saiu do quarto com uma raiva reprimida.

Ele se meteu direto no atraente aposento dos fundos da casa, onde, para os dançarinos ainda no começo da noite estava posta uma pequena mesinha, coberta com uma toalha de mesa feita em Iaroslavl, duas vodcas de tipos diferentes, arenque, pedacinhos de pão com caviar e uma garrafa de Xerez muito forte de uma adega nacional. Com ódio no coração, ele já quis servir-se de vodca, mas logo em seguida

entrou correndo o estudante de medicina, com os cabelos desgrenhados, o melhor dançarino da festa de Pseldonímov. Ele, ávido e apressado, lançou-se para a garrafa.

— Começarão em um instante! – disse ele, servindo-se às pressas. – Venha ver: farei um solo com as pernas para o ar, e depois tentarei o *peixinho*. Isso até que cairá bem para um casamento. Por assim dizer, um sinal de amizade para com Pseldonímov... Simpática essa Kleopatra Semenovna, com ela se pode arriscar de um tudo.

— É um retrógrado – respondia sorumbático o colaborador, bebendo do cálice.

— Quem é retrógrado?

— Ora, esse figurão diante do qual colocaram a pastilá. Um retrógrado! Estou lhe dizendo!

— Só você mesmo! – murmurou o estudante e lançou-se para fora da sala, escutando o ritornelo da quadrilha.

O colaborador, ao ficar sozinho, serviu-se mais para ter mais coragem e independência, bebeu, comeu os antepastos, e nunca o conselheiro de Estado Ivan Ilitch adquirira para si um inimigo tão violento e um vingador tão implacável como o por ele menosprezado colaborador do "Golovéchka", sobretudo depois de dois cálices de vodca. Infelizmente, Ivan Ilitch não suspeitava de nada disso. E não suspeitava também de que já havia um motivo principal, que iria influenciar todas as relações seguintes dos convidados para com sua Excelência. Acontece que ele, apesar de ter dado, da sua parte, uma explicação decente e até minuciosa de sua presença no casamento de seu subordinado, ainda assim essa explicação, que essencialmente não satisfezia ninguém, apenas fez com que os convidados continuassem se canhar. Porém, de repente, tudo mudou como que por algum feitiço, todos se acalmaram e estavam prontos a se divertir, a rir às gargalhadas, a lançar gritinhos agudos e a dançar, do mesmo modo como se o convidado inesperado já não estivesse no aposento. A razão disso era que o boato, o cochicho, a notícia que se espalhou, sabe-se lá como, de que o hóspede, aparentemente, ora esse... estava breaco e, apesar de parecer, à primeira vista, uma calúnia, aos poucos tornou-se como que verdade, de modo que de repente tudo ficou claro. Não só isso, de repente todos sentiram uma liberdade incomum. E eis que nesse momento teve início a quadrilha, a última antes da ceia, para a qual o estudante de medicina tanto se apressava.

E nesse instante Ivan Ilitch quis tornar a se dirigir à recém-casada, tentando dessa vez conquistá-la com um certo trocadilho, mas de repente acercou-se dela o oficial alto e, num ímpeto, ajoelhou-se num só joelho. Ela imediatamente saltou do divã

e voou com ele para se colocar nas fileiras da quadrilha. O oficial nem mesmo pediu desculpas e ela nem olhou para Pralínski ao ir embora, até mesmo parecia contente por livrar-se dele.

"Pensando bem, na verdade, ela está no seu direito – pensou Ivan Ilitch – é, mas eles não sabem ser decorosos."

— Hum... meu caro Porfiri, não precisa de cerimônias – voltou-se para Pseldonímov. – Pode ser que tenha alguma coisa a tratar lá... sobre alguma situação... por favor, não se prenda a mim. "Por acaso ele está me vigiando?" – acrescentou para si mesmo.

Ele não aguentava mais Pseldonímov parado, com seu longo pescoço, olhando-o fixamente e contemplando-o. Uma palavra: tudo isso não era como ele imaginara, mas Ivan Ilitch ainda estava longe de reconhecer isso.

***

A quadrilha começou.

— Posso servi-lo, vossa Excelência? – perguntou Akim Petróvitch respeitosamente, segurando a garrafa e preparando-se para encher a taça de sua Excelência.

— Eu... Eu, de fato, não sei se devo...

Mas Akim Petróvitch, com uma expressão de veneração radiante no rosto, enchia a taça de *champagne*. Ao servir, ele como que furtivamente, lembrando a figura de um ladrão, encolhendo-se e contorcendo-se, encheu a sua própria taça, com uma única diferença: deixou um dedo a menos, pois considerava isso mais respeitoso. Ele sentia-se como uma mulher no parto, sentado perto de seu superior. Sobre que assunto começariam a conversar? Era preciso entreter sua Excelência, nem que fosse por obrigação. Já que ele tinha a honra de lhe fazer companhia. A *champagne* serviu como uma saída, e sua Excelência pareceu até estar contente quando ele encheu-lhe a taça - não pela *champagne*, porque estava quente e era naturalmente uma porcaria total, o agrado era moral.

"É o próprio velho que está querendo beber – pensou Ivan Ilitch – e se eu não estivesse aqui, ele se atreveria a beber mais. Não o vou impedir... Seria até ridículo se a garrafa ficasse assim, intacta, entre nós."

Ele tomou um gole e, apesar de tudo, pareceu-lhe melhor beber do que apenas ficar ali sentado.

— Pois estou aqui – começou ele com disposição e acentuando as palavras – pois estou aqui, por assim dizer, por acaso e sem dúvida, talvez, alguns acharão... que eu... por assim dizer, inde-coro-samente vim aparecer em tal... reunião.

Akim Petróvitch estava calado e escutava atentamente com uma curiosidade tímida.

— Mas tenho esperanças de que você compreenda o motivo que me trouxe aqui... Pois não vim para tomar o vinho. He-he!

Akim Petróvitch estava com vontade de começar a rir de sua Excelência, mas se reprimiu e de novo não respondeu absolutamente nada de bom.

— Eu estou aqui... para, por assim dizer, animar... fazer mostrar, por assim dizer, o objetivo moral, por assim dizer – continuava Ivan Ilitch, desgostando da burrice de Akim Petróvitch, mas de repente ele próprio se calou. Ele percebeu que o pobre Akim até baixou os olhos, como se fosse culpado por alguma coisa. O general, confuso, apressou-se a tomar mais um gole de sua taça e Akim Petróvitch apanhou a garrafa e adicionou mais, como se a sua salvação estivesse toda ali.

"São poucos os seus recursos" – pensou Ivan Ilitch, olhando severamente para o pobre Akim Petróvitch. Esse, então, já pressentindo o olhar severo do general, decidiu ficar definitivamente calado e nem levantar os olhos. Assim, por uns dois minutos eles ficaram sentados um diante do outro, dois mórbidos minutos para Akim Petróvitch.

Duas palavras sobre Akim Petróvitch. Ele era um homem obediente como uma galinha, homem de velha têmpera, educado no servilismo e, entretanto, uma pessoa boa e até nobre. Ele era dos russos, isto é, seus pais e avós nasceram, cresceram e serviram em Petersburgo e nem uma vez saíram da cidade. Esse é um tipo especial de homem russo. Sobre o que é a Rússia eles quase não têm a mínima ideia, mas não se incomodam em absoluto com isso. Todos eles preocupam-se somente com Petersburgo e, principalmente, com o lugar em que servem. Todos os seus assuntos concentram-se em jogos de cartas por copeques e no ordenado mensal. Eles não conhecem nenhum costume russo, nenhuma canção russa, a não ser "Lutchínucka[27]", e essa eles conhecem só porque tocam essa canção no realejo. No entanto, há dois indícios fundamentais e inabaláveis pelos quais você já discerne um verdadeiro russo de um russo de

[27]Canção russa que pode ser traduzida como "A lasca".

Petersburgo. O primeiro indício consiste em que todos os russos petersburgueses, todos, sem exceção, nunca dizem: "Petersburskii Viedómosti[28]", mas sempre pronunciam: "Akademítcheskii Viedómosti[29]". O segundo indício, igualmente essencial, consiste em que o russo petersburguês nunca emprega o termo "café da manhã", mas sempre diz "frichtik[30]", ressaltando de modo especial o som *fri*. Você sempre os saberá distinguir por esses dois indícios principais e característicos. Em suma, esse tipo resignado que se formou por completo nos últimos trinta e cinco anos. Ademais, Akim Petróvitch não era nenhum bobo. Se o general tivesse lhe perguntado por algo conveniente, Akim iria manter uma conversa; porque não convém a um subordinado nem mesmo responder a tais questões, ainda que Akim Petróvitch morresse de curiosidade de saber algo mais detalhado sobre as verdadeiras intenções de sua Excelência...

Enquanto isso Ivan Ilitch afundava-se cada vez mais em meditação e em um redemoinho de ideias, nessa distração ele nem se fazia notar, mas a todo instante bebia aos golinhos da garrafa. Akim Petróvitch punha mais bebida com cuidado. Os dois estavam calados. Ivan Ilitch começava a observar as danças, e logo elas até chamaram a sua atenção. De repente uma circunstância até o surpreendeu...

De fato, as danças eram alegres. Aqui estavam dançando de verdade, na simplicidade dos corações, para se divertir e até fazer bagunça. Os dançarinos hábeis eram muito poucos, porém os desajeitados marcavam com tal força o compasso que quase podiam ser tomados por hábeis. Em primeiro lugar, distinguia-se o oficial: ele apreciava seus passos, principalmente quando ficava sozinho, dançando solo. Então ele surpreendia arqueando-se, e justamente: todo reto como uma *versta*, ele de repente inclinava-se de tal modo que se pensava que iria cair, mas no passo seguinte ele se curvava de súbito para o lado oposto formando o mesmo ângulo obtuso com o chão. A expressão de seu rosto era compenetrada, enquanto dançava, e ele estava convicto de que todos o admiravam. Outro cavalheiro já no segundo passo da quadrilha pegou no sono perto de sua senhora, sendo carregado para beber antes da quadrilha, de tal modo que sua dama se vira obrigada a dançar sozinha. Um jovem registrador que dançava com a dama de echarpe azul clara, em todos os passos e em todas as cinco quadrilhas que dançaram nessa noite, lançava o tempo todo a mesma graçinha e era isso mesmo: ele atrasava-se em relação ao seu par, agarrava a ponta de sua echarpe e, enquanto o

[28]Uma possível tradução seria "Diário oficial de Petersburgo".
[29]Uma possível tradução seria "Diário oficial da Academia".
[30]Uma possível tradução seria "desjejum".

cachecol estava no ar, quando mudavam-se as figuras, conseguia imprimir nessa pontinha umas duas dezenas de beijos. A dama, já à frente dele, ia como se não percebesse nada. O estudante de medicina de fato se punha de pernas para o ar e produzia uma admiração exaltada, um bater de pés e ganidos de felicidade. Em uma palavra, a liberdade era extrema. A bebida já fazia efeito em Ivan Ilitch e ele começava a sorrir, mas aos poucos uma certa dúvida amarga começou a se insinuar em sua alma: com certeza ele apreciava muito o desembaraço, havia até mesmo mentalmente desejado essa falta de cerimônia no momento em que todos recuaram, mas agora esse desembaraço já começava a ultrapassar os limites do aceitável. Uma dama, por exemplo, usando um vestido gasto de veludo azul, comprado de quarta mão, no sexto passo da quadrilha, prendeu a barra do vestido com alfinetes de tal modo que parecia que estava usando apenas calças de baixo. Essa era aquela mesma Kleopatra Semenióvna, com a qual se podia arriscar de um tudo, como havia dito seu par, o estudante de medicina. Sobre o estudante de medicina era até inútil falar: era tão-somente um Fokin.[31] Como assim? Ora, até há pouco tempo eles recuavam e então de repente era como se tivessem se emancipado! Parece que não é nada, mas de uma forma estranha deu-se essa passagem: ele podia pressagiar algo. Realmente, era como se eles tivessem se esquecido completamente de que Ivan Ilitch estava ali. Inicialmente, ele estava feliz por isso e até mesmo arriscou aplaudir os dançarinos. Akim Petróvitch ria de modo respeitoso para ele em uníssono, aliás com um visível prazer, sem suspeitar que já começava a se formar no coração de Ivan Ilitch um novo verme.

— Jovem, você dança bem – Ivan Ilitch sentiu-se obrigado a dizer ao estudante, que passava por perto. A quadrilha acabava de terminar.

O estudante voltou-se para ele de modo abrupto, contorceu-se em uma careta e, aproximando o rosto do de sua Excelência, a até uma distância inconveniente, gritou a plenos pulmões como um galo. Isso já era demais. Ivan Ilitch levantou-se da mesa. Não obstante, seguiu-se uma gargalhada, pois o grito do galo fora admiravelmente semelhante ao som natural produzido por esse animal, e toda a careta fora completamente inesperada. Ivan Ilitch ainda estava de pé, como que perplexo, quando de repente apareceu o próprio Pseldonímov e, saudando-o, convidou o general para a ceia. Atrás dele surgiu sua mãe.

[31]Um célebre acrobata e palhaço russo.

— Paizinho, vossa Excelência – dizia ela, saudando-o – dê-nos a honra de cear conosco, não tenha nojo da nossa pobreza...

— Eu... eu, verdadeiramente, não sei... – começou Ivan Ilitch – Eu realmente não vim para... eu... já estava pensando em ir embora...

De fato, ele segurava seu gorro. Não somente: já nesse instante, ele prometera a si mesmo de que iria embora agora mesmo, sem falta, e que não ficaria de jeito nenhum, já colocara-se de pé e não permaneceria mais ali e... e acabou permanecendo. Ao cabo de um minuto ele deu início ao cortejo em direção à mesa. Pseldonímov e sua mãe iam à sua frente abrindo caminho. Fizeram-no sentar no lugar de honra e, novamente havia uma garrafa de *champagne* intacta diante dele. De entrada ofereceram arenque e vodca. Ele esticou a mão e se serviu, enchendo um enorme cálice e bebendo. Ele nunca tinha tomado vodca antes. Sentia-se como que rolando montanha abaixo, rolando, rolando, rolando, era necessário fixar-se, agarrar-se a alguma coisa, mas já não havia nenhuma possibilidade disso.

***

Com efeito, sua situação tornava-se cada vez mais excêntrica. Não somente: isso parecia uma brincadeira do destino. Só Deus sabe o que aconteceu com ele nessa hora. Quando entrara na festa, ele, por assim dizer, estava estendendo os braços para toda a humanidade e ainda para seus próprios subordinados e eis que passara uma hora e ele sentia com todas as dores do seu coração, sentia e sabia que odiava Pseldonímov, amaldiçoava o funcionário, sua esposa e o seu casamento. Como se isso fosse pouco, ele, pela fisionomia, só pelos olhares, percebia que o próprio Pseldonímov também o odiava, que ele o encarava quase dizendo: "Vá para inferno, maldito! Veio me importunar!..." Tudo isso ele desde muito tempo já lera no olhar de Porfiri.

Sem dúvida, Ivan Ilitch, que até agora estivera sentado à mesa, preferiria cortar a própria mão a reconhecer francamente a situação em que se encontrava, não somente em voz alta, mas até mesmo para si próprio, de que tudo isso estava de uma forma diferente da que imaginara. O minuto ainda não chegou e agora havia ainda uma certa oscilação moral. Mas o coração, o coração... doía! Ele clamava por liberdade, por ar, por descanso. Pois Ivan Ilitch era um homem bondoso demais.

Com efeito, ele sabia, e sabia muito bem, que era necessário partir, isso sabia já há muito tempo, e não só partir simplesmente, mas mesmo escapar. Que tudo isso

aconteceu de repente e não da forma como ele imaginara há pouco, enquanto caminhava pela ponte de madeira.

"Mas qual foi o motivo que me trouxe aqui? Será possível que vim até aqui só para comer e beber?" – perguntava-se a si próprio, comendo um pedaço de arenque. Ele até chegou a um momento de negação. Em sua alma havia momentos em que ironizava o próprio feito. Nem ele mesmo conseguia entender a razão por que entrara na festa.

Mas como iria partir? Não era possível partir sem dar um fim à situação. "O que hão de dizer os outros? Hão de dizer que frequento lugares impróprios. E seria isso mesmo o que aconteceria se eu saísse sem dar um fim à situação. O que dirão amanhã, por exemplo (visto que já em toda parte devem conhecer a história) Stiepan Nikíforovitch, Semión Ivánitch, em todas as repartições, na casa de Chémbel e na de Chúbin? Não, preciso partir somente depois que todos compreendam o motivo pelo qual vim, é necessário revelar o objetivo moral... – Entretanto, o momento patético para revelar o propósito da visita não aparecia. – Eles já nem me respeitam – continuava ele. – Do que estão rindo? São tão atrevidos, como que insensíveis... Realmente, eu já suspeitava de toda essa insensibilidade da nova geração! É preciso ficar, de uma forma ou de outra!... Até agora eles dançavam, mas eis que estão agora reunidos à mesa... Não deixarei de falar sobre os problemas, sobre as reformas, sobre a grandeza da Rússia... Eu ainda os arrebatarei com o meu discurso! Sim! Talvez nem tudo esteja perdido... Talvez, de fato, deva acontecer dessa forma. E como irei começar para atrair a atenção deles? Que técnica empregar para lhes chamar a atenção? Não sei, simplesmente não sei... E o que é necessário, o que eles exigem?... Percebo que estão lá rindo um para o outro... Será que estão rindo de mim, meu Deus! Do que eu preciso... porque estou aqui e por que não vou embora, o que procuro conseguir aqui?..." Pensava sobre isso e uma certa vergonha, uma profunda, insuportável vergonha cada vez mais dilacerava-lhe o coração.

***

Mas tudo ia de tal maneira que parecia não ter muito o que fazer.

Passados exatos dois minutos desde que se sentara à mesa, um pensamento terrível apoderou-se de todo o seu ser. De repente sentiu que estava horrivelmente bêbado, isto é, não como antes, mas definitivamente bêbado. A razão disso era o cálice de vodca tomado logo após a *champagne* que fizera efeito imediato. Ele sentia, sentia

enfraquecer todo o seu ser. A coragem só aumentava, mas a consciência não lhe abandonava e lhe gritava: “Não está bem, não está nada bem, está até indecoroso!” Com certeza, seus pensamentos instáveis de bêbado não conseguiam fixar-se num ponto: neles de repente apareceram, até mesmo de modo palpável, certas duas partes de um mesmo eu. Uma era corajosa, desejosa de triunfo, que queria derrubar os obstáculos e uma certeza tremenda de que ainda alcançaria seus objetivos. A outra parte entregava-se a aflitos lamentos da alma e uma vozinha em seu coração dizia: “O que irão dizer? Como isso há de acabar? Como será amanhã, amanhã, amanhã!...”

Anteriormente, ele bem que pressentia que entre os convidados já tinha inimigos. “Isso deve ser porque eu já estava bêbado” – pensou ele com uma dúvida cruel. Qual não foi o seu pavor quando, por meio de sinais incontestáveis, se convenceu de que agora mesmo estava à mesa com seus inimigos e que, quanto a isso, já não restava dúvidas.

“E por que isso! Por que isso!” – pensava ele.

Ao redor da mesa couberam todos os trinta convidados, dos quais alguns já estavam completamente acabados. Outros se mantinham com certa liberdade negligente e maligna, gritavam, falavam todos em voz alta, faziam brindes antes da hora, jogavam pequenas bolinhas de pão com as damas. Um indivíduo de rosto feio, vestindo uma sobrecasaca ensebada, caiu da cadeira assim que se sentou à mesa e ficou caído até o fim da ceia. Um outro queria sem falta subir na mesa e fazer um brinde e só o oficial conseguiu detê-lo, agarrando-o pela aba do casaco e contendo seu êxtase antecipado. A ceia era totalmente improvisada, apesar de terem contratado um cozinheiro, criado de algum general: foram preparadas gelatina, língua com batatas, almôndegas com ervilhas verdes, e, para finalizar, ganso, e por fim todo o manjar. Para beber tinha: cerveja, vodca e xerez. A garrafa de *champagne* estava só diante do general, o que o obrigava a se servir e a servir Akim Petróvitch, que já não ousava tomar nenhuma iniciativa durante o jantar. Para os brindes, estava destinado um vinho montanhês aos demais convidados que participavam do jantar. A própria mesa era formada pela junção de muitas mesas todas juntas, dentre as quais havia até uma mesa de jogo. Cobertas por muitas toalhas de mesa, dentre as quais havia uma única colorida, de Iaroslávl. Os convidados estavam sentados alternadamente com as damas. A mãe de Pseldonímov não quisera sentar à mesa, andava atarefada e dava ordens. Em compensação, apareceu uma figura feminina de mal caráter, que não surgira até então, usando um vestido de seda avermelhado, com dor de dentes e com uma touca. Verificou-se que essa era a mãe

da noiva, que concordara em finalmente sair do quarto para a ceia. Até agora ela não aparecera por causa de sua inimizade irreconciliável para com a mãe de Pseldonímov; mas sobre isso mencionaremos mais adiante. Essa senhora olhava para o general com raiva, até mesmo de modo zombeteiro e, pelo visto, não queria ser apresentada a ele. Essa figura pareceu a Ivan Ilitch extremamente suspeita. Mas, além dela, havia outros rostos que pareciam suspeitosos e inspiravam um certo receio involuntário e uma certa aflição. Parecia que eles faziam parte de uma conspiração justamente contra Ivan Ilitch. Ao menos ele tinha essa impressão e durante toda a ceia cada vez mais se convencia disso. E, de fato: o mais maligno era um senhor com uma barbicha, um artista libertino; ele chegou a olhar algumas vezes para Ivan Ilitch e, em seguida, voltava-se para o vizinho para cochichar algo. O outro era um escolar que já estava completamente bêbado, mas ainda assim demonstrava alguns sinais suspeitos. E o estudante de medicina também lhe dava magras esperanças. Nem mesmo o próprio oficial era muito merecedor de confiança. Mas irradiava do colaborador do "Golovéchka" um singular e visível ódio: ele se desmanchou na cadeira, de tal modo observava, de uma maneira tão altiva e arrogante e bufava com ares de independência! E apesar dos demais convidados não dirigirem nenhuma atenção especial ao colaborador, que escrevera no "Golovéchka" apenas quatro versinhos, tornando-se por isso um liberal, nem os convidados, pelo visto, gostavam muito dele, mas quando caiu ao pé de Ivan Ilitch de repente uma bolinha de pão, evidentemente destinada para ele, estava prestes a apostar a própria cabeça que o culpado por essa bolinha não era nenhum outro senão o colaborador do "Golovéchka".

Tudo isso, sem dúvida, colaborava para o deplorável estado do general.

Era tudo particularmente desagradável, mais uma observação: Ivan Ilitch convenceu-se perfeitamente de que ele começava a dizer as palavras de um modo confuso e embaraçoso, que queria dizer muitas coisas, mas a sua língua não se movia. Além disso, de repente, ele como que começou a perder o controle sobre sua capacidade de comunicação e, o principal, sem mais nem menos, de repente bufava e caia na risada, quando não havia absolutamente ninguém rindo. Essa disposição logo passou depois de um copo de *champagne*, que Ivan Ilitch serviu a si mesmo, mas que não queria tomar, mas de repente bebeu totalmente sem querer. De súbito, depois desse copo, quase teve vontade de chorar. Sentia que estava caindo numa sentimentalidade excêntrica; novamente punha-se a amar, a amar a todos, até mesmo a Pseldonímov, até mesmo ao colaborador do "Golovéchka". Ele quis de repente abraçá-los, abraçar todo mundo,

esquecer tudo e reconciliar-se. Mais ainda: contar tudo a eles sinceramente, tudo mesmo, isto é, o quão bondoso e agradável ele é, uma pessoa com grandes talentos. Como ele será útil para a pátria, como sabe fazer as damas rirem e, o principal, que ele é um progressista, como de um modo humano ele está pronto a dignar-se a tudo, até aos de baixo e, por fim, em resumo, contar de modo sincero todos os motivos que o levaram a aparecer na festa de Pseldonímov sem ser convidado, a beber duas garrafas de *champagne* e lhe dar o prazer pela sua presença.

"Verdade, a mais santa verdade, em primeiro lugar, e a sinceridade! Eu com sinceridade os conquistarei. Eles acreditam em mim, percebo claramente; eles até olham de modo hostil, mas quando eu revelar tudo a eles, eu os conquistarei de um modo que não resistirão. Eles irão encher os cálices e com gritos beberão pela minha saúde. O oficial, estou certo disso, quebrará seu cálice com a espora. Chegará até a gritar 'Hurra!' Mesmo que tiverem a ideia de me erguer nos ombros e me balançar, não me oporei a isso, seria até muito bom se o fizessem. Darei um beijo na testa da recém-casada; ela é encantadora. Akim Petróvitch também é uma pessoa muito boa. Pseldonímov, sem dúvida, melhorará posteriormente. A ele faz falta, por assim dizer, esse brilho mundano... E contudo, com certeza, toda essa nova geração não possui delicadeza de coração, mas... mas eu falarei a eles sobre o destino da Rússia contemporânea frente as demais potências europeias. Mencionarei a questão camponesa, sim e... e todos eles irão me amar, e eu irei embora glorioso!..."

Esses sonhos, sem dúvida, eram muito agradáveis, mas desagradável era que, entre todas essas esperanças cor de rosa, Ivan Ilitch de repente descobriu em si mesmo mais um dom inesperado: a saber, o de cuspir. Pelo menos a saliva começou de repente a saltar de sua boca completamente contra a sua vontade. Ele reparou isso enquanto falava com Akim Petróvitch, cuja face salpicou e, por respeito, não ousou se limpar. Ivan Ilitch pegou o guardanapo e subitamente ele próprio o secou. Porém, isso de imediato lhe pareceu um tremendo absurdo, totalmente fora de razão, ele então se calou e começou a achar estranha aquela situação. Akim Petróvitch, ainda que tivesse bebido, mesmo assim estava sentado como se estivesse escaldado. Ivan Ilitch percebeu agora que já falava há quase um quarto de hora sobre um mesmo assunto interessante, mas que Akim Petróvitch, escutando-o, não só parecia acanhar-se, mas até parecia sentir medo de algo. Pseldonímov, sentado à distância de uma cadeira de Ivan Ilitch, estendia para ele seu pescoço e, inclinando obliquamente a cabeça, tentava ouvi-lo do modo mais desagradável. De fato, ele como que o guardava. Lançando os olhos aos convidados, ele

percebeu que muitos o olhavam diretamente e gargalhavam. Mas o mais estranho de tudo era o fato de que isso já não o intimidava, pelo contrário, ele bebeu ainda mais da taça e de repente começou a dizer em alto e bom som.

— Eu já disse! – começou ele o mais alto que podia – eu já disse, senhores, agora mesmo dizia a Akim Petróvitch que a Rússia... sim, justamente, a Rússia... em uma palavra, vocês compreendem o que eu quero di-di-zer... A Rússia vive, a meu ver, uma profunda crença na hu-hu-manidade...

— Hu-humanidade! – ressoou da outra extremidade da mesa.

— Hu-hu!

— Tiu-tiu!

Ivan Ilitch parou um pouco de falar. Pseldonímov levantou-se da cadeira e começou a observar atentamente, procurando: quem gritou? Akim Petróvitch balançava a cabeça furtivamente, como se repreendesse os convidados. Ivan Ilitch reparou muito bem nisso, mas calou-se atormentado.

— Humanidade! – continuava ele com afinco – e não faz muito... e isso mesmo não faz muito, eu conversava com Stiepan Nikí-kí-forovitch... a propósito... que... que o renascimento, por assim dizer, das coisas...

— Vossa Excelência! – ressoou alto da outra extremidade da mesa.

— O que deseja? – respondia Ivan Ilitch, que fora interrompido, esforçando-se para enxergar quem gritara.

— Absolutamente nada, Vossa Excelência, estou entusiasmado! Prus-si-ga! – fez-se ouvir novamente a voz.

Ivan Ilitch estremeceu.

— O renascimento, por assim dizer, dessas coisas...

— Vossa Excelência! – gritou de novo a voz.

— O que deseja?

— Boa noite!

Dessa vez Ivan Ilitch não suportou. Ele interrompeu sua fala e virou-se para o perturbador da ordem e ofensor. Esse era um estudante ainda muito jovem, que já bebera bastante e que suscitava enormes suspeitas. Ele já há muito berrava e até já tinha quebrado um copo e dois pratos, afirmando que nos casamentos tinha que fazer isso. Então nesse minuto, quando Ivan Ilitch virou-se para ele, o oficial começou a ralhar severamente com o falador.

— O que quer? Por que fica gritando? Tem que tirar você daqui, é isso!

— Não é sobre você, Vossa Excelência, não é sobre você! Prossiga! – gritava animado o estudante, estirando-se na cadeira – prossiga, estou escutando e estou muito, muito, muito satisfeito! Com louvor, com louvor!

— O rapaz está bêbado! – sussurrou Pseldonímov.

— Percebo que está bêbado, mas...

— Eu contei agora mesmo uma anedota espirituosa, Vossa Excelência! – começou o oficial – sobre um tenente do nosso destacamento que falava exatamente assim com o chefe; então ele agora o está imitando. A cada palavra ele dizia sempre: com louvor, com louvor! Ele fora desligado desse serviço já há dez anos.

— Que-quem é esse tenente?

— Do nosso destacamento, Vossa Excelência, enlouqueceu por conta desse com louvor. Inicialmente empregaram medidas brandas, depois a prisão... O chefe o repreendeu como uma figura paterna; e enquanto isso o outro dizia a ele: co-om louvor, co-om louvor! E é estranho: o oficial era valente, nove verchok[32] de altura. Queriam entregá-lo à justiça, mas repararam que ele havia enlouquecido.

— Quer dizer... um estudante. Com a garotada não é preciso ser tão severo... Eu, da minha parte, estou pronto a perdoar...

— Os médicos certificavam, Vossa Excelência.

— Como assim! Fizeram a autópsia?

— Perdão, mas é que ele estava perfeitamente vivo.

Uma salva de gargalhadas forte e quase geral explodiu entre os convidados, que no começo ainda estavam se contendo cerimoniosamente. Ivan Ilitch ficou furioso.

— Senhores, senhores! – ele começou a gritar, num primeiro momento quase sem gaguejar – sei muito bem que não se faz autópsias em pessoas vivas. Pensei que ele já não estivesse vivo por conta da loucura... quer dizer, estivesse morto... isto é, o que eu... quero falar é que vocês não me amam... Mas eu amo todos vocês... sim, eu amo, Por... Porfiri... Eu me rebaixo quando falo assim...

Nesse minuto uma enorme saliva saltou da boca de Ivan Ilitch e borrifou a toalha de mesa, em um local visível. Pseldonímov apressou-se a limpar com o guardanapo. Esse incidente o deixou definitivamente deprimido.

— Meus senhores, isso já é demais! – gritou ele em desespero.

[32]Antiga medida russa, que equivale a 4,4 cm.

— É só um rapaz que está bêbado, Vossa Excelência – tornou a soprar Pseldonímov.

— Porfiri! Eu percebo que vocês... todos... sim! Digo que espero... sim, eu pergunto a todos: com que eu me rebaixei?

Ivan Ilitch estava quase chorando.

— Vossa Excelência, perdão!

— Porfiri, dirijo-me a você... Diga, se eu vim... é... é, até a sua festa de casamento, eu tinha um objetivo. Eu queria elevar o moral... eu queria que todos compreendessem. Eu me dirijo a todos: já fui humilhado o bastante aos vossos olhos ou não?

Um silêncio sepulcral. Era justamente isso: um silêncio sepulcral em resposta a uma pergunta tão categórica. "Será possível que eles, que eles nesse minuto não irão gritar em meu favor!" – passou pela cabeça de sua Excelência. Mas os convidados apenas se entreolhavam. Akim Petróvitch estava mais morto do que vivo, e Pseldonímov, mudo de pavor, repetia a si mesmo a terrível questão, a qual já há muito se apresentava a ele:

"E o que será de mim amanhã por tudo isso?"

De repente, o colaborador do "Golovéchka", já muito bêbado, mas que estava até agora num silêncio sombrio, voltou-se diretamente a Ivan Ilitch e, com os olhos brilhando, começou a responder a todos que estavam em sua companhia.

— Sim – ele começou a gritar com voz de trovão – sim, você se rebaixou, sim, você é um retrógrado... Re-tró-grado!

— Jovem, volte a si! Veja com quem, como se diz, está falando! – pôs-se a gritar Ivan Ilitch com fúria, erguendo-se de um salto de seu lugar.

— Com você e, em segundo lugar, eu não sou nenhum jovem... Você chegou, fez-se caro e procurou ser popular.

— Pseldonímov, o que é isso! – exclamou Ivan Ilitch.

Mas Pseldonímov ergueu-se com tanto pavor que parou como um poste e absolutamente não sabia o que fazer. Os convidados também ficaram mudos em seus lugares. O artista e o estudante aplaudiam e gritavam "bravo, bravo!".

O colaborador continuava a gritar com incontrolável fúria:

— Realmente você chegou para gabar-se da sua humanidade! Você estragou a diversão de todos. Você se embriagou de *champagne* e não percebeu que a bebida era

excessivamente cara para um funcionário público que recebe um ordenado de dez rublos por mês, e chego até a desconfiar que você seja um desses chefes que cobiçam as jovens esposas de seus subordinados! Além disso, estou seguro de que você apoia os arrendamentos[33] com direitos exclusivos... sim, é isso mesmo!

— Pseldonímov, Pseldonímov! – gritava Ivan Ilitch, estendendo-lhe as mãos. Ele sentia que cada palavra do colaborador era como uma nova apunhalada em seu coração.

— Já vou, Vossa Excelência, não se preocupe! – gritou energicamente Pseldonímov, deu um salto em direção ao colaborador, agarrou-o pelo colarinho e o arrastou para fora da mesa. Não era sequer de se esperar do fraco Pseldonímov uma tal força física. Mas o colaborador estava muito bêbado, e Pseldonímov estava perfeitamente sóbrio. Em seguida, ele deu alguns murros nas costas do colaborador e o empurrou para fora da porta.

— Todos vocês são uns canalhas! – gritava o colaborador – eu farei uma caricatura de todos vocês amanhã no "Golovéchka"!...

Todos se levantaram de um salto com a ameaça.

— Vossa Excelência, vossa Excelência! – gritavam Pseldonímov, sua mãe e alguns convidados, aglomerando-se perto do general – vossa Excelência, acalme-se!

— Não, não! – gritava o general – eu estou destruído... Vim até aqui... eu queria, por assim dizer, abençoar o casal. E em troca... em troca...

Ele caiu na cadeira como se tivesse perdido os sentidos, colocou os dois braços sobre a mesa e baixou a cabeça entre eles, bem em cima do prato de manjar. Não é o caso de descrever o horror geral. Ao cabo de um minuto ele se levantou, evidentemente querendo ir embora, cambaleou, tropeçou no pé da cadeira, caiu com força no chão e pôs-se a roncar...

Isso acontece com os que não bebem, quando eles casualmente bebem além da conta. Até o fim, até o último momento eles permanecem conscientes para depois caírem de repente como se fossem dizimados. Ivan Ilitch estava deitado no chão, desmaiado. Pseldonímov agarrou-se pelos cabelos e ficou imóvel nessa posição. Os convidados começaram a ir embora apressadamente, cada um comentando sobre o acontecimento à sua maneira. Já eram quase três horas da manhã.

---

[33]Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, arrendamento é o contrato pelo qual uma pessoa, dona de bens imóveis, assegura a outrem, mediante contribuição fixa ou reajustável a prazo certo, o uso e o gozo desses bens.

***

A questão principal na circunstância em que se encontrava Pseldonímov era ainda pior do que se podia imaginar, apesar de tudo isso já formar um cenário pouco atraente. E enquanto Ivan Ilitch está deitado no chão e Pseldonímov está de pé diante dele, em desespero, arrancando os cabelos, iremos interromper o curso da nossa história para dizer algumas palavras explicativas sobre Porfiri Petróvitch Pseldonímov.

Já há não mais de um mês antes de seu casamento, ele estava perdido na mais completa e irremediável miséria. Vinha de uma província, onde seu pai servira outrora e onde morreu sob algum processo. Quando, cinco meses antes do casamento, Pseldonímov já ia completar um ano inteiro perecendo em Petersburgo, conseguiu o seu emprego de dez rublos, isso foi para ele a ressurreição física e espiritual, mas pouco tempo depois se rebaixou novamente às circunstâncias anteriores. Em todo o mundo havia só os dois Pseldonímov, ele e sua mãe, que deixara a província depois da morte do esposo. Mãe e filho pereciam juntos no frio e nutriam-se de alimentos de origem duvidosa. Havia dias em que Pseldonímov ia pessoalmente até o Fontanka buscar água com uma caneca para em seguida matar a sede. Conseguido o emprego, ele se instalou com dificuldade junto com a mãe em um quarto qualquer. Ela começou a lavar roupa para fora e ele juntava as economias de uns quatro meses para conseguir comprar a si mesmo um par de botas qualquer e um capotinho. E quantas infelicidades suportou na repartição: os chefes aproximavam-se dele com perguntas, há quanto tempo será que ele não toma banho? Corriam boatos sobre ele de que embaixo da gola de seu uniforme havia uma família de percevejos. Mas Pseldonímov tinha um caráter inabalável. Tinha uma aparência humilde e mansa; tinha pouca instrução, quase nunca o ouviam conversar. Realmente, não sei: será que ele pensava, será que ele criava planos e sistemas, será que ele sonhava com alguma coisa? Mas em vez disso, instintivamente, formava-se nele a decisão, inconsciente e sólida, de alcançar uma posição melhor do que aquela condição desagradável em que se encontrava. Ele tinha a obstinação das formigas: se devastarem o formigueiro, elas imediatamente começarão a erigi-lo de novo, tornavam a devastá-lo – outra vez recomeçavam, e assim por diante, sem se cansarem. Ele era um ser organizador e econômico. Toda a aparência de Pseldonímov evidenciava que ele conseguiria seu caminho, construiria seu ninho e, talvez até economizaria para um caso de necessidade. A mãe era a única pessoa que ela amava no mundo todo e a amava sem restrições. Ela era uma mulher firme, incansável,

trabalhadora e ao mesmo tempo muito bondosa. Eles poderiam viver assim no seu cantinho, talvez por mais uns cinco ou seis anos até que mudasse sua condição, se não tivessem encontrado o conselheiro titular aposentado Mliekopitáiev, antigo tesoureiro e que trabalhara outrora na província, e que nos últimos tempos instalara-se em Petersburgo com a família. Ele conhecia Pseldonímov e, em outros tempos, fora grato ao seu pai por algum motivo. Ele tinha um dinheirinho, certamente não tinha muito, mas tinha; quanto de fato possuía – isso ninguém sabia, nem sua esposa, nem sua filha mais velha, nem os parentes. Ele tinha duas filhas, e como era um temível déspota, bêbado, um tirano em casa e, além disso, um homem doente, de repente teve a ideia de dar uma de suas filhas a Pseldonímov: "Eu o conheço, seu pai era um bom homem e o filho também será um bom homem". Ora, quando Mliekopitáiev queria algo, fazia tudo para conseguir o que queria; dito e feito. Esse era um déspota muito estranho. A maior parte do tempo, passava sentado numa poltrona, privado do uso das pernas por conta de alguma doença que, no entanto, não lhe impedia de beber vodca. Por dias inteiros ele se embriagava e brigava. Era um homem perverso; precisava sempre atormentar alguém. Para isso ele mantinha junto de si algumas parentas afastadas: sua irmã, doente e ranzinza, duas irmãs de sua esposa, também perversas e poliglotas; além disso, sua velha tia, que por um incidente qualquer tinha quebrado uma costela. Havia mais uma parasita, uma alemã russificada, que tinha um talento: narrar para ele as histórias de *As mil e uma noites.* Seu divertimento contínuo consistia em implicar com todas essas infelizes agregadas, xingá-las a todo instante sem piedade, e elas, incluindo a sua esposa, que já nascera com dor de dente, que não ousassem dar um pio diante dele. Ele criava inimizades entre elas, inventava e dava corda a mexericos e desavenças surgidas e depois ria às gargalhadas e tinha prazer de ver como elas quase chegavam a bater umas nas outras. Ele ficou muito alegre quando sua filha mais velha, que vivia na miséria há uns dez anos com o marido, um oficial qualquer, finalmente enviuvou, e se mudou para a sua casa com três filhos pequenos e doentes. Ele não podia suportar as crianças, mas com o aparecimento deles ampliou o material sobre o qual ele podia realizar suas experiências diárias, o velho ficara muito satisfeito. Todo esse amontoado de mulheres raivosas e crianças doentes apinhava-se com o seu tirano na casa de madeira no lado Petersburguês e passava fome, visto que o velho era avarento e do dinheiro só liberava copeques, contudo sem se poupar para a vodca; dormiam pouco, porque o velho sofria de insônia e exigia diversões. Numa palavra, todos eles viviam na miséria e amaldiçoavam seu destino. Foi nessa época que Mliekopitáiev notou

Pseldonímov. Ele era um derrotado de nariz comprido e aparência humilde. A filha mais nova, fraca e sem graça, acabara de completar então dezessete anos. Ela, há algum tempo, cursara um colégio alemão qualquer, mas de lá quase nada aprendera, com exceção do bê-á-bá. Depois cresceu, escrofulosa e magra, sob a autoridade do pai bêbado e inválido, em meio ao barulho infernal e aos mexericos caseiros, à espionagem e a calúnias. Nunca tivera amigas, e inteligência também não. Já há muito tempo tinha vontade de casar. Com outras pessoas ela ficava muda, mas em casa, ao lado da mãe e das parasitas, má e linguaruda, era como uma cobra. Gostava especialmente de beliscar e distribuir tapas nos filhos de sua irmã, de denunciar que eles haviam furtado açúcar e pão, porque entre ela e a irmã mais velha existia uma rixa sem limites e insaciável. O velho a ofereceu a Pseldonímov pessoalmente. Apesar de este viver na miséria, ainda assim pediu um tempo para pensar. Ficou pensando um bom tempo, junto com a mãe. Mas registraram a casa no nome da noiva, e apesar de ser de madeira, de um andar só e ruinzinha, mesmo assim valia alguma coisa. Além disso, dotava-a de quatrocentos rublos – quando é que ele conseguiria acumular tal quantia! "Pois bem, eu trago esse homem para casa – gritava o tirano bêbado. – Em primeiro lugar, pois vocês são todas mulheres e estou farto de todo esse mulherio. Quero que Pseldonímov também dance conforme eu ordenar, porque eu serei para ele um benfeitor. Em segundo lugar, eu o trago porque todas vocês não o querem bem e isso as irrita. Pois bem, assim, vejam, para contrariar vocês, vou fazer isso. Então, dito e feito! E você, Porfiri, pode bater nela quando for sua esposa, pois ela tem sete diabos no corpo desde o nascimento. Expulse todos, prepararei até um bastão..."

Pseldonímov ficava em silêncio, mas ele já tomara sua decisão. Ele e a mãe foram recebidos em casa ainda antes do casamento, lá lavaram, vestiram, calçaram e deram dinheiro para o casamento. O velho os protegia, talvez, justamente porque toda a família estava com raiva deles. A velha Pseldonímov até o agradou, de tal modo que ele se continha e não implicava com ela. Aliás, o próprio Pseldonímov foi obrigado a dançar perante ele o *kasatchok*, uma semana antes do casamento. "Pois bem, só queria ver se você me respeita" – disse ele após a dança terminar. Ele deu dinheiro para o casamento, apenas o necessário, e convidou todos os seus parentes e conhecidos. Do lado de Pseldonímov, estavam apenas o colaborador do "Golovéchka" e Akim Petróvitch, o convidado de honra. Pseldonímov sabia muito bem que a noiva tinha nojo dele e que queria muito ficar com o oficial, e não com ele. Mas ele suportava isso tudo, pois tinha um acordo com a mãe. Durante todo o dia do casamento e toda a noite o

velho ficou embriagado e praguejando frases desagradáveis. Toda a família, por conta do casamento, acomodou-se no aposento na parte de trás da casa e ficaram lá até não conseguirem mais. Já os quartos da frente foram destinados ao baile e à ceia. Por fim, quando o velho pegou no sono, completamente bêbado, por volta das onze horas da noite, a mãe da noiva, irritada sobretudo nesse dia com Pseldonímov, decidiu trocar a raiva por boa vontade e apareceu no baile e na ceia. O aparecimento de Ivan Ilitch revirou tudo. A sra. Mliekopitáiev ficou confusa, ofendeu-se e começou a praguejar por não a terem avisado de que tinham convidado um general. Asseguravam-lhe de que ele chegara mesmo sem ser convidado – ela era tão tola que não queria acreditar nisso. Foi necessário arranjar *champagne*. A mãe de Pseldonímov tinha encontrado apenas um rublo, o próprio Pseldonímov não tinha nem um copeque. Era preciso curvar-se humildemente para a velha má Mliekopitáiev, pedir dinheiro para comprar uma garrafa, e depois para outra. Apresentaram-lhe o futuro dessas relações do genro, a carreira, fizeram-na compreender. Finalmente, ela deu o dinheiro, mas forçou Pseldonímov a beber um cálice de amargura e de vinagre que fez com que ele, já mais de uma vez, entrasse correndo no quarto em que estava preparado o leito nupcial, agarrasse em silêncio os próprios cabelos e se atirasse de cabeça na cama destinada aos prazeres paradisíacos com tremores de raiva impotente. Sim! Ivan Ilitch não sabia o quanto custaram essas duas garrafas de *Jackson* bebidas por ele nessa noite. Tanto maiores seriam o pavor, a tristeza e até mesmo o desespero de Pseldonímov pelo modo inesperado como as coisas terminaram entre ele e Ivan Ilitch. Tornaram a surgir preocupações e, podia ser que, durante a noite toda, ouvir-se-iam gritos e lágrimas caprichosas da recém-casada e reprimendas incoerentes dos parentes da noiva. Ele já estava com dor de cabeça, o cheiro de fumaça e a escuridão cobriam-lhe os olhos. Mas então era necessário ajudar Ivan Ilitch, era preciso buscar às três horas da manhã um médico ou uma carruagem para conduzi-lo até sua casa, e necessariamente uma carruagem, porque não era possível mandar para casa uma tal personalidade, em tal estado, em um trenó. Mas onde conseguir dinheiro ao menos para a carruagem? A senhora Mliekopitáiev, bastante enraivecida porque o general não lhe dissera nem duas palavras e até mesmo nem olhara para ela durante a ceia, declarou que não tinha nenhum copeque. Talvez ela realmente não tivesse dinheiro. Onde conseguir então? O que fazer? Realmente, tinha motivos para arrancar os cabelos.

***

Enquanto isso, carregaram Ivan Ilitch até um pequeno sofá de couro, que ficava ali mesmo na sala de jantar. Nesse meio tempo, limparam a mesa e atinavam, Pseldonímov lançava-se para todos os cantos pedindo dinheiro emprestado, tentava até mesmo pedir para os criados, mas ninguém tinha nada. Ele até se arriscou a incomodar Akim Petróvitch, que ficara depois que os outros convidados foram embora. Mas este, apesar de ser uma boa pessoa, ao escutar que estavam pedindo dinheiro, chegou a ficar em tal perplexidade que até se espantou e disse a mais inesperada bobagem.

— Em outra hora, terei com prazer – balbuciava ele – mas agora... de verdade, queira me desculpar...

E, pegando o gorro, mais do que depressa se retirou da casa. Só o jovem cordial, que falara sobre o "Livro dos sonhos", ainda serviu para alguma coisa, mas não ajudou em nada. Ele também ficou por mais tempo, demonstrando compaixão pela infelicidade de Pseldonímov. Por fim, Pseldonímov, sua mãe e o jovem decidiram, por consenso geral, não chamar um médico, mas mandar chamar uma carruagem e conduzir o indisposto para casa, e enquanto isso, até a carruagem chegar, tentariam empregar nele alguns remédios caseiros, a saber: molhar as têmporas e a cabeça com água gelada, colocar compressas de gelo etc. A mãe de Pseldonímov encarregou-se disso. O jovem voou para procurar uma carruagem. Como a essa hora não era possível encontrar nem mesmo um trenó no Lado Petersburguês, ele se dirigiu aos cocheiros, a uma hospedaria distante, acordando os cocheiros. Começaram a negociar, diziam que por ser tão tarde cinco rublos por uma carruagem não era o suficiente. Contudo, chegaram a um acordo, seriam três rublos. Mas quando, às quatro horas da manhã, o jovem chegou com a carruagem alugada para Pseldonímov, eles já tinham mudado de ideia. Verificou-se que Ivan Ilitch, que estava ainda completamente sem sentidos, estava tão mal, gemia e agitava-se tanto que, transportá-lo e conduzi-lo em tal estado para casa, pareceu absolutamente impossível e até perigoso. "No que isso vai dar?" – falava completamente perdido Pseldonímov. O que fazer? Veio-lhe à mente uma nova questão. Caso deixasse o enfermo em casa, para onde iriam transferi-lo e onde colocá-lo? Em toda a casa havia só duas camas: uma enorme, de casal, na qual dormia o velho Mliekopitáiev e a esposa, e uma outra, recém-comprada, imitando nogueira, também de casal e destinada aos recém-casados. Todos os demais moradores, ou melhor dizendo, moradoras da casa, dormiam em colchões amontoados no chão e em parte já deteriorados e mal cheirosos, ou seja, absolutamente impróprios, e além disso havia só a

quantidade necessária de colchões para as moradoras, nem isso tinha. Onde então colocar o doente? O colchão de penas talvez fosse uma saída – podia-se tirá-lo de alguém, em último caso, mas em que lugar fazer a cama? Achou-se melhor fazer a cama na sala, pois esse cômodo estava afastado do restante da família e tinha uma saída própria. Mas sobre o que? Talvez em cima de cadeiras? Sabe-se que armar a cama com cadeiras é algo de colegiais, quando eles chegam de sábado para domingo em casa, mas para um indivíduo como Ivan Ilitch, isso era muito desrespeitoso. O que diria ele no dia seguinte, vendo-se em meio às cadeiras? Pseldonímov não queria nem ouvir falar disso. Restava uma coisa: carregá-lo para o leito nupcial. Esse leito nupcial, como já dissemos, fora arranjado num quarto pequeno, perto da sala de jantar. Na cama do casal havia o colchão intacto recém-comprado, a roupa limpa, quatro travesseiros de chita cor de rosa e a fronha de musselina com babados. A manta era de cetim rosa com bordado pespontado. De uma argola dourada no alto descia uma cortina de musselina. Numa palavra, tudo estava arrumado convenientemente, os convidados, quase todos que passaram pelo quarto, elogiaram a decoração. A recém-casada, que não tolerava Pseldonímov, durante a noite se pusera algumas vezes a correr para olhar o quarto, sempre furtivamente. Qual foi então a sua indignação, a sua raiva, quando veio a saber que queriam transferir o doente para o seu leito nupcial, ele que parecia adoecido de uma espécie de cólera! A mãezinha da recém-casada interveio em favor dela, xingava, prometia que amanhã iria queixar-se para o marido; mas Pseldonímov mostrou do que era capaz e conseguiu alcançar seu intento: transferiram Ivan Ilitch e para a recém-casada armaram a cama na sala com cadeiras. A noiva chorava, estava pronta a começar a dar beliscões em todos, mas não ousou desobedecer: seu papai tinha uma muleta, que ela conhecia muito bem, e ela sabia que amanhã sem falta ele exigiria que alguém lhe contasse tudo detalhadamente. Para seu consolo, levaram para a sala a manta rosa e os travesseiros com fronha de musselina. Nesse minuto chegou o jovem com a carruagem; sabendo que já não era necessária, ele ficou terrivelmente apavorado. Via-se obrigado a pagar ele próprio, e não tinha sequer uma moeda de dez copeques. Pseldonímov declarou sua completa falência. Tentaram persuadir o cocheiro. Porém, ele começou a armar um escândalo e até mesmo a bater nas janelas. Não sei os detalhes de como isso acabou. Parece que o jovem foi como prisioneiro nessa carruagem até o bairro de Piéski, à quarta rua Rojdiestvenskaia, onde tinha esperanças de acordar um estudante que pernoitava na casa de uns conhecidos seus e fazer uma tentativa: será que ele não tem dinheiro? Já havia passado das quatro da manhã quando os recém-casados ficaram

sozinhos e trancaram a porta da sala. A mãe de Pseldonímov ficou vigiando o doente a noite toda. Ela acomodou-se no chão, em um tapetinho, e se cobriu com o casaco de peles, mas não conseguiu dormir, visto que precisava levantar-se a todo instante: Ivan Ilitch estava com um horrível desarranjo intestinal. A sra. Pseldonímov, mulher valente e generosa, o despiu, tirou-lhe toda a roupa, e cuidou dele como se fosse seu próprio filho, e a noite toda arrastava do corredor até o quarto a vasilha e a carregava de volta repetidas vezes. Porém, essa noite de infelicidades ainda estava longe de acabar.

***

Não se passaram nem dez minutos depois que os recém-casados trancaram-se sozinhos na sala e de repente soou um grito dilacerante, não um grito de alegria, mas de caráter mais maligno. Atrás do grito, fez-se ouvir um barulho, um estrondo parecendo uma queda de cadeiras, e num instante, na sala ainda escura, inesperadamente irrompeu uma multidão inteira de mulheres, soltando exclamações e cheias de pavor, vestindo camisolas de vários tipos. Essas mulheres eram: a mãe da recém-casada, a irmã mais velha, que abandonara nesse momento seus filhos doentes, suas três tias, e dentre elas estava até a que tinha a costela quebrada, que se arrastou até lá com dificuldade. Até mesmo a cozinheira estava cá, até a parasita alemã, contadora de estórias, da qual tinham retirado à força o seu próprio colchão para dar à recém-casada, o melhor colchão da casa que era tudo o que tinha, ela veio com dificuldade junto com as demais. Todas essas mulheres de respeito e perspicazes, havia já um quarto de hora, infiltraram-se da cozinha passando pelo corredor nas pontas dos pés e escutavam às escondidas da antessala, consumidas por uma inexplicável curiosidade. Enquanto isso, alguém acendeu às pressas a vela e apresentou-se a todas um espetáculo inesperado. As cadeiras, não suportando o peso dobrado e ainda sustentando o amplo colchão só pelas bordas, desfizeram-se e o colchão afundou entre elas no chão. A recém-casada chorava de raiva; dessa vez ela tinha motivos para se sentir verdadeiramente ofendida. Moralmente abatido, Pseldonímov estava parado como um criminoso apanhado no ato do crime. Ele mesmo nem tentava justificar-se. De todos os lados ouviam-se exclamações e ganidos. Por conta do barulho, a mãe de Pseldonímov chegou correndo, mas foi a mãe da recém-casada quem dessa vez prevaleceu inteiramente sobre ela. Ela primeiramente encheu Pseldonímov de acusações singulares e, na maioria, injustas, sobre diferentes temas: “Como você, meu caro, mostrar-se-á homem depois disso? Para

que você, meu caro, serve depois de tal vergonha?" – e etc e, por fim, ela pegou a filha pela mão, afastou-a de seu esposo para seu quarto, tomando pessoalmente a responsabilidade de no dia seguinte relatar diante do temível pai quando ele exigisse um relatório sobre tudo o que aconteceu. Depois dela retiraram-se todas, soltando exclamações e balançando a cabeça. Em seguida, restaram apenas Pseldonímov e sua mãe, que tentava consolá-lo. Mas ele imediatamente a mandou embora.

Não queria consolo. Ele chegou até o sofá e afundou-se nas meditações mais sombrias, do jeito que estava: descalço e com a roupa de baixo necessárias. Os pensamentos cruzavam-se e emaranhavam-se em sua cabeça. Às vezes, como que maquinalmente, ele lançava um olhar ao redor do aposento, onde ainda recentemente os convidados dançavam encolerizados e onde ainda circulava pelo ar uma fumaça de cigarro. Pontas de cigarro e papeizinhos de bala ainda revolviam-se no chão molhado e sujo. A ruína do leito nupcial e as cadeiras derrubadas evidenciavam a futilidade das melhores e mais certeiras esperanças terrenas. De tal forma ele ficou quase uma hora. Vinham à sua mente cada vez mais pensamentos pesados, por exemplo: o que o aguardava no serviço agora? Ele reconhecia dolorosamente que seria preciso mudar de lugar no serviço, que não poderia ficar como estava, pois permanecer na mesma posição não era possível, justamente em consequência de tudo o que acontecera nessa noite. Vinha a sua cabeça o senhor Mliekopitáiev, que possivelmente amanhã já tornaria a obrigá-lo a dançar o *kasatchok* para pôr à prova a sua submissão. Ele também percebeu que Mliekopitáiev, apesar de ter dado menos de cinquenta rublos para a preparação do dia do casamento, dos quais gastaram até o último copeque, os quatrocentos rublos que eram do dote ele nem pensava em entregar, nem mesmo falava disso. E ainda não tinha o documento formal de doação da casa. Ele ainda refletia sobre sua esposa, que o abandonara no momento mais crítico de sua vida, sobre o oficial alto, que se ajoelhara numa perna só diante de sua noiva. Ele teve tempo de ver isso; pensava sobre os sete demônios que se achavam no corpo de sua mulher, conforme afirmava seu pai, e sobre o bastão, preparado para a expulsão deles... Certamente, ele sentia que tinha forças para suportar muita coisa, mas o destino acercava-se dele, trazia-lhe mais surpresas que punham em dúvida se ele teria realmente forças.

Pseldonímov encontrava-se extremamente desolado. Enquanto isso, o toco de vela apagava-se. A luz tremeluzia ao cair sobre o perfil de Pseldonímov, refletindo uma figura colossal na parede, com o pescoço esticado, nariz adunco e dois tufos de cabelo que se sobressaiam na fronte e na nuca. Finalmente, quando já soprava o frescor

matutino, ele levantou-se, sentindo frio e emudecido até a alma, chegou até o colchão de penas, estendido entre as cadeiras, e sem ajeitar mais nada, nem sequer apagar o toco de vela acesa, sem colocar um travesseiro embaixo da cabeça, engatinhou até a cama e caiu em um sono de chumbo, como o sono da morte, o mesmo que provavelmente dormem os condenados no dia anterior ao seu açoitamento público.

***

Por outro lado, podia se comparar essa torturante noite à que também passou Ivan Ilitch Pralínski no leito nupcial do infeliz Pseldonímov! Uma dor de cabeça, vômito e demais acessos desagradáveis não o deixaram nem por um minuto. Isso foi um suplício infernal. A consciência, apesar de mal manifestar-se em sua cabeça, iluminava um não acabar mais de horrores, imagens tão sombrias e detestáveis que seria melhor se ele não voltasse à consciência. Aliás, tudo ainda estava confuso em sua cabeça. Ele reconhecia, por exemplo, a mãe de Pseldonímov – ouvia-a proferir estímulos bondosos, semelhantes a: "Aguente firme, meu caro, aguente, paizinho, você suportará – se acostumará", reconhecia-a, entretanto não conseguia dar a si mesmo nenhuma explicação lógica para a sua presença ali. Visões horríveis apresentavam-se a ele: surgia-lhe Semión Ivánitch, mas, olhando atentamente, ele percebia que esse não era absolutamente Semión Ivánitch, mas sim o nariz de Pseldonímov. Apareciam diante dele o ousado artista, o oficial e a velha de mandíbula enfaixada. Mais ainda, observava o aro dourado pendendo sobre sua cabeça, pelo qual passava a cortina. Ele discernia com clareza a luz fraca do toco de vela iluminando o quarto e procurava descobrir mentalmente: para que serve esse aro, por que motivo ele está aqui, e o que isso significa? Ele interrogara a velha algumas vezes sobre isso, mas, pelo visto, não conseguia se expressar como gostaria, e ela, aparentemente, não o compreendia, como se ele não conseguisse se explicar. Enfim, já pela manhã, os acessos cessaram e ele adormeceu, adormeceu firme, sem sonhar. Ele dormiu cerca de uma hora, e quando despertou, já estava quase em plena consciência, sentindo uma forte dor de cabeça, e na boca, mais precisamente na língua, que se transformara em um pedaço de pano, sentia o gosto mais desagradável. Ele se levantou da cama, olhou ao redor e hesitou. A luz pálida do início do dia, penetrando por entre as fendas das persianas, tremia na parede estreita. Eram cerca de sete horas da manhã. Mas quando Ivan Ilitch de repente compreendeu e recordou-se de tudo que lhe acontecera na noite anterior; quando se

recordou de todas as aventuras durante a ceia, do seu feito malbaratado, do seu discurso à mesa; quando se apresentou a ele de uma só vez, com uma terrível nitidez, tudo o que poderá resultar disso, tudo o que iriam dizer e pensar dele; quando ele olhou ao redor e percebeu, finalmente, o estado triste e repugnante ao qual tinha levado o pacífico leito nupcial de seu subordinado – então surgiram de repente uma vergonha tão mortal e tais tormentos em seu coração que ele soltou um grito, escondeu o rosto com as mãos e, em desespero, lançou-se contra o travesseiro. Dentro de um minuto, ele se ergueu da cama de um salto, avistou no mesmo instante a cadeira em que estava sua roupa, arrumada e escovada, pegou-a rapidamente e apressado, olhando ao redor, e com medo de encontrar alguém, se pôs a se vestir. Aqui mesmo na cadeira encontravam-se seu casaco de peles, o gorro e as luvas dentro do gorro. Ele queria escapar dali sem ser percebido. Mas de repente a porta se abriu e entrou a velha Pseldonímov com uma bacia de barro e um lavatório. Em seu ombro havia uma toalha. Ela colocou o lavatório no chão e, sem perder tempo com conversas, anunciou que era preciso lavar-se sem falta.

— Como assim, meu caro, lave-se, não se deve ir sem se lavar...

E nesse momento Ivan Ilitch teve consciência de que se havia no mundo todo uma criatura perante a qual ele agora não devia envergonhar-se nem temer, essa tal criatura era justamente essa velha. Ele lavou o rosto. E por muito tempo, nos momentos difíceis de sua vida, lhe vinha a lembrança desse dia com remorso, e toda essa situação ao despertar, a bacia de barro e o lavatório cheia de água fria, na qual ainda flutuavam pedrinhas de gelo, e o sabão embrulhado em um papelzinho cor de rosa, de forma oval, com algumas letras gravadas, que custara uns quinze copeques e que provavelmente foi comprado para os recém-casados, mas que serviu para Ivan Ilitch; e a velha com a toalha cor de damasco no ombro esquerdo. A água fria o revigorou, ele se enxugou e, sem dizer nenhuma palavra, nem mesmo agradecer a sua enfermeira, agarrou o gorro, lançou aos ombros seu casaco de peles que a senhora Pseldonímov lhe estendera, e pelo corredor, pela cozinha, de onde miava a gata e onde a cozinheira, erguendo-se de sua cama de palha, olhou para ele com uma curiosidade ávida, saiu correndo em direção ao pátio para a rua e atirou-se ao primeiro cocheiro que estava de passagem. A manhã estava fria, uma névoa gelada ainda cobria a casa e tudo o mais. Ivan Ilitch levantou a gola de seu casaco. Parecia-lhe que todo mundo olhava para ele, que todo mundo o conhecia, que todo mundo sabia...

***

Oito dias passaram-se e ele não saiu de casa e nem apareceu na repartição. Estava doente, penosamente doente, mas mais moralmente do que de dor física. Nesses oito dias, ele sobreviveu a um verdadeiro inferno, e é provável que serão levados em conta quando ele for para o outro mundo. Em alguns momentos, ele pensava em tornar-se monge. Realmente, houve momentos em que pensou nisso. Até mesmo sua imaginação começava a debochar, sobretudo desse fato. Imaginava cantos calmos, subterrâneos, um caixão duro, a vida isolada em uma cela de mosteiro, florestas e grutas; mas, voltando a si, ele quase que imediatamente reconhecia que tudo isso não passava de uma terrível bobagem e de um grande exagero, e envergonhava-se dessa bobagem. Depois começavam os ataques morais, lembrando-se de sua *existence manqueé*. Em seguida, a vergonha tornava a irromper em seu coração, se apoderava dele, o reduzia a cinzas e avivava as feridas. Ele estremecia, imaginando diversas cenas. O que dirão dele, o que pensarão quando ele se apresentar na repartição? Que cochichos não irão persegui-lo durante um ano todo, dez anos, por toda a vida! Sua anedota passará de geração para geração. Ele caía algumas vezes em tal covardia que estava até disposto a ir a casa de Semión Ivánovitch nesse mesmo instante e pedir perdão a ele e sua amizade. Ele próprio não se desculpava, reprovava a si mesmo resolutamente: ele não encontrava nenhuma justificativa para si e sentia vergonha de seus atos.

Ele também pensava em pedir demissão de imediato e assim, simplesmente, na solidão se dedicar à felicidade dos homens. Em todo o caso, era preciso, de modo premente, mudar os conhecidos e até mesmo erradicar toda lembrança sobre si. Depois lhe vieram à mente pensamentos de que tudo isso também era bobagem e de que tudo podia ser reparado caso fortalecessem as medidas severas com os subordinados. Então ele começava a criar ânimo. Enfim, passados oito dias inteiros de dúvidas e tormentos, ele sentiu que não podia mais suportar aquela incerteza e *un beau matin*[34] resolveu ir para a repartição.

Antes, quando estava em casa, durante sua crise de tristeza, ele imaginara milhares de vezes como seria o momento em que entraria na repartição. Com horror, sabia que certamente iria ouvir cochichos indecorosos a seu respeito, encontraria caras ambíguas e sorrisos malignos. Qual não foi seu assombro quando, de fato, nada disso aconteceu. Acolheram-no respeitosamente; o cumprimentaram; todos estavam sérios;

[34]Uma bela manhã, em francês no original.

todos estavam ocupados. Seu coração encheu-se de alegria quando ele conseguiu chegar em seu gabinete.

Ele no mesmo instante pôs-se a trabalhar seriamente, prestou atenção em alguns relatórios e informações e tomou decisões. Ele sentiu que nunca raciocinara e tomara decisões de modo tão inteligente, tão sensato, como naquela manhã. Percebia que estavam todos satisfeitos, que ainda tinham consideração por ele e que o tratavam com estima. Nem a mais exigente desconfiança lhe mostrava algo. As coisas iam magnificamente.

Por fim, apareceu Akim Petróvitch com um documento. Diante de seu surgimento, Ivan Ilitch sentiu de repente uma pontada no coração por um instante. Ele atendeu Akim Petróvitch, dizendo como era preciso fazer, explicando as coisas. Ele percebeu que evitava olhar por muito tempo para Akim Petróvitch, ou melhor dizendo, Akim Petróvitch temia olhá-lo. Mas eis que Akim Petróvitch acabou e começou a recolher os documentos.

— E há mais uma solicitação – começou ele de modo seco – o funcionário Pseldonímov pede transferência do seu departamento... Sua Excelência Semión Ivánovitch Chipuliénko prometeu a ele um lugar. Ele solicita vossa benevolente recomendação, vossa Excelência.

— Ah, então ele vai sair? – disse Ivan Ilitch sentindo um peso enorme sair-lhe do coração. Olhou para Akim Petróvitch e nesse instante seus olhos encontraram-se.

— Pois, por mim... não vejo nenhum problema – respondia Ivan Ilitch – Estou disposto a transferi-lo.

Akim Petróvitch, pelo visto, queria escapar dali o mais depressa possível. Mas Ivan Ilitch de repente, num impulso nobre, decidiu manifestar-se abertamente. Ele, ao que parece, ainda encontrava inspiração.

— Comunique-lhe – começou ele, dirigindo um olhar sereno e profundo a Akim Petróvitch – comunique a Pseldonímov que eu não desejo nenhum mal a ele; sim, realmente, não lhe desejo mal algum!... Ao contrário, estou pronto a até mesmo esquecer todo o passado, esquecer tudo, tudo...

Mas de repente Ivan Ilitch parou, observando com assombro a reação singular de Akim Petróvitch, que de homem ponderado, não se sabe porque, revelou-se subitamente um grande tolo. Em vez de escutar e prestar atenção, ele de repente corou até o último fio de cabelo, começou a fazer reverências rápidas, até indecorosas, curvando-se um

pouco e ao mesmo tempo recuava para a porta. A sua aparência demonstrava que ele queria desaparecer da face da terra, ou, pelo menos, chegar o mais rápido possível até a sua mesa. Ivan Ilitch, ao ficar só, levantou-se confuso da cadeira. Ele olhava para o espelho e não via o seu próprio rosto.

— Não, severidade, severidade, severidade! – murmurava ele quase que inconscientemente para si, e de repente um rubor forte tomou conta de todo o seu rosto. Ele passou a sentir uma tal vergonha e de modo tão penoso, como não lhe acontecera de sentir durante os mais insuportáveis minutos dos oito dias em que esteve doente. “Não suportei!” – disse a si mesmo e despencou sem forças na cadeira.

## Segunda parte

1. Introdução

Antes de mais nada, é preciso observar que, para uma abordagem da novela *Uma anedota desagradável*, consideramos de grande importância apresentar aqui o contexto histórico-social da Rússia à época em que a novela foi escrita e publicada e que apresentam relações com acontecimentos descritos no texto. De certa forma, podemos nos apoiar aqui em uma afirmação de Lotman, expressa no trecho a seguir, de que,[35]

> ... a análise da obra literária, de um lado como um monumento histórico, e de outro, como uma obra de arte, um texto de natureza especial, permitia ver os fatos literários naquela dupla combinação de historicismo e organização interna que, na etapa científica moderna, representa uma das condições obrigatórias de análise (AMÉRICO, p. 70).

Na década de 1850, em que Dostoiévski esteve ausente de Petersburgo, ocorreram três eventos de grande importância: a Rússia perdeu a Guerra da Crimeia[36], o reinado de trinta anos de Nicolau I[37] chegou ao fim e houve a inauguração da estrada de ferro que ligava Petersburgo a Berlim. Nos primeiros meses após seu retorno à antiga capital russa, ele esteve ocupado com questões familiares e com a preparação de uma nova edição de seus escritos. Como para participar das discussões políticas e literárias da época ainda se fazia necessário participar de algum círculo que expressasse umadeterminada tendência, o escritor, levando em conta as experiências do passado, procurou um grupo com posições mais moderadas, em comparação com o círculo de Petrachévski, que apresentava posições contrárias ao governo. Participavam deste novo círculo Miliúkov[38], Apolon Máikov[39], Ianóvski[40] e Strákhov[41]. Com o retorno do irmão Fiódor, Mikhail passou a se interessar mais por questões literárias e, em 1861, os dois publicaram juntos o primeiro número da revista *Vriêmia*. As primeiras atrações do

---

[35]AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. "Iúri Lotman: entre biografia e obra". In: http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus_n02/10_VOLKOVA-E-Iuri-Lotman-rev.pdf.

[36]Guerra da Crimeia (1853 – 1856)

[37]O reinado durou de 1825 até 1855.

[38]Aleksandr Miliúkov foi professor, jornalista literário e editor da revista mensal *Sviétoch* (*A Tocha*).

[39]Apolon Máikov foi um poeta russo.

[40]Stepan Ianóvski foi um amigo de Dostoiévski.

[41]Nikolai Strákhov foi um filósofo, publicista e crítico literário russo.

periódico recém-lançado foram os textos literários *Humilhados e Ofendidos*[42]e, posteriormente, *Recordações da Casa dos Mortos.*

O momento histórico pelo qual passava a Rússia na época da publicação de *Uma anedota desagradável* pode então ser resumido pela humilhação da Guerra da Crimeia, que prejudicou o governo de Nicolau I, já por muitos criticado pelas ideias vagas de liberdade e progresso e algumas reformas concretas por ele levadas a cabo, como a libertação dos servos[43] e o abrandamento da censura, que abriram caminho para o desenvolvimento do capitalismo e de uma sociedade burguesa na Rússia. Segundo estudiosos do período[44], era como se, nos primeiros anos do reinado de Alexandre II, a Rússia tivesse entrando numa era de reformas e regeneração. Desse modo, a Europa passava a ser representada por um homem velho e a Rússia por um jovem gigante. Ao abordar a mudança de posicionamento de Dostoiévski entre os anos 1840 e 1860, o estudioso Carr afirma:

> Na Petersburgo dos anos de 1860, era fácil para um homem de bom coração e certa visão política tornar-se um patriota entusiasta, do mesmo modo que um homem em 1845 se tornaria um revolucionário entusiasta, e Dostoiévski, em cada caso, seguiu a corrente de menor resistência. (CARR, 1962, p. 70, tradução nossa).

Porém, deve-se ressaltar aqui que, embora Dostoiévski tenha mudado sua posição política, os motivos que influenciaram a sua decisão foram vários e não se resumem ao que era mais conveniente para o período.

A revista *Vriêmia*,[45]fundada pelos irmãos Dostoiévski, embora tenha durado poucos anos no círculo literário de São Petersburgo, deixou sua marca, principalmente por explicitar o pensamento e as ideias de F. Dostoiévski, seu editor-chefe, acerca da sociedade russa da época. A revista, segundo o crítico russo Motchúlski, buscava a

---

[42]DOSTOIÉVSKI, F. M. *Obra completa. Volume II.* Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes

[43]Desta maneira, a reforma que libertou os servos desencadeou um certo culto ao camponês, que começou a aparecer como personagem e tema de textos literários de Turguêniev, Grigorovitch e do jovem Tolstói.

[44] CARR, E. H. "Journalistic Experiment". In: *Dostoiévski, 1821 – 1881.* Londres: Unwin Books, 1962.

[45]De acordo com Paulo Bezerra, "É fato amplamente conhecido a paixão que Dostoiévski nutria pela imprensa periódica e a importância que lhe atribuía como veículo ideal para comunicação imediata com o público." (DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Bobók.* São Paulo: Editora 34)

Segundo Boris Schnaiderman, a relação entre os textos literários e a atividade jornalística é uma marca típica de toda a obra dostoievskiana. (Prefácio ao texto *O crocodilo*, de Fiódor M. Dostoiévski. São Paulo: Editora 34, 2000).

reconciliação da civilização com o princípio nacional[46]. Desde seus primeiros números, os irmãos procuraram deixar claro aos assinantes e leitores que o periódico seria um intérprete de uma corrente sociocultural independente, denominada *pótchvienitchestvo*, movimento que buscava exaltar o solo russo, a *pótchva*.

Esse movimento ocupava uma posição intermediária entre os eslavófilos e os ocidentalistas[47] e, além do escritor, Nikolai Strákhov e Apolon Grigóriev[48], também defensores desse movimento, foram os seus mais importantes colaboradores. O *pótchvienitchestvo*[49] buscava exaltar o povo russo e a sua criatividade em oposição à ideia de que ele era imobilista e que deveria seguir os exemplos das cidades ocidentais e na medida do possível buscar se "europeizar".

Acerca da crença no povo russo[50], expressa nos ideais do movimento *pótchvienitchestvo,* o pensador político Herzen escreveu em uma carta em 17 de julho de 1863, após receber a visita de Dostoiévski em Londres: "Dostoiévski esteve ontem em minha casa. É um homem ingênuo, um tanto confuso, mas extremamente simpático. Acredita com entusiasmo no povo russo." (SCHNAIDERMAN, 2000, p. 8)

Como programa, o periódico *Vriêmia* apresentava opiniões amplas e vagas demais a respeito do que iria tratar, o que foi considerado como algo que lhe favoreceu, já que conseguiu atrair leitores das mais diversas tendências e posições. Tanto que o movimento *pótchvienitchestvo* não foi visto pelos intelectuais da época nem como conservador, o que desagradaria a Dostoiévski, dada a sua participação em círculos contrários ao governo russo e as consequências de tal ato, nem como radical, posição

---

[46]MOCHULSKY, Konstantin. *Dostoevsky his life and work.* Princeton University Press. Traduzido por Michael A. Minihan.

De acordo com o estudioso, essa reconciliação deveria ocorrer a qualquer preço, independente dos sacrifícios que fosse necessários e o mais rápido possível.

[47]De acordo com Boris Schnaiderman, "Essa revista defende uma posição muito cara a Dostoiévski, o *pótchvienitchestvo*. Havia então, nos escritos jornalísticos do romancista, uma defesa apaixonada das raízes nacionais, populares, das quais os intelectuais não deveriam afastar-se. Nisto, evidentemente, os irmãos Dostoiévski aproximavam-se dos eslavófilos, na grande polêmica entre estes e os ocidentalistas, mas, ao mesmo tempo, tinham posição independente e dirigiam suas críticas a ambos os campos." (SCHNAIDERMAN, 2000, p. 4)

[48]Apolon Grigóriev foi um crítico de literatura e de teatro.

[49]O movimento *pótchvienitchestvo* defendia a reconciliação, mas logo o movimento foi bombardeado de críticas dos dois lados, eslavófilos e ocidentalistas.

[50]Para demonstrar a força e a criatividade do povo russo, Dostoiévski usa como exemplo os raskólniki, os dissidentes que não aceitaram as reformas religiosas inspiradas na Igreja Grega, foram perseguidos e formaram seitas na tentativa de preservar uma cultura russa autóctone, que fosse independente da influência europeia.

que também não lhe agradava, levando-se em conta as polêmicas que travou com periódicos que seguiam essa orientação. Os *potchvieniki*, ou seja, os partidários do movimento, apresentavam-se como oposição aos grupos radicais da década de 1860 sem, ao mesmo tempo, serem propagadores das políticas do governo. Porém, o embate entre os radicais e a política oficial causaria futuros problemas aos irmãos Dostoiévski e à revista *Vriêmia.*

A maioria dos artigos dos irmãos publicados na revista conseguiu mostrar suas objeções a diversos aspectos da ideologia radical sem despertar uma reação hostil. Porém, o crítico Maksim Alekseievitch Antônovitch, colaborador da publicação *Sovriemiênik,*[51] em um de seus artigos, desfecha um ataque ao movimento *pótchvienitchestvo,* ao qual Strákhov escreve uma resposta que acabaria por envolver o periódico em uma grande polêmica com esta revista. Antônovitch afirma que a separação entre a classe instruída russa e os camponeses, atribuída pelos *potchvieniki* como consequência das reformas petrinas, na verdade, teria acontecido de qualquer forma, pois a separação se devia a causas sociais gerais e não apenas às condições históricas. Além disso, a divisão existente entre ricos e pobres não era um fenômeno peculiar dos russos. E Antônovitch ironiza a solução apresentada pelos *potchvieniki* de que a alfabetização acabaria, em parte, com essa divisão, já que, o que os camponeses russos precisavam, primeiramente, era acabar com o problema da fome, para depois pensar em alfabetização. Strákhov rebate a essa afirmação dizendo que era "impossível eliminar o idealismo inato da humanidade" (FRANK, 2002, p. 289). Resposta com a qual Dostoiévski concorda, mas não completamente.

Para ele, um dos grandes problemas da *intelliguientsia* russa da época estava no afastamento da *intelligentsia* daquilo que era verdadeiramente russo para buscar a verdade seguindo os moldes europeus. Por exemplo, as ideias liberais de "humanidade" afirmadas pela personagem principal de *Uma anedota desagradável*, e também por outras personagens de textos dostoievskianos, muitas vezes eram importadas da Europa e não possuíam nenhuma relação com a realidade russa, tanto que, ao serem colocadas em prática, na maioria dos casos não funcionavam de acordo com o esperado. No caso dessa novela, Dostoiévski apresenta o encontro de um superior com seus subordinados em uma situação que gera um enorme mal estar para ambas as partes, já que o protagonista, que é um general, ao perceber a dificuldade de descer de seu pedestal e se

[51] *Sovriemiênik,* periódico que existiu na época da revista *Vriêmia*.

encaixar em meio aos pequenos funcionários, logo percebe a inadequação de tais ideias e que as posições que teoricamente defendia não eram tão simples de ser colocadas em prática.

Pode-se estabelecer um paralelo entre a situação tragicômica pela qual passa a personagem principal no decorrer da história e a sociedade russa dos anos 1860, e a ilusão da Rússia liberal (ilusão formada pelas recentes reformas) e a vida real da maior parte da sociedade russa, que mais parecia um "disparatado e medonho pesadelo". Esse paralelo é o que em grande medida determina a estrutura do conto: "em degraus composicionais com catastrófico revés da personagem principal e, ao mesmo tempo, toda a atmosfera da ação lembrando um vergonhoso sonho" (DOSTOIÉVSKI[52], 1973, p. 354, tradução nossa). A estrutura artístico-ideológica do conto e sua denominação parecem manifestar o ânimo da época em relação à vida russa, que Saltikov-Chtchedrin caracterizou como "época confusa".

É interessante notar algumas observações de Dostoiévski publicadas em um artigo escrito no mesmo ano da publicação de *Uma anedota desagradável*. Nele o escritor afirma: "Temos de dizer a verdade: não sabemos como chegar às pessoas. [...] Nesse particular, não conhecemos o caminho conveniente." (FRANK, 2002, p. 283). Nota-se aqui a preocupação de Dostoiévski com o fato de as classes instruídas não saberem como se aproximar do povo. E no mesmo artigo ele escreve que, para isso, "temos em certa medida de nos transformar moralmente. Temos de renunciar a nossos preconceitos de classe e a nossos pontos de vista egoístas. [...] Devemos amar o povo, mas não com um amor sentimental adquirido no estudo." (FRANK, 2002, p. 284). E essa constitui uma ideia que faz parte do tema central da novela, que ressalta a dificuldade do protagonista de se inserir em um ambiente popular e a inadequação de suas ideias liberais, ideias estas que estavam se tornando populares no início dos anos 1860[53].

[52]O trecho citado encontra-se nas observações de críticos e estudiosos russos acerca da novela, publicadas nas últimas páginas do livro DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Obras completas em trinta volumes*. Leningrado: 1973.

[53]Além do general Pralínski e do pequeno funcionário Pseldonímov, na novela há a figura do estudante de medicina e do colaborador de um jornal satírico. É possível estabelecer relações entre o jovem estudante e a personagem de Bazárov, do romance *Pais e Filhos,* de Turguêniev, (TURGUENIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. São Paulo: Abril Cultural, 1971. Tradução de Ivan Emilianovitch) por meio das atitudes dessa personagem e o modo como trata os outros.

Joseph Frank também considera o tema principal da novela o estranhamento entre as classes, que se revela por meio da personagem de Pralínski, que ao tentar pôr em prática suas ideias liberais sofre um terrível revés, já que entre as suas expectativas em relação ao que acontecerá na festa de casamento com a sua chegada e o que realmente acontece há uma grande diferença. Se no início do texto o general se sente bem e confiante em suas convicções, no fim percebe que se meteu em uma situação deveras embaraçosa ao tentar colocá-las em prática e muda completamente de opinião acerca de suas ideias progressistas.

Já a aproximação do escritor com os princípios eslavófilos em *Uma anedota desagradável* ainda não está clara, ficando mais evidente em seus escritos seguintes. No texto subsequente, *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão,* em algumas passagens acerca do futuro da Rússia e de sua missão de liderar os povos europeus, já é possível notar alguns paralelos com o pensamento eslavófilo[54]. Os colaboradores do periódico *Vriêmia* afirmavam que as reformas de Pedro, o Grande, tinham causado um divórcio entre o povo e as classes mais instruídas da sociedade russa e que era necessário basear a sociedade e a cultura russa no povo. Essas afirmações aproximam-se do pensamento dos eslavófilos moscovitas e vinham sendo proclamadas por eles nos últimos quinze anos. Dessa maneira, para que as ideias veiculadas pela revista *Vriêmia* não parecessem aos leitores uma repetição do que já afirmava o grupo moscovita, elas surgem sob um novo rótulo, com o título de movimento *pótchvienitchestvo*[55]. Deve-se ter em mente que o movimento fundado pelos irmãos Dostoiévski também trazia outros conceitos, que ele

[54]Há uma passagem em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão* que se aproxima bastante do conceito de *sobornost* da Igreja Ortodoxa e que foi tratado muitas vezes pelos eslavófilos. A ideia de submissão voluntária ao todo se mostra no trecho, "Porque na fraternidade, na fraternidade autêntica, não é uma personalidade isolada, um Eu, que deve cuidar do direito de sua equivalência e equilíbrio em relação a tudo o *mais,* e sim todo este o *mais* é que deveria chegar por si a essa personalidade que exige direitos, a esse Eu isolado, e espontaneamente, sem que ele o peça, reconhecê-lo equivalente e de iguais direitos a si mesmo, isto é, a tudo o mais que existe no mundo. Mais ainda, esta mesma personalidade revoltada e exigente deveria começar por sacrificar todo o seu Eu, toda a sua pessoa, a sociedade, e não só não exigir seu direito, mas, pelo contrário, cedê-lo à sociedade, sem quaisquer condições. Mas a personalidade ocidental não está acostumada a um tal desenvolvimento dos fatos: ela exige a força o seu direito, ela quer *participar,* e disso não resulta fraternidade. Está claro: ela pode transformar-se? Mas semelhante transformação leva milênios, porque tais ideias devem antes entrar na carne e no sangue para se tornarem realidade." (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 131).

[55]Após a leitura da declaração da revista, em que os principais pontos do movimento são descritos, percebe-se a ideia de devoção ao povo russo. Os contrários a esses princípios eram chamados de *bezpotchviennost,* termo que designava aqueles que não estão preocupados com o povo russo e não estão interessados em estabelecer maior contato com a realidade e o solo russo.

não era simplesmente uma reelaboração do que já fora dito. Por causa desse movimento, surgem algumas polêmicas com outros periódicos da época, de tendência mais radical[56].

O inverno de 1861 e 1862 foi um momento crítico para a história do pensamento russo. O entusiasmo liberal, que alcançara seu ápice com a emancipação dos camponeses, começara a arrefecer. Uma parte da sociedade russa considerava que as reformas realizadas já eram suficientes, enquanto outra achava que as mudanças tinham apenas começado. Ocorre uma reorganização dos partidos de esquerda e de direita, a mudança de lado de Dostoiévski e o surgimento de um novo grupo de jovens extremistas, formado por universitários. Com uma leitura atenta de *Uma anedota desagradável*, pode-se perceber que este momento histórico encontra paralelos em algumas personagens da novela, principalmente nas figuras de Chipuliénko, Nikíforov, Pralínski, do jovem jornalista radical e do estudante de medicina.

O estudioso de literatura russa Aleksiéi Rémizov lamenta o fato de *Uma anedota desagradável* ter sido negligenciada por críticos e biógrafos de Dostoiévski[57]. Segundo ele, nela se evidencia a "ideia oculta[58]" do escritor. Ideia[59] essa que se refere à questão da interação humana, que leva em consideração duas noções contraditórias, a de que uma pessoa apoia, cuida da outra e ao mesmo tempo prejudica, causa danos à outra.

---

[56]Partindo do emprego do termo *pótchva* para os significados defendidos pelos colaboradores do *Vriêmia* surgem as polêmicas com o periódico de tendência radical, *Sovriemiênik.* O grupo de Tchernichévski considerou o termo *pótchva* uma palavra que não significava nada. Ou melhor, que a força do termo estava na sua abundância de significados. A redação da revista *Vriêmia,* por meio dos artigos publicados e das opiniões expostas, aproxima-se cada vez mais da corrente eslavófila de interpretar o futuro da Rússia. No segundo número da publicação, em fevereiro de 1861, Fiódor Dostoiévski escreveu um artigo sobre a teoria da arte atacando vigorosamente os dois proeminentes periódicos radicais da época, *Sovriemiênik*e *Otiétchestviennie Zapíski.* No mesmo número, Grigóriev deu início a uma série de artigos em que expunha a filosofia dos fundadores da Escola Eslavófila, Khomiakóv e Kiriévski. Porém, Mikhail percebeu que esses artigos estavam aproximando a revista da corrente eslavófila e, preocupado com a circulação do jornal e a quantidade de assinaturas que eles conseguiriam neste primeiro ano, teve uma discussão com Grigóriev, que fez com que o colaborador se afastasse da revista por um ano.

[57]O trecho a seguir baseia-se no texto "Parodic Layering in Dostoevsky's 'Skvernyi Anekdot'". OLIVER, Donna. ""Parodic Layering in Dostoevsky's 'Skvernyi Anekdot'". In: *The Slavic and East European Journal, vol. 47. Nº 2, Summer, 2003, pp. 171 – 185.* Published by American Association of Teachers of Slavic and East European Languages.

[58]Traduzido de "potainaia mysl" e "hidden idea" por "ideia oculta".

[59]Para Donna Oliver, a complexidade dos escritos de Dostoiévski aparece no desenvolvimento das virtudes de auto-sacrifício, humildade e aceitação da responsabilidade e os vícios humanos de ressentimento, piedade e maldade. Rémizov acredita que a "ideia oculta" sugere para Fiódor Dostoiévski que a interação humana apresenta um indissolúvel paradoxo moral. Em uma última análise, o egoísmo, em todas as suas manifestações, faz parte da motivação humana e serve como fonte de conflito dramático para muitas personagens dostoievskianas e, de certa forma, pode-se perceber na figura do general Pralínski.

Essa ideia paradoxal será desenvolvida nos trabalhos seguintes de Dostoiévski, porém já aparece como um tema embrionário nessa novela. A contradição que aparece na "ideia oculta" reflete-se no caráter de diversas personagens do escritor.

Pode-se perceber que os temas explorados pelo periódico fundado pelos irmãos Dostoiévski, principalmente no que se refere ao movimento *pótchvienitchestvo*, podem ser relacionados às personagens, à história e à própria publicação de *Uma anedota desagradável*. Além dessas relações, também serão discutidas neste trabalho alguns elementos e características relativas ao universo grotesco presentes no texto.

## 2. Elementos para um estudo sobre a paródia e o grotesco

Nesta parte do trabalho pretende-se apresentar alguns pressupostos teóricos relacionados ao tema do grotesco na literatura em geral. As questões aqui tratadas brevemente serão depois retomadas para a abordagem de algumas passagens da novela. Alguns aspectos do universo grotesco que serão tratados referem-se ao riso, ao duplo e à paródia. Procuraremos demonstrar como esses aspectos estão relacionados ao grotesco na literatura de diversas formas.

O termo grotesco surgiu no fim do século XV, em Roma, na Itália. Durante escavações em uma caverna, localizada em frente ao Coliseu, foram encontradas algumas figuras desenhadas em paredes de grutas. As imagens encontradas eram pinturas ornamentais antigas e desconhecidas que misturavam formas humanas com animais e plantas. Com base nessas imagens, identifica-se o caráter animalesco do conceito. Partindo dos vocábulos italianos *grottesca* e *grottesco* como derivações da palavra *grotta* (que significa gruta), o local onde as imagens foram encontradas, essa arte foi denominada de "grotesca".

Partindo dessa definição inicial do conceito, o termo passou a abranger outros significados. Tanto que a paródia, por exemplo, é tratada como um elemento presente no universo grotesco. De acordo com Bakhtin,

> Para os parodistas, tudo, sem a menor exceção, é cômico; o riso é tão universal como a seriedade, ele abarca a totalidade do universo, a história, toda a sociedade, a concepção do mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, verdade que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É de alguma maneira o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso. (BAKHTIN, 1987, p. 73)

Para Bakhtin, "A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como 'um mundo ao revés'." (BAKHTN, 1987, p. 10). Para ele, a paródia estaria relacionada ao mundo ao revés, um mundo diferente daquele que as pessoas estão acostumadas em sua vida cotidiana.

Em seu texto *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, Bakhtin ainda cita algumas particularidades do mundo grotesco, reveladas por Möser, que

> qualifica-o de ‘quimérico’ por sua tendência a reunir o heterogêneo, comprova a violação das proporções naturais (caráter hiperbólico), a presença do caricaturesco e paródico. (BAKHTIN, 1987, p. 31).

Entre os estudiosos que se dedicaram ao estudo do grotesco na arte, para Victor Hugo, ele está relacionado à comédia, e embora já existissem figuras[60] que remetessem esse universo nas comédias e tragédias da Antiguidade, o grotesco se desenvolveu plenamente no período pós-Antiguidade. O escritor explica que isso se deu em função da importância que a epopeia tinha no período e que não permitia que figuras grotescas fizessem parte das narrativas. Victor Hugo trata de duas formas do grotesco, um disforme[61] e horrível e, outro, cômico e bufo. Nesse sentido, pode-se considerar que, em *Uma anedota desagradável*, o grotesco estaria situado mais próximo do cômico, como se percebe já pelo próprio título da novela, que inclui o termo anedota.

Outro crítico que se dedicou ao estudo do grotesco na arte e na literatura foi Wolfgang Kayser[62]. Para ele, o grotesco está relacionado à deformidade. O estranhamento em relação ao grotesco está ligado à aparência e à essência. Na novela em estudo, percebe-se que esse par é representativo da situação de Pralínski, que quer aparentar ser algo que na verdade não é. Dessa discrepância, entre ser e aparentar ser, podem surgir expressões e descrições que remetem à deformidade aparente e essencial. De acordo com Kayser, ao tratar da obra do pintor Pieter Brueguel, *O Jovem*, o grotesco tem como função despertar gargalhada e nojo.

Kayser aponta para um aspecto muito interessante. Segundo ele, por trás das expressões grotescas revela-se uma inquietação interior. Além disso, no realismo grotesco analisado por Bakhtin ocorre um rebaixamento do indivíduo que está em um plano elevado. Nesse sentido, na novela em estudo, a personagem Pralínski apresenta uma inquietação interior; a questão da humanidade e o fato de querer aparentar ser um liberal são aspectos que o acompanham ao longo de toda narrativa. No entanto, ao tentar pôr seus ideais em prática, ele sofre um rebaixamento da sua posição, como ele mesmo percebe “— Porfiri, dirijo-me a você... Diga, se eu vim... é... é, até a sua festa de casamento, eu tinha um objetivo. Eu queria elevar o moral... eu queria que todos

[60]Algumas dessas figuras citadas por Victor Hugo são os ciclopes e as sereias, seres mitológicos que apresentam deformidades.

[61]O que se aproxima de algo disforme na novela é o nariz de Pseldonímov, descrito pelo narrador e acentuado por Pralínski em diversas passagens.

[62]KAYSER, Wolfgang. *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

compreendessem. Eu dirijo-me a todos: já fui humilhado o bastante aos vossos olhos ou não?"

O crítico literário Harold Blomm[63] organizou um livro[64] que reúne diversos ensaios, em que o grotesco na arte e na literatura é analisado a partir de textos de diferentes autores. No primeiro ensaio do livro[65], o autor apresenta a definição do termo grotesco segundo o Dicionário de Oxford, "tipo de pintura decorativa ou escultura nas quais porções humanas e formas animais estão fantasticamente entrelaçadas com vegetação e flores." (BLOMM, 2009, p. 2). Nessa definição, percebe-se que o grotesco está relacionado à pintura e à escultura. Como exemplo de escultura grotesca, o autor cita as gárgulas das catedrais góticas europeias. Nota-se que aqui o grotesco remete ao disforme, conforme definição de Victor Hugo.

O grotesco norte-americano, estudado por James Schevill, está ligado à busca de um objetivo – alcançar sucesso individual. Esse objetivo demonstra estar de acordo com as características da sociedade norte-americana. Apesar disso, é possível encontrar na personagem de Pralínski um desejo de sucesso individual. Em uma passagem da novela, ele imagina o grande chefe de Estado que será futuramente, ou seja, de certa forma, as ideias proclamadas por ele são uma maneira de buscar auto-engrandecimento.

O contista norte-americano Sherwood Anderson, no texto *Winesburg, Ohio*, define o grotesco como "o momento em que uma pessoa toma uma das verdades para si, chama isso de verdade e tenta viver a sua vida por essa verdade, ele torna-se grotesco e a verdade que ele adotara torna-se falsidade." (BLOMM, 2009, p. 4). Para esse escritor e para o poeta norte-americano William Carlos Williams, o grotesco é frequentemente belo porque é abertamente humano e encontra-se exposto a todos.

O escritor e crítico Humberto Eco tratou da beleza e da feiura em seus textos *História da Beleza*[66] e *História da Feiura*, em que os aspectos que remetem à feiura podem ser relacionados ao grotesco na arte, ao pensar no grotesco como algo feio e disforme. Mas o autor também relaciona o belo ao grotesco, ao observar que

> [...] já havia sido enfrentado por Santo Agostinho em um parágrafo de sua *Cidade de Deus*: também os monstros são criaturas divinas e de algum modo

[63]Harold Bloom é crítico literário e professor da Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América.
[64]BLOOM, Harold. *The Grotesque*. Nova York, 2009.
[65]SCHEVILL, James. "The American and European Grotesque. 'Notes on the Grotesque: Anderson, Brecht, and Williams'".
[66]ECO, Humberto. (Org.) *História da Beleza*. São Paulo: Record, 2008. Tradução de Eliana Aguiar.

ECO, Humberto. (Org.) *História da Feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.

> pertencem, eles também, à ordem providencial da natureza. Caberá aos muitos místicos, teólogos e filósofos medievais demonstrar de que maneira, no grande concerto sinfônico da harmonia cósmica, mesmo os monstros contribuem, nem que seja por contraste...para a Beleza do conjunto. (ECO, 2004, p. 147).

Assim como para Bakhtin, o par belo-grotesco procura harmonizar-se no universo carnavalesco. Para ele, de certa forma, o que era feio e grotesco no mundo habitual encontra seu lugar no mundo carnavalizado. Para Maria Beatriz Furtado Rahde, em seu artigo "Reflexões visuais estéticas: da beleza e do grotesco", o grotesco é uma mutação, relacionada com a transformação assinalada por Bakhtin.

> O grotesco [...] é uma mutação, uma catástrofe que pode ser criada ou oriunda da natureza. Prosseguem afirmando que é uma combinação insólita e exacerbada de formas heterogêneas em desarmonia com aquilo que, normalmente, consideramos belo. (RAHDE, 2012, p. 10).

Alguns formalistas russos[67], ao tratar da ótica grotesca empregada nos escritos de Gógol, chamam a percepção grotesca de apreender o mundo de *ostraniênie*, uma "percepção 'estranhante', e que impregna o estilo, os diálogos e o tratamento inovador da linguagem". (CAVALIERE, 2009, p. 15). Apesar de os estudiosos estarem se referindo aos textos gogolianos, alguns aspectos da definição do termo *ostraniênie* podem ser relacionados à novela em estudo. Por exemplo, o estilo que lembra a narração de um terrível pesadelo.

Para Soloviov[68], em seu primeiro discurso após a morte de Dostoiévski[69], no mundo artístico do escritor tudo está em fermentação, nada foi estabelecido, "tudo ainda está acontecendo. O objeto do romance não é o cotidiano da sociedade, mas o movimento social." (SOLOVIÓV, 2013, p. 517). À ideia de que nada foi estabelecido pode-se relacionar a ideia da carnavalização em seu texto, já que, segundo Bakhtin,

> A imagem grotesca caracteriza um fenômeno em estado de transformação, de metamorfose ainda incompleta, no estágio da morte e do nascimento, do crescimento e da evolução. A atitude em relação ao tempo, à evolução, é um traço constitutivo (determinante) indispensável da imagem grotesca. Seu segundo traço indispensável, que decorre do primeiro, é sua ambivalência; os dois pólos da mudança – o antigo e o novo, o que morre e o que nasce, o

[67]O conceito de *ostraniênie,* estudado por formalistas russos, é tratado brevemente por Arlete Cavaliere em GÓGOL, Nikolai. *Teatro completo*. São Paulo: Editora 34, 2009. Traduzido por Arlete Cavaliere.
[68]Vladímir Soloviov foi um crítico russo e autor dos textos *A ideia russa, A história e o futuro da teocracia, A Rússia é a Igreja Universal, O significado do amor*.
[69]SOLOVIOV, Vladímir. "Três discursos em memória de Dostoiévski". In: GOMIDE, Bruno Barretto (Org.) *Antologia do pensamento crítico russo.* São Paulo: Editora 34, 2013.

> princípio e o fim da metamorfose – são expressados (ou esboçados) em uma ou outra forma. (BAKHTIN, p. 21).

Uma característica do universo grotesco tratada por Bakhtin é o riso. Para ele, a visão carnavalizada do mundo presente em escritos de autores russos está ligada ao riso que surgiu no solo da cultura cômica popular e das formas do cômico popular na praça pública.

Além de Bakhtin, outros dois teóricos russos também se dedicaram a estudar as relações do riso no universo da cultura russa, D. S. Likhatchóv e A. M. Pantchenko[70]. Para eles, a questão do humor é abordada

> sobretudo no âmbito da tradição popular e da concepção do riso como um dos elementos essenciais para uma compreensão não apenas da natureza do homem em si mesmo, mas também da relação íntima entre o riso e os fatos da linguagem, da literatura e da arte em geral.[71] (CAVALIERE, 2009, p. 13)

A noção bakhtiniana do riso popular, segundo a qual há uma cultura popular que resiste à cultura oficial e que produz seu ponto de vista particular sobre o mundo e suas próprias formas de expressá-lo, relaciona-se às ideias dos dois teóricos russos mencionados.

> Segundo Bakhtin, a crítica literária e a estética partem em geral de manifestações estreitas e empobrecidas da arte cômica, e tentam encaixar o riso e o cômico em concepções restritas e limitadoras. O aspecto do autêntico riso festivo popular acentua, assim, uma cosmovisão desagregadora e cômica do mundo. Em virtude de sua própria natureza popular, insubmissa e contestadora, o riso pode abolir todas as hierarquias éticas e sociais. O riso é, segundo essa ótica, por sua própria natureza, politicamente anarquista. (CAVALIERE, 2009, p. 12)

As colocações de Likhatchóv e Pantchenko aproximam-se das de Bakhtin acerca do riso[72]. Para eles, o aspecto de irreverência próprio ao riso e à comicidade são acentuados. O que se pode perceber na passagem da imitação do galo pelo estudante de medicina em *Uma anedota desagradável*. Essa irreverência vincula-se à "criação de

---

[70]D. S. Likhatchóv e A. M. Pantchenko publicaram *"O mundo do riso" na Rússia antiga. ("Smiekhovói mir" drévnei Russi.* Leningrado: Naúka).

[71]CAVALIERE, Arlete. *Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco.* São Paulo: Humanitas, 2009.

[72]Nikolai Gógol também tratou de apresentar diferentes tipos de riso. Acerca do seu texto teatral, o escritor afirma, "O riso é muito mais profundo e significativo do que eles pensam. Não aquele riso que nasce da irritabilidade passageira ou de um caráter colérico e doentio. Nem o riso leve, que serve para a vã distração e para o divertimento das pessoas. O riso de que falo é o que nasce da profunda natureza humana." (CAVALIERE, 2009. p. 33).

uma espécie de antimundo em oposição ao mundo oficial, regulamentado e organizado." (CAVALIERE, 2009, p. 12). Acerca do riso, os dois primeiros teóricos russos citados afirmam,

> 'O mundo do riso' é, ao mesmo tempo, completo e incompleto; apresenta-se como um sistema em si, mas apenas como uma parte de um sistema mais amplo. Por um lado, o mundo do riso constitui um sistema íntegro que pode ser descrito e caracterizado, por outro, este sistema dependente e incompleto, exige o seu estudo como parte da cultura de seu tempo. [...] O riso exige um meio, como nenhuma das outras formas de atividade humana. Assim, o riso depende de todo um ambiente, dos pontos de vista e das representações dominantes neste meio, ele exige os seus cúmplices. Ele tende a ser um padrão para a interpretação do mundo. [...] Mas, destruindo, o riso ao mesmo tempo constrói: ele cria o seu antimundo fantástico que traz em si determinada concepção do universo, determinada relação com a realidade ambiente. Esta relação do riso com a realidade é variável nas diferentes épocas e em diferentes povos.[73] (CAVALIERE, 2009, p. 13)

Um outro aspecto que se pretende tratar aqui são as relações paródicas de *Uma anedota desagradável* com outros textos. De acordo com Paulo Bezerra[74], Dostoiévski teria uma tendência a realizar paródias[75]. Pode-se considerar que, na novela em estudo, a paródia esteja mais relacionada à ideia de um canto paralelo, no sentido de intertextualidade. Desse modo,

> ao lado da concepção bakhtiniana de paródia como registro essencialmente cômico que revira o texto parodiado, num confronto irreverente com os grandes temas da cultura oficial, a utilização mais ampla do conceito de paródia, de acordo com a acepção etimológica, já amplamente referida pela crítica moderna, concebida não necessariamente no sentido de imitação burlesca. De acordo com esta apreensão, o conceito de paródia acerca-se também da ideia bakhtiniana de dialogismo, mas fica destacada sua importância fundamental como recurso estilístico estrutural. (CAVALIERE, 2009, p. 16)

Pode-se, assim, relacionar *Uma anedota desagradável* com *O Capote*, de Gógol, com *Gente Pobre*, de Dostoiévski e com passagens do Novo Testamento, no sentido de

---

[73]LIKHATCHÓV, D. S.; PANTCHENKO, A. M. "*Smiekhovói mir" drévnei Russi.* Leningrado: Naúka, 1976.

[74]DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Bobók*. São Paulo: Editora 34, 2005.

[75]O tradutor faz esse comentário na sua análise do texto *Bobók*, "Conhecendo a tendência de Dostoiévski para parodiar tudo, consideramos perfeitamente justificável a hipótese segundo a qual "Bobók" derivaria de Boboríkin". (BEZERRA, 2005, p. 42).

"imitação burlesca", e é interessante notar como alguns estudiosos relacionam a figura da personagem Pralínski à do próprio escritor, como se fosse Dostoiévski a personalidade parodiada. Arlete Cavaliere, ao comentar sobre a paródia nos textos teatrais, afirma que neles ela é

> entendida não apenas como um jogo irônico entre o primeiro plano paródico e o segundo parodiado, mas, sobretudo, como uma 'irônica transcontextualização'[76] na qual subsistem uma inversão e uma repetição com diferença crítica. Ficam implícitos, assim, um distanciamento crítico e uma sobreposição estrutural de textos que apontam para uma reapropriação dialógica do passado. Este movimento assinala, porém, a intersecção da criação e da recriação, da invenção e da crítica nela implícita, e formula, afinal, um modo particular de consciência histórica que interroga, com seriedade, a forma criada perante os precedentes significantes. Trata-se de focalizar um processo de continuidade estética e cultural, embora por meio de uma espécie de distância crítica instauradora da mudança. (CAVALIERE, 2009, p. 17).

Essa definição de paródia é bastante interessante, por tratar da relação entre os textos apresentando uma diferença crítica. Nos exemplos de intertextualidade que serão citados adiante, há sempre alguma diferença que será assinalada. Iúri Tiniánov[77] também examinou o conceito de paródia, pensando em uma evolução literária, ao inserir a sua função na rede de relações que se estabelece entre os fatos sincrônicos e diacrônicos.

> Quando se fala de 'tradição literária' ou de sucessão costuma-se figurar apenas uma linha reta que une o representante mais jovem de um determinado ramo literário ao mais antigo. Mas na realidade a questão é mais complexa. Não se trata de uma linha reta contínua, mas antes de um ponto de partida, de um distanciamento de um determinado ponto; trata-se de uma luta. (CAVALIERE, 2009, p.17)

A sucessão literária apresentada por Tiniánov foi levada em conta na abordagem das relações paródicas entre textos literários que serão comentadas adiante. A seguir, os aspectos do universo grotesco apresentados neste capítulo do trabalho serão relacionados a passagens da novela *Uma anedota desagradável*.

---

[76]Essa expressão foi utilizada por Linda Hutcheon em HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia – Ensinamentos das formas de Arte do século XX.* Lisboa: Edições 70.

[77]Iúri Tiniánov foi escritor e crítico literário soviético. Foi um importante membro do Formalismo russo.

## 3. A questão do riso em *Uma anedota desagradável*

Em seu texto *Dostoevski the Adapter: A study of Dostoevski's use of the tales of Hoffmann*[78], Charles Passage apresenta um resumo de *Uma anedota desagradável* em que ele procura mostrar que os acontecimentos narrados ao longo da festa de casamento, desde o momento em que Pralínski se intromete nas bodas, são descritos como se fossem vistos pelos olhos do general, até o momento em que seus olhos falham e ele finalmente descansa sobre o prato de *blanc manger*. Somente após o desmaio de Pralínski é que surge um espaço na narrativa para que venha à tona a história do pequeno funcionário Pseldonímov. De acordo com Charles Passage,

> No instante em que a consciência de Pralínski o abandona, o delírio cessa. Das conversas absurdamente desconexas e das idas e vindas dos trinta convidados do casamento, o leitor de repente é jogado na história racional em terceira pessoa [...] do casamento de Pseldonímov. A razão de ele ter sido selecionado pelo sogro é o fato de ele ser um sujeito com o qual se pode praticar *bullying*. (PASSAGE, 1954, p. 127).

Ou seja, Pseldonímov foi escolhido pelo senhor Mliekopitáiev para se casar com sua filha para sofrer em suas mãos. E a própria filha, noiva de Pseldonímov, demonstra sinais de ter uma personalidade em muito parecida com a do pai.

No livro de Charles Passage, o autor relaciona a novela *Uma anedota desagradável* ao texto de Hoffmann *Die Brautwahl*. O desenvolvimento da comparação proposta pelo autor entre os dois textos não será tratado aqui. No entanto, é interessante pontuar que, para Passage, o que diferencia Pralínski de Tusmann, personagem do texto de Hoffmann, é que para a personagem dostoievskiana todos os acontecimentos desagradáveis ocorridos nas bodas de seu funcionário se devem à *champagne* e à vodca bebidas em excesso. A ingestão excessiva de álcool foi a causa das suas desventuras. Esse aspecto aproxima-se da leitura que se procura fazer da novela, ao relacioná-la ao universo grotesco.

Como apontam os estudos de Bakhtin acerca da carnavalização, as festas durante a Idade Média, como a festa dos loucos, a festa do asno e as celebrações carnavalescas, eram acompanhadas de glutonaria e embriaguez desenfreadas. A personagem Pralínski bebe excessivamente já na casa de Nikíforovitch, e não só ele, seus companheiros de repartição também. E, ao chegar à festa de Pseldonímov, lhe é oferecida

[78]PASSAGE, Charles E. *Dostoevski the Adapter: A study of Dostoevski's use of the tales of Hoffmann.* Chapell Hill: University of North Carolina Press, 1954.

incessantemente *champagne* e ele não recusa absolutamente, o que leva à sua embriaguez. Há uma passagem contraditória no comportamento do general, que procura pôr em prática seus ideais de humanidade e no entanto, ao mesmo tempo, é servido e aceita ser o único convidado a dispor de uma bebida cara demais para o bolso de um pobre funcionário. Nem mesmo o noivo pode se dar o prazer de beber dessa *champagne*. Essa passagem é assinalada por um dos convidados: "Realmente, você veio para gabar-se da sua humanidade! Você estragou a diversão de todos. Você se embriagou de *champagne* e nem percebeu que a bebida era excessivamente cara para um funcionário público que recebe um ordenado de dez rublos por mês, e chego até a desconfiar que você seja um desses chefes que cobiçam as jovens esposas de seus subordinados! [...]". Como resposta a essa fala do convidado, Pralínski chama Pseldonímov, para que este o ajude a acabar com essa situação embaraçosa.

Não se pretende considerar aqui *Uma anedota desagradável* uma novela cômica, mas há passagens[79] no texto que geram gargalhadas em parte das personagens e, de certo modo, até no leitor. O próprio termo anedota, que aparece no título, já remete a uma história engraçada, que tem como objetivo despertar o riso.

Passado o constrangimento inicial com a chegada do general, os convidados voltam a se descontrair e esquecem a presença de Pralínski. Nesse momento, o general deixa de ser visto como uma autoridade. Essa descontração dos convidados pode ser observada no seguinte trecho,

"O estudante de medicina de fato se punha de pernas para o ar e produzia uma admiração exaltada, um bater de pés e ganidos de felicidade. Em uma palavra, a liberdade era extrema. A bebida já fazia efeito em Ivan Ilitch e ele começava a sorrir, mas pouco a pouco uma certa dúvida amarga começou a se insinuar em sua alma: com certeza ele apreciava muito o desembaraço, havia até mesmo mentalmente desejado essa falta de cerimônia no momento em que todos recuaram, mas agora esse desembaraço já começava a ultrapassar os limites do aceitável. Uma dama, por exemplo [...] prendeu a barra do vestido com alfinetes, de tal modo que parecia que estava usando apenas calças de baixo. [...] Sobre o estudante de medicina era até inútil falar: era tão-somente um Fokin. Como assim? Ora, até pouco tempo eles recuavam e agora, de repente, era como

[79]Uma dessas passagens é "O estudante de modo abrupto voltou-se para ele, contorcendo-se em uma careta e aproximando o rosto do de sua Excelência, a uma distância inconveniente, e gritou a plenos pulmões, como um galo. Isso já era demais. Ivan Ilitch levantou-se da mesa. Não obstante, seguiu-se uma rinchalhada, pois o grito do galo fora admiravelmente semelhante ao som natural produzido por esse animal, e a própria careta fora completamente inesperada."

se tivessem se emancipado! [...] Realmente, era como se tivessem se esquecido completamente de que Ivan Ilitch estava ali. [...]"

Nessa passagem, os convidados, como nas celebrações festivas da Idade Média tratadas por Bakhtin, perdem o comedimento inicial, sentem-se livres para agir da forma que bem entendem, sem precisar manter um bom comportamento. O estudante de medicina "de pernas para o ar" já demonstra simbolicamente a inversão da ordem costumeira das coisas. Uma parte dos convidados comporta-se de forma animalesca, soltando garridos e batendo os pés como cavalos. Uma das damas decide até encurtar o vestido e dançar assim na frente de todos. A única personagem a não se enquadrar nesse universo festivo é Pralínski, que se mostra incomodado com o excesso de liberdade diante de sua figura. O estudante de medicina é comparado a Fokin, um palhaço russo e célebre acrobata. Aliás, na frase exclamativa, empregou-se na tradução o termo "emancipado" para referir-se a essa mostra de liberdade recém-adquirida por parte dos convidados. Portanto, pode-se destacar aqui mais um posicionamento contraditório de Ivan Ilitch, que dizia apoiar a emancipação dos servos e, no entanto, recriminava o comportamento emancipatório dos convidados.

Em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento,* Bakhtin afirma sobre o riso que,

> para a teoria do riso do Renascimento (como para as suas fontes antigas) o que é característico é justamente o fato de reconhecer que o riso tem uma significação positiva, regeneradora, criadora, o que a diferencia nitidamente das teorias e filosofias do riso posteriores, [...] que acentuam de preferência suas funções denegridoras. (BAKHTIN, 1987, p.61)

Ao considerar as funções denegridoras do riso, pode-se pensar nas risadinhas de Semión ao ouvir Pralínski proclamar suas ideias de humanidade. Semión parece não levar a sério as ideias do general e, como resposta, se limita a dar risadinhas. Seu riso pode ser entendido como uma forma de rebaixamento dos ideais manifestados por Ivan Ilitch. Em resposta ao questionamento do motivo de suas risadas, que poderiam ser por falta de entendimento das ideias do companheiro, Semión afirma que não está compreendendo o general e a razão disso seria o excesso de bebida ingerida. Nesse momento, também Pralínski, que durante essa discussão já se mostra exaltado, se encontra sob influência do álcool. O excesso de bebida é uma característica que também está profundamente relacionada ao universo grotesco.

Bakhtin menciona que Rabelais e seus contemporâneos conheciam as ideias da Antiguidade sobre o riso, segundo as quais era permitido ridicularizar até mesmo imperadores e chefes militares. Em diversas passagens da novela, o narrador e algumas personagens ridicularizam sem a menor cerimônia a figura de Pralínski, que, durante a festa de casamento, pode ser considerado como a personalidade mais importante das bodas. Um trecho que se pode destacar é quando os convidados entendem que Pralínski dissera que seria possível fazer a autópsia em um homem vivo. Os convidados começam a gargalhar e o general tenta se explicar, porém, todos continuam rindo. A atitude de respeito que se deve manter diante de uma figura que representa autoridade é subvertida. Ao rirem às gargalhadas do general, os convidados demonstram terem perdido completamente a postura que deveriam manter diante de um superior. A subversão das regras e de todo o estabelecido remete imediatamente ao universo grotesco.

A ideia do general Pralínski era estabelecer novas relações, mais humanas, com seu subordinado e com os convidados. Embora de uma forma idealista e teórica, Ivan Ilitch afirma que preferiria abraçar um mujique a um companheiro de repartição, o que é representativo de um ato humano, de contato com o próximo. E Pralínski tenta experimentar concretamente esse contato, como se percebe ao longo da novela, porém, algumas atitudes e posicionamentos da personagem o impedem de conseguir manter relações verdadeiramente humanas com os demais convidados por vê-los como inferiores. Uma dessas atitudes se revela na postura de chefe superior que ele procura manter grande parte do tempo, relacionada à psicologia de classe. Inicialmente, pode-se pensar que o general acreditou nessa espécie de percepção carnavalesca do mundo, ao imaginar que, ao entrar na festa, o mundo real se transformaria em um ideal utópico.

Portanto, o riso, apresentando uma função regeneradora, denegridora ou subversiva, aparece em *Uma anedota desagradável* associado ao universo grotesco e carnavalizado como uma forma de as personagens se expressarem de um modo mais livre, mais espontâneo. De acordo com Bakhtin,

> O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. (BAKHTIN, 1987, p. 43).

O riso, dessa forma, é libertador da consciência, do pensamento e da imaginação das personagens da novela, com exceção de Pralínski, que é o objeto dele, o que dá ensejo a uma mudança na sua postura inicial. Essa diferença do protagonista da novela em relação aos demais convidados e outras características das personagens serão comentadas a seguir.

## 4. Algumas considerações sobre as personagens da novela

Os primeiros escritos de Dostoiévski foram relacionados por críticos contemporâneos a ele à Escola Natural. Os escritores da Escola Natural[80] foram assim chamados por sua inclinação a descrever a "vida como ela é". De acordo com Kenneth E. Harper, foram eles que criaram as bases para o romance realista, em que:

> A abordagem negativa e crítica (derivada majoritariamente do naturalismo satírico de Gógol) foi responsável pela criação de um corpo literário homogêneo: histórias filantrópicas sobre o tema das pessoas pobres, o esboço psicológico, a crítica social de Bielínski e os primeiros sucessos de Turguêniev, Dostoiévski e Nekrássov. (HARPER, 1956, p. 400).

Em seu texto, "Criticism of the Natural School in the 1840's", Kenneth Harper trata das principais críticas à Escola Natural, expostas nos periódicos conservadores da época, *Moskvitianin*, editado por Pogodin[81], *Siévernaia ptchelá* e *Bibliotieka dlia tchtiênia*[82], editados por Senkóvski[83] e Bulgárin[84]. Uma das principais críticas aos escritores da escola era que eles ofendiam o bom gosto dos leitores russos por sua persistência em descrever os aspectos menos edificantes da vida russa. Pode-se imaginar que essa crítica se deve em parte à publicação na época de contos e novelas que privilegiavam a representação de alguns aspectos grotescos e menos edificantes da vida. O universo grotesco funciona como um "mundo ao revés", representação que certamente não agradaria a crítica mais conservadora, ligada aos eslavófilos. As personagens e a vida apresentadas de um ponto de vista do grotesco já apareciam em alguns contos gogolianos e em textos de seus seguidores.

Para esses críticos, o excesso de detalhes desagradáveis[85] acerca da vida das personagens dava a impressão de algo repugnante e ofensivo. De acordo com Harper, "esses críticos [conservadores e contrários à arte desenvolvida pelos escritores

---

[80]Acerca das críticas à Escola Natural, verificar HARPER, Kenneth E. "Criticism of the Natural Scholl in the 1840's". In: *American Slavic and East European Review,* vol. 15, n. 3. Outubro, 1956. pp. 400 – 414.

[81]Mikhail Pietrovitch Pogodin foi historiador e jornalista russo. (1800 – 1875).

[82]Os nomes dos periódicos podem ser traduzidos por *Abelha do Norte* e *Biblioteca para leitura*, respectivamente.

[83]Ossip Ivanovitch Senkovski foi um jornalista russo-polonês. (1800 – 1858).

[84]Faddey Venediktovitch Bulgarin foi escritor e jornalista russo. (1789 – 1859).

[85]O termo utilizado pelo crítico, *unpleasantness*, remete a palavra *unplesant*, que foi usada no título de algumas versões da novela para a língua inglesa.

pertencentes à Escola Natural] acusavam a nova literatura de ser muito ‘polêmica’, muito ‘social’ e muito preocupada com ‘ideias’.” (HARPER, 1956, p. 405).

A personagem principal de *Uma anedota desagradável* é o general Pralínski, uma figura que se julga humanista e adepta do novo liberalismo ideológico. Ele acredita nas ideias de “humanidade” e, no início da novela, em um jantar com dois colegas de serviço, tenta convencê-los acerca de suas ideias liberais, porém sem sucesso. E, de fato, no decorrer da história, diante da primeira oportunidade que lhe surge de pôr em prática as suas ideias, tem-se a confirmação da opinião do colaborador sobre Pralínski, de que ele seria um retrógrado oculto. O leitor percebe que as atitudes do general não coincidem absolutamente com as palavras por ele proferidas. Na passagem em que, ao chegar à festa de casamento, Pralínski espera que todos os convidados parem de se divertir para se concentrar na pessoa ilustre que acaba de chegar, logo vem à tona que a expectativa do general é de que lhe seja dispensado ali um tratamento diferenciado em reconhecimento à magnanimidade de seu gesto. A sua postura de superioridade, mesmo quando declara as suas belas ideias de “humanidade” durante o jantar, somente sofrerá modificações no momento em que, já bêbado, ele se põe a discutir com um jovem colaborador de um periódico.

Em um artigo do periódico *Vriêmia* de 1861, intitulado “Padrões sinceros”[86], Dostoiévski já havia escrito sobre o tema, emitindo a sua opinião de que as ideias aparentemente liberais de parte da sociedade russa não correspondiam com a sua natureza, revelando-se em atos que contradizem os princípios humanistas. Na literatura russa pode-se encontrar vários paralelos a esse tema. O arquétipo literário do “homem supérfluo”, que reflete sobre a sociedade mas é incapaz de agir para modificar as condições da realidade ao seu redor, de certa maneira, é o oposto da geração seguinte, que se apresenta com uma sede de atividade, como o arquétipo do “novo homem”, capaz de mudar a realidade por meio de seus atos. Pralínski apresenta a si próprio como uma personagem que busca ser um “novo homem”, porém, por diversas circunstâncias, suas tentativas de demonstrá-lo fracassam. Tanto que as suas últimas palavras na novela em estudo são: “Severidade, severidade, severidade”.

Tendo em mente o pensamento dostoievskiano acerca desses princípios liberais, o que se pode notar, pelos artigos que ele escreveu na época da publicação da novela, é que nesse texto a posição do escritor aproxima-se da dos publicistas colaboradores do

[86]O título do artigo em russo é ОбразцыЧистосердечия.

periódico *Sovriemiênik*. Embora nem as atitudes do general Pralínski nem as do jovem jornalista radical agradem ao autor, ainda assim Dostoiévski faz deste um porta-voz de suas ideias para denunciar a postura do general. Tanto para a aristocracia burocrática e conservadora como para a corrente liberal que estava se formando na sociedade russa, as relações sociais no período das reformas, em essência, permaneceram inalteradas. Apesar da recente libertação dos servos, para o escritor, não tinham ocorrido grandes mudanças na sociedade, o que se pode perceber por uma passagem da novela que remete a esse tema. Ao terminar o jantar na casa de Nikíforov, Ivan Pralínski e Chipulénko se despedem. Ao sair da casa, o general não encontra seu trenó nem Trifon, seu cocheiro. Irritado, Pralínski decide ir embora a pé, recusando o convite de Chipulénko, que ainda o aconselha a dar umas chicotadas no cocheiro, ideia essa que Ivan a princípio ignora. Porém, quando está sozinho caminhando, o general pensa consigo mesmo e revela que fará uma breve censura a Trifon e que pensará a respeito do castigo corporal.

Em seguida, ao descobrir que a festa de casamento que está ocorrendo na vizinhança é de seu funcionário, o general decide entrar, acreditando que faria um bem ao noivo, ao honrá-lo com a sua presença. Porém, na verdade, sua presença só vem a causar mal para Pseldonímov, que não consegue aproveitar a sua festa, por ter de ficar à disposição do general a noite toda. De certa forma, pode-se considerar que, no fim da novela, Pralínski se arrepende de seus atos, porém, com o arrependimento, não há uma transformação dele em um ser mais elevado, o que ocorre é uma revelação, da figura "humanista" que ele acreditava ser para um defensor de medidas severas com os subalternos. A ideia de renascimento e renovação[87] é um aspecto presente na carnavalização tratada por Bakhtin. Assim como o par binário vida e morte também está presente no universo grotesco.

A personagem Nikíforovitch, companheiro de repartição de Pralínski, é descrita como o anfitrião que, "durante toda a sua vida, apreciara a regularidade." Por conta dessa característica, já se infere que Nikíforovitch não aceitaria facilmente as ideias propostas por Pralínski. Não que Nikíforov seja contrário às questões humanitárias, mas ele tem uma percepção de que as grandes reformas podem gerar grandes mudanças na

[87]O termo "renascimento" já aparece no primeiro parágrafo da novela traduzida, porém, nesse caso, o termo é empregado de forma irônica, conforme se observa em "Esta anedota desagradável ocorreu justamente na mesma época em que teve início, com uma força tão incontrolável e uma emoção tão tocante, um impulso de renascimento da nossa querida pátria e o anseio de todos os seus filhos gloriosos por aspirações a novos destinos e esperanças."

sociedade. O que preocupa o anfitrião é como essas reformas iriam alterar a sociedade russa e se a sociedade suportaria tais mudanças. De acordo com Iúri Lotman[88], o cotidiano da nobreza russa obedecia a leis rígidas e bem definidas. Os generais, no início da narrativa, parecem querer imitar os costumes nobres, daí esse receio acerca das reformas.

A personagem principal de *Uma anedota desagradável* é uma figura contraditória. De certo modo, o que o general prega não é confirmado pelas suas atitudes. Como resultado dessa contradição, uma tensão dramática é gerada, causada pela incompatibilidade das virtudes e vícios. Pralínski tenta demonstrar sua grandeza, mas o resultado mais parece um pesadelo, que termina em humilhação para a personagem.

Apesar de suas ideias de humanidade, Pralínski afirma que é muito diferente dos demais convidados, como se percebe na seguinte passagem: "Direi que tenho assuntos a tratar. E quando eu disser "assuntos", todos ficarão com uma fisionomia séria e respeitosa. Com isso, de modo delicado, os lembrarei de que eles e eu – somos muito diferentes. Como a terra e o céu. Não é que eu queira impressioná-los, mas isso precisa ser feito... até mesmo num sentido moral, isso é imprescindivelmente necessário, apesar do que dizem.". Ou seja, o general percebe e se considera diferente do seu pequeno funcionário e seus convidados. E a diferença entre eles é grande, "como a terra e o céu". É possível perceber mais uma contradição na personalidade do general, anteriormente ele afirmara que preferiria abraçar um mujique a um de seus companheiros de repartição, porém, ele tem consciência de que é muito diferente das pessoas das classes mais populares.

Uma das contradições mais evidentes do general na novela é o fato de que, ao mesmo tempo em que ele defende a emancipação dos servos, faz com que seu pequeno funcionário fique em função dele durante toda a noite. Acerca das contradições próprias das personagens dostoievskianas, Paulo Bezerra afirma que elas são "uma fonte fertilíssima e inesgotável de onde as ideias brotam em forma de um diálogo orquestrado por vozes que travam entre si uma luta tensa pela conquista e manutenção de seu espaço na grande tessitura em que se constitui a obra do escritor." (BEZERRA, 2005, p. 52).

[88]LOTMAN, Iuri, *Bessiédy o rússkoi kultúre. Conversas sobre a cultura russa*. São Petersburgo: Iskússtvo-SPB, 1994.

Na novela, nos diálogos do general com as personagens, percebe-se que questões morais e ideológicas preocupam o general Pralínski. Primeiramente, ele tenta explicar as suas teorias de "humanidade" para os colegas Chipulénko e Nikíforov, que não as aceitam. Em seguida, Pralínski procura pôr à prova a sua teoria e se vale de si mesmo, do pequeno funcionário da repartição e dos convidados da festa para colocá-la em prática. Fica evidente para o leitor que a experiência de Pralínski fracassa e que o próprio general percebe, no fim da novela, que as ideias de "humanidade" que defendia encontram problemas ao serem postas a prova. A posição de Pralínski sofre grandes mudanças no decorrer do texto, de humanista e compreensivo no início, para defensor de medidas mais severas e rigorosas para com os subordinados no fim. Esse debate entre questões morais e ideológicas das personagens dostoievskianas encontra um de seus melhores exemplos em Raskólnikov[89], de *Crime e Castigo.*

A personagem principal, Pralínski, tem como seu ideal, no início da narrativa, buscar relações mais humanas entre as pessoas. Essa busca relaciona-se ao universo grotesco. Conforme afirma Bakhtin, na realidade, o grotesco "oferece a possibilidade de um mundo totalmente diferente, de uma ordem mundial distinta, de uma outra estrutura da vida." (BAKHTIN, 1987, p. 41). Porém, esse ideal de Ivan Ilitch transforma-se ao longo da narrativa.

Para Lotman, ao tratar da orientação cultural dessimbolizante[90], "uma pessoa ou um personagem literário era visto como representante de uma ideia, de uma classe, de um grupo." (LOTMAN, 2001, p. 242)[91]. Em *Uma anedota desagradável*, a personagem Pralínski se aproxima do grupo social que acredita nas recentes reformas liberais e na renovação da sociedade russa.

Ao comparar a personagem Pralínski, pertencente ao grupo social mencionado, com seu antagonista, Pseldonímov, pode-se considerar as duas figuras como duplos. O general Pralínski "desce" para o mundo dos pobres, ao tentar participar da festa de casamento de seu pequeno funcionário, e Pseldonímov tenta a todo custo imitar padrões de alta sociedade, com danças, comidas, *champagne* e objetos luxuosos em sua

[89]O jovem estudante, que vive em São Petersburgo em um quarto apertado, é levado a assassinar uma velha usurária por influência de certas ideologias, e a partir de então, Raskólnikov se vê totalmente enredado em discussões morais acerca do seu ato.

[90]Para Iúri Lotman, há duas orientações próprias da cultura, a simbolizante e a dessimbolizante, sendo que a orientação geral do século XIX era a dessimbolizante. (AMÉRICO, p. 42)

[91]LOTMAN, Iúri. "O símbolo no sistema da cultura". 2001.

comemoração. Desse modo, pode-se considerar as duas personagens como duplos espelhados.

Lotman considera o personagem duplo como um motivo transcultural. O tema da duplicidade em Dostoiévski está relacionado a um desdobramento da personalidade[92]. O autor da biografia *A personalidade de Dostoiévski*, Boris Búrsov, comenta que o autor foi um grande observador de si mesmo, sobretudo do dualismo de sua própria personalidade.[93]

Os elementos opostos presentes na carnavalização, na "vida dupla" do universo grotesco, podem ser relacionados ao surgimento da figura do duplo. De acordo com Paulo Bezerra[94], os tipos de relações sociais desiguais dominantes em uma sociedade como a russa colaboram para o surgimento dos duplos. Além disso, no aspecto estético ou composicional, o aparecimento dos duplos também é resultado do processo de interação dialógica entre as personagens. Na sociedade russa da época, a aristocracia, juntamente com a burguesia emergente, dirigia a coisa pública de modo burocrático, o que colaborava para o aprofundamento das desigualdades entre superiores e pequenos funcionários. Como afirma Bezerra,

> Esse reino da burocracia sufoca o homem na roda-viva da sobrevivência, levando-o a refletir sob uma constante tensão: quem sou eu? Para que sirvo? Quanto pesa o meu eu? Terei de me resignar ou me afirmar diante dos outros? Movidos por uma consciência que a todo instante se experimenta, as personagens do principiante Dostoiévski vivem aquilo que

[92]Sobre o tema da duplicidade e do desdobramento da personalidade, Paulo Bezerra afirma, "Essa questão ganharia maior amplitude psicológica e profundidade filosófica na temática dos duplos em seus romances da maturidade, como *Crime e castigo* (Raskólnokov / Svidrigáilov), *O idiota* (Nastácia Filíppovna / Rogójin), *Os demônios* (Stavróguin / Chátov / Kiríllov / Piotr Vierkhoviénski), *O adolescente* (Viersílov / Akhmákova) e *Os irmãos Karamázov* (Ivan / Aliocha, Ivan / Smierdiakóv, Ivan e o Diabo)." (BEZERRA, 2013, p. 237).

[93]"Boris Búrsov [...] cita uma resposta do romancista a uma carta que lhe enviara Ekaterina Yunga em abril de 1880, na qual a autora comentava a duplicidade de sua própria personalidade e afirmava que 'isto é um grande prazer'. Dostoiévski responde que a duplicidade 'é o traço mais comum das pessoas... não inteiramente comuns. Um traço que, em linhas gerais, é inerente à natureza humana, mas que nem de longe se encontra em qualquer natureza e menos ainda de forma tão intensa como na sua. Eis por que a senhora me é tão íntima, pois esse desdobramento que há na senhora é exatamente igual ao que há em mim e que sempre houve em toda minha vida. Isto é um grande tormento, mas ao mesmo tempo um grande prazer. É a consciência intensa, a necessidade de que a senhora experimente em sua própria natureza a exigência de um dever moral perante si mesma e a humanidade. Eis o que significa essa duplicidade. Se a senhora não fosse dotada de uma inteligência tão desenvolvida, se fosse limitada e não tão conscienciosa, não haveria tal duplicidade. Ao contrário, estaria mergulhada em grande dúvida. Mas ainda assim a duplicidade é um grande tormento'". Boris Búrsov, *Lítchnost Dostoevskogo (A personalidade de Dostoiévski)*, Moscou, Soviétski Pissátiel, 1974, p. 208-209. (BEZERRA, 2013, p. 238).

[94]BEZERRA, Paulo. "O laboratório do gênio". In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo: poema petersburguense.* São Paulo: Editora 34, 2013. Tradução e posfácio de Paulo Bezerra.

> Boris Schnaiderman chamou de ‘turbilhão de ideias’, que podemos traduzir como um movimento pendular entre opostos que, não obstante, têm de conviver para que se construa o discurso literário.

O movimento pendular entre opostos, mencionado no fragmento, encontra paralelos com a situação da personagem Pralínski. De uma postura de superior para popular, de humanista para defensor de medidas severas, o general encontra-se oscilando entre esses opostos. Para Paulo Bezerra, esse movimento está relacionado ao discurso das personagens, “cada conversa que entabulam com os outros, cada choque que as depara com a vida faz essas criaturas começarem a pensar em si mesmas, em sua posição na hierarquia burocrática dominante, nas condições dos pobres e ricos, dos conselheiros titulares, dos supremos mandatários burocráticos etc.” (BEZERRA, 2013, p. 240).

De acordo com Bezerra, esses pensamentos das personagens dostoievskianas estão associados às antíteses centrais para o escritor, por exemplo, “entre humilhados e humilhadores, bem e mal, consciência e amoralismo, resignação e revolta, responsabilidade moral e indiferença pelos que nos rodeiam, sejam eles próximos ou distantes.” (BEZERRA, 2013, p. 240). Acerca do duplo, Bezerra continua

> O que seria a duplicidade ou desdobramento da personalidade? Sem pretensão a algum tipo de definição – o que me parece muito difícil – talvez se possa entender a duplicidade, pelo menos em Dostoiévski, como um estado liminar do psiquismo humano, em que qualquer aceitação é uma espécie de negação, e qualquer negação confina com a aceitação. Logo, a duplicidade é aquele estado de uma consciência na qual se alojam, convivem e dialogam coisas às vezes até diametralmente opostas ou antagônicas, pondo a consciência do protagonista no movimento pendular entre aceitação e/ou recusa à consciência e ao julgamento do outro, numa atitude às vezes desesperada para afirmar a própria consciência. Porque, para Dostoiévski, o pensamento, a consciência, a sensação de seu ‘eu’ e de seus direitos são os mais altos valores que norteiam o comportamento do homem, e têm de ser afirmados num conflito com a vida que muitas vezes apavora o protagonista.

Esse medo do protagonista diante do conflito com a vida, mencionado no trecho citado, pode gerar a duplicidade da personalidade e se manifestar em formas de cisão da consciência, segundo Paulo Bezerra. A duplicidade pode envolver o homem em uma rede de contradições de tal forma que ele,

> ao ver-se diante de problemas que reclamam solução, não consegue tomar uma decisão firme e unívoca porque, quando vislumbra uma saída, logo esbarra em tantas saídas 'contra' quanto em saídas 'a favor'. E isto vai das questões aparentemente mais simples às mais complexas, como a existência ou inexistência de Deus. (BEZERRA, 2013, p. 241)

Já para Victor Hugo[95], a natureza dupla do homem estaria relacionada ao advento da era cristã[96]. O cristianismo separou o homem em corpo e alma, dividindo sua natureza em duas, mostrando que ele é um ser duplo. Para explicitar essa natureza dupla do homem cristão, ele compara a tradição cristã com os deuses gregos e romanos. Os deuses da Antiguidade comiam, bebiam, guerreavam e se feriam nas lutas, ou seja, agiam como humanos. Já o Deus cristão não apresenta esse lado humano. O homem, portanto, estaria dividido em corpo e alma, matéria e espírito.

Em *Uma anedota desagradável*, há uma passagem em que Pralínski imagina estar fazendo perguntas a um pequeno funcionário, questionamentos parecidos com os mencionados por Paulo Bezerra ao tratar dos duplos: "nós nos encontramos, por exemplo, com um funcionário; um funcionário pobre e amedrontado. 'Pois bem... quem é você?' Resposta: 'Funcionário'. Bem, um funcionário; em seguida: 'Que tipo de funcionário é você?' Resposta: Deste ou daquele tipo. [...]". As perguntas e as respostas do funcionário são formuladas pela personagem Pralínski, que se desdobra em dois para responder aos seus próprios questionamentos.

Em outra passagem da novela, o narrador percebe o desdobramento da personagem, porém, essas "duas partes de um mesmo eu" são consideradas como uma consequência do excesso de bebida ingerida, como se pode observar em: "Com certeza, seus pensamentos instáveis de bêbado não conseguiam fixar-se em um só ponto: neles de repente apareceram, até mesmo de modo palpável, certas duas partes de um mesmo eu. Uma era corajosa, desejosa de triunfo, que queria derrubar os obstáculos e uma certeza tremenda de que ainda alcançaria seus objetivos. A outra parte entregava-se a aflitos lamentos da alma e uma vozinha em seu coração dizia: "O que irão dizer? Como isso acabará? Como será amanhã, amanhã, amanhã!..."

O 'turbilhão de ideias' proposto por Boris Schnaiderman se manifesta diversas vezes em *Uma anedota desagradável.* Há um trecho significativo que demonstra a

[95]HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva.

[96]Victor Hugo divide a História em três períodos – o período da criação, o da Antiguidade e a era moderna.

personalidade dual do general, revelando os opostos característicos da personagem, sua postura humanista X sua postura severa: “e amanhã todos haverão de saber do meu feito na repartição. No dia seguinte, eu tornarei a ser rígido, no outro, mais exigente ainda, até mesmo inflexível, mas eles já saberão que tipo de pessoa eu sou. Conhecem-me a fundo, conhecem minha essência: “Como chefe, ele é duro, mas como pessoa – é um anjo!”.

A personalidade dual de Pralínski revela-se de modo simbólico no fim do texto, após retornar ao seu posto de trabalho, ele se olha no espelho e não reconhece a sua própria imagem, conforme se pode notar no seguinte trecho: “Ele olhava para o espelho e não via o seu próprio rosto.” Essa passagem demonstra a transformação pela qual o general passara ao longo do texto.

Tanto Pralínski quanto Pseldonímov possuem uma mesma preocupação, “O que irá acontecer no dia seguinte?”, isto é, como se dará o desenrolar dos fatos daquela noite. A mesma pergunta é expressa pelas duas personagens, com algumas alterações, mas a preocupação é a mesma. Ivan Ilitch teme que suas aventuras tenham se tornado públicas na repartição e Pseldonímov teme pelo futuro de seu emprego, depois da discussão e do comportamento dos convidados perante o general. Deve-se notar que Pralínski pensa que conseguirá controlar os demais convidados por meio de suas ações e seus discursos, porém, eles não estão ali para serem controlados nem muito menos para verem suas atitudes reprimidas.

O diálogo em Dostoiévski não é apenas um recurso técnico de construção do texto, é uma forma de comunicação por meio da qual as personagens revelam sua personalidade, suas opiniões, seus pontos de vista e suas ideias. As duas discussões que ocorrem em *Uma anedota desagradável* envolvendo a figura do general servem para que Pralínski expresse as suas ideias e suas opiniões. Ideias essas que ele compartilhava com parte da sociedade russa da época. O diálogo em Dostoiévski também se revela como uma maneira de “expressar a consciência dotada de responsabilidade ética por suas palavras”, que podem tanto ser favoráveis como desastrosas.

É interessante notar que as desventuras de Pralínski estão relacionadas às celebrações. Tem-se, no início do texto, a comemoração da compra da casa de Nikíforovitch e seu aniversário, em seguida Trifon decide ir ao casamento de um parente seu e, por isso, o general se vê privado de sua carruagem. Por fim, há a festa de casamento de seu pequeno funcionário, Pseldonímov. As duas festas das quais Ivan Ilitch participa terminam com discussões iniciadas por Pralínski sobre o mesmo tema:

as ideias de humanidade. Nos dois casos, os interlocutores não concordam com ele. A primeira discussão termina porque o anfitrião, um homem que vive de acordo com as suas próprias regras, decide que já é hora de os convidados se despedirem. A segunda discussão termina porque Pralínski já não está em condições de continuar expondo as suas ideias. Há uma espécie de ciclo entre essas duas passagens, entre uma discussão e outra, que se pode pensar que seria o tempo para o general tentar comprovar as suas ideias na prática e tentar convencer seus interlocutores.

Ao tratar do tema do discurso nos textos dostoievskianos, Paulo Bezerra afirma que ele "estruturou os discursos de suas obras em uma multiplicidade de vozes na qual se cruzam ora as vozes das personagens entre si, ora as vozes das personagens com as do narrador [...]." (BEZERRA, 2005, p. 43). Essa característica do discurso está presente, por exemplo, no seguinte trecho:

"'Bem, ouvi a música e, por curiosidade, perguntei ao policial e soube, meu caro, que você se casara hoje. Então, pensei, por que não vou até a casa do meu subordinado e vejo como meus funcionários se divertem e... celebram seus casamentos? Eu suponho que você não me expulsará!" Expulsará! Que palavra para um funcionário! Até parece que um subordinado me expulsaria! Com os diabos se me expulsasse! Calculo que vá perder a cabeça, começará a procurar uma poltrona para me oferecer um lugar, vá tremer de admiração, ficará totalmente desnorteado!...

Bem, o que pode haver de mais simples, de mais distinto do que um ato desses! [...]"

Nessa passagem, há um recurso característico do dialogismo, a personagem Pralínski antecipa a fala da outra personagem e já responde a ela, acreditando que Pseldonímov não teria coragem de expulsá-lo de sua festa.

Estudiosos[97] apontam que um dos componentes centrais da composição em Dostoiévski é o limite[98], se "alguém impôs um limite ao homem, cabe-lhe parar diante desse limite e igualar-se ao resto da manada ou ultrapassá-lo, ainda que à custa de terríveis sacrifícios." (BEZERRA, 2011, p.1). Também em *Uma anedota desagradável* se percebe a existência desse limite. Porém, Pralínski decide ultrapassá-lo, em seu anseio de demonstrar a sua magnanimidade à custa de sacrifícios. Ele se compara aos seus colegas de repartição e percebe que ele seria o único com coragem para realizar tal ato, que ele acredita que seja de magnanimidade, os outros nem imaginariam uma coisa dessas.

[97]Nesse momento, iremos apresentar as ideias desenvolvidas por Bakhtin e Paulo Bezerra.
[98]Mikhail Bakhtin chama de limiar.

A personagem de Pralínski, assim como acontece com outras personagens dostoievskiana, está obcecada por uma ideia. Na novela, o que leva ao desenvolvimento da história é a ideia de humanidade que o general tanto persegue. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*[99], Bakhtin afirma,

> O herói dostoievskiano contrai relações especiais com uma ideia: é indefeso diante dela e ante o seu poder, pois não criou raízes na existência e carece de tradição cultural. Converte-se em 'homem de ideia', obsedado pela ideia. Nele a ideia se converte em ideia-força, que prepotentemente lhe determina e lhe deforma a consciência e a vida. [...] Por isso a característica metafórica dominante do herói é a ideia que o domina ao invés do dominante biográfico de tipo comum. (BAKHTIN, 2013, p. 24).

*Uma anedota desagradável* marca uma mudança em comparação aos textos anteriores de Dostoiévski. Em *O Duplo*, *Gente Pobre* e *O Senhor Prokhártchin*[100], as narrativas apresentam como personagens principais pequenos funcionários. Na novela em estudo, o protagonista é o general Pralínski e o antagonista é Pseldonímov, um *tchinóvnik*. De acordo com Joseph Frank[101], acerca desses primeiros textos dostoievskianos, "em cada um, ele continuou a explorar os efeitos patológicos sobre a personalidade do mundo das gigantescas repartições e dos apavorados *tchinóvniks* de São Petersburgo." (FRANK, 2008, p. 403).

Pseldonímov é um pobre funcionário que sofre com a presença do general em sua festa. Um dia que deveria ser de alegrias e comemoração para ele transforma-se completamente no oposto. Não só para ele, mas também para seus convidados, que devem se portar adequadamente na presença do superior. A presença de Pralínski causa uma situação desagradável entre Pseldonímov e sua sogra. Ela se sente ofendida por não ter sido avisada a respeito da presença do general e, por isso, se recusa a participar da festa, reaparecendo somente no momento da ceia. Além disso, pela descrição do senhor Mliekopitáiev, pode-se imaginar que Pseldonímov também haverá de sofrer nas mãos do sogro e da noiva.

No fim do dia de seu casamento, Pseldonímov, odiado pela noiva e sua sogra, acaba dormindo sozinho no colchão entre as cadeiras, já que as cadeiras não suportaram o peso do casal. Nesse momento, o narrador descreve seu sono como "sono de chumbo" e semelhante ao sono da morte, ou seja, o sono dos condenados que sabem que serão

---

[99]BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
[100]SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski: prosa e poesia: O Senhor Prokhártchin*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
[101]FRANK, Joseph. *Dostoiévski: As sementes da revolta. 1821 – 1849*. São Paulo: Edusp, 2008.

açoitados no dia seguinte. Pode-se pensar que Dostoiévski conhecia esse tipo de sono, relacionado à sua pena por participação no círculo de Petrachévski, mas também pela leitura de *O último dia de um condenado,* de Victor Hugo. Tanto para Pseldonímov quanto para Pralínski, a noite foi torturante, conforme comparação do próprio narrador. Porfiri encontra-se tão desolado com os acontecimentos da noite, que a sua figura torna-se colossal, "A luz tremeluzia ao cair sobre o perfil de Pseldonímov, refletindo uma figura colossal na parede, com o pescoço esticado, nariz adunco e dois tufos de cabelo que se sobressaiam na fronte e na nuca."

Antes de contrair o compromisso de casamento, Pseldonímov vivia em condições precárias com a mãe, trabalhando em uma repartição em um cargo rebaixado e sem grandes responsabilidades. O casamento é arranjado, ele aceita se casar com uma das filhas do senhor Mliekopitáiev, descrito pelo narrador como um personagem pão-duro, pelas vantagens que o matrimônio lhe oferecia. O pai da noiva garante ao futuro genro um quarto para morar com a futura esposa e um cômodo da casa para que a mãe do noivo também pudesse se mudar para lá. Como se percebe no decorrer da história, Pseldonímov não está apaixonado pela noiva, que por sua vez também não nutre sentimentos amorosos por ele. A noiva está encantada por um outro rapaz, e o noivo está encantado com a casa em que irá morar, sem precisar pagar aluguel.

Com a chegada do general Pralínski à festa de casamento, Pseldonímov comporta-se diante dele da mesma maneira como se estivesse na repartição, mantendo a postura de um funcionário perante seu superior. Pode-se considerar que o noivo sente uma inimizade interior em relação ao general. Tal sentimento surge, pois, primeiramente, no local de trabalho, onde Pseldonímov já ocupa uma posição inferior e, em segundo lugar, ao chegar à festa o general causa uma situação incômoda, deixando os convidados embaraçados. Além disso, durante sua própria festa de casamento, o noivo tem que atender e servir a uma figura ilustre que lá aparecera sem ser convidada. Por fim, a comemoração termina, mas o general, por não estar em condições de ir para a sua casa, por causa do excesso de *champagne* ingerida, não só não vai embora como dorme na única cama decente e disponível que há em todo o apartamento, a cama dos recém-casados, que são obrigados a dormir em outro cômodo, e veem assim impedida a consumação das núpcias. Diante dessa situação, o general passa do nível mais elevado para o mais rebaixado. Essa mudança de posição, de certa forma, reflete uma alteração também no papel social desempenhado por ele. Esse tipo de mudança, de transformação

do oposto ao que é costumeiro, se constitui como um aspecto relevante para o universo grotesco.

Em seu caderno de notas, Dostoiévski frisa o ódio que Pseldonímov sente pelo general na passagem: "E o diabo que o carregue – deixou passar por meio de uma legítima camada servil, que chega a deformar-lhe o rosto" (DOSTOIÉVSKI, 1973, p. 354). Pseldonímov é apresentado na novela como um arquétipo literário do "homem sem importância"[102] da literatura russa.

A mãe de Pseldonímov, que aparece na novela designada apenas dessa forma, ou como sra. Pseldonímov, sem um nome próprio, pode ser considerada um exemplo de mulher russa. Bondosa e prestativa, ela representaria a verdadeira alma russa, remetendo ao povo e aos ideais do movimento *pótchvienitchestvo*. Única personalidade forte da novela, ela representa a mulher russa ingênua, infinitamente boa e abnegada, e surge na narrativa em um momento em que Pralínski começa a sentir que tudo está perdido e que ele se encontra em uma situação sem saída, já se arrependendo de sua decisão. A passagem que narra a chegada da mãe do noivo é a seguinte:

"Essa comparação quem fez foi o próprio Ivan Ilitch, que se sentia perdido, sentia-se desconfortável, terrivelmente desconfortável e parecia que o chão sumia dos seus pés, que ele se metera em uma situação da qual não conseguia sair, como se estivesse em meio a trevas. [...]

De repente, todos deram passagem e surgiu uma mulher robusta, não muito alta, já de certa idade, vestida com simplicidade, [...] "

A mãe do noivo é apresentada a Pralínski e tenta fazer de tudo para agradá-lo, servindo-o como uma verdadeira figura ilustre. No fim da festa, é ela quem cuida durante a noite do general embriagado, que não está passando bem. Sua figura, em certa medida, prevê exemplo de várias personagens femininas de textos subsequentes de

[102]O primeiro exemplo dessa figura aparece no conto *O Chefe da Estação*[102], de Púchkin, que conta a história de um chefe de estação que perde a filha para um hussardo. Em uma de suas viagens, o narrador se encontra com esse pequeno funcionário e sua filha e, depois de um tempo, decide retornar à posta do funcionário e descobre que Dúnia, a filha, já não vive mais com o pai. O chefe da estação está arrasado com a partida da filha e conta ao viajante como tudo aconteceu. Porém, o modelo exemplar desse arquétipo literário aparece na personagem Akáki Akákievitch, de *O Capote,* de Gógol[102]. O pequeno funcionário com a função sem grande responsabilidade e importância na repartição, que sempre gagueja quando tenta se comunicar com alguém e que fica obcecado por um novo capote, constitui a maior expressão do arquétipo do homem sem importância na literatura russa.
Os primeiros textos de Dostoiévski apresentam evidente relação com temas trabalhados por Gógol. Conforme afirma Meletínski: "Aquilo que Dostoiévski traz da herança gogoliana nos primeiros tempos afasta ainda mais seu mundo artístico das raízes arquetípicas, porque Dostoiévski, antes de mais nada, aprofunda psicologicamente a problemática de Gógol e as representações dos 'homens sem importância' gogolianos." (p. 210).

Dostoiévski, como a Liza, de *Memórias do Subsolo,*[103]e Sônia Marmeladov[104], de *Crime e Castigo.*

A estudiosa russa Nietcháieva[105] ressalta a possibilidade de o sobrenome Pseldonímov ser uma modificação do nome Psevdonímov, nome que já havia aparecido em folhetins satíricos humorísticos da época. Em *Uma anedota desagradável*, Pralínski se questiona sobre a estranheza do nome Pseldonímov. O nome do noivo dá a ideia de uma distorção da palavra que indica uma identidade que não é a própria. A família da noiva, os Mliekopitáievs, promete ao noivo um futuro no nível mais básico da existência, se não humano, ao menos da família dos mamíferos. Já o nome do general, Pralínski, aproxima-se do termo "praline", um doce francês, uma espécie de doce com amêndoas, e alia a ideia de progresso com a trivialidade da cultura ocidental.

O nome do general Pralínski (relacionado ao praline) já dá a ideia de um caráter, de certo modo, fraco e autocomplacente. Ele conseguira o cargo no funcionalismo público sem grandes esforços, vinha de uma boa família e apresenta aparência e maneiras imponentes. Pralínski é influenciado pelo período de reformas russas, o que lhe imprime grande entusiasmo. Ao conversar com Nikíforov e Chipuliénko, busca apresentar-lhes as ideias do novo liberalismo, os dois, porém, rejeitam tais pensamentos sobre "humanidade" com uma reação céptica.

No início da narrativa, Ivan Ilitch Pralínski é descrito da seguinte forma: "Ele era um homem bonito, alto, vestia-se com elegância e uma seriedade requintada, sabia muito bem como usar sua importante condecoração ao peito, já desde a infância soubera assimilar alguns hábitos da alta sociedade e, como era solteiro, sonhava com uma noiva rica e até da aristocracia. Sonhava com muitas outras coisas também, [...] Às vezes era um grande tagarela e até gostava de assumir uma pose parlamentar. [...]"

Já o nome do noivo, Pseldonímov, na opinião de Frank, remete a "uma peça sob pseudônimo". Ao encontrar seu superior na festa de casamento, o noivo fica chocado e

---

[103]DOSTOIÉVSKI, F. M. *Memórias do Subsolo.* São Paulo: Editora 34, 2008. Tradução de Boris Schnaiderman, coleção leste.
Ao comparar *Memórias do subsolo* e *Uma anedota desagradável,* percebe-se que a personagem feminina, de certo modo, recebeu um desenvolvimento e que nas duas novelas há um momento de conflito entre as expectativas, o que é imaginado pelas personagens principais, e a realidade, que se revela como uma complicação trágica.

[104]Sonia é uma jovem que foi levada à prostituição por falta de escolha. Foi a maneira que ela encontrou para ajudar o pai e os irmãos.

[105]As observações de Nietcháieva aparecem nas observações das *Obras completas em trinta volumes*, de Dostoiévski.

permanece grande parte da história em uma reverência servil ao seu chefe. O próprio Pralínski percebe o embaraço do funcionário e deseja intimamente que Pseldonímov mude sua postura[106]. O general fica incomodado com a situação por diversos motivos, primeiramente porque o discurso que imaginara proclamar para os convidados, acerca de suas ideias de "humanidade", não atinge os resultados esperados, em segundo lugar, porque a postura do noivo, de certa maneira, também não agrada ao general e o comportamento dos convidados causa um certo estranhamento em Pralínski. Além disso, a bebida que lhe é servida incansavelmente começa a fazer efeito, o general, embriagado, se envolve em uma discussão com o jovem jornalista radical.

Durante a madrugada ele tenta escapar da casa sem ser percebido e, por vergonha e para poupar sua humilhação, decide passar oito dias em casa, sem aparecer na repartição, com medo de que seus colegas tenham tomado conhecimento do ocorrido. Porém, nas últimas páginas do texto, Pralínski é informado de que o acontecido não se tornara público na repartição e que Pseldonímov pedira transferência para outro departamento, o que lhe agrada muito. Por fim, a crença de Pralínski nos ideais liberais e de "humanidade" [107] já não é absolutamente a mesma, exposta no início da história, que ao ser posta em prática não se sustentara. Suas últimas palavras aludem a um pedido por maior rigor e severidade. Ou seja, a personagem Pralínski sofre um catastrófico revés.

Em algumas passagens da narrativa, o narrador já prenuncia o que irá acontecer com o general Pralínski. Antes mesmo de entrar nas bodas do seu funcionário, o narrador afirma: "Todos esses pensamentos lhe passaram pela cabeça como um relâmpago em pouco menos de um minuto, e certamente ele poderia ter-se limitado a esses devaneios e mentalmente ter deixado Stiepan Nikíforovitch envergonhado e ir tranquilamente para casa e se deitar. E seria o melhor a fazer! Mas o grande problema é que era um momento de exaltação."

[106]Na década de 1960, a produtora de filmes russos, Mosfilm, usa a novela de Dostoiévski em estudo como enredo para um filme. Nessa produção, é possível perceber a postura servil de Pseldonímov ao tratar do general.

[107]A figura do alto funcionário esclarecido e filantropo, representado em *Uma anedotadesagradável* por Pralínski, encontra paralelos com outra personalidade dostoievskiana, o general de *Gente Pobre,* que decide realizar um ato de bondade ao dar cem rublos a um subordinado. Na opinião de Frank: "Como Dostoiévski descrevera esse gesto generoso com uma simpatia genuína, *Uma anedota desagradável* pode muito bem ser lida como um desmascaramento dessa ingenuidade juvenil na maturidade. Colocando na boca de Pralínski os clichês sobre humanidade que tinham sido tão populares nos círculos progressistas dos anos de 1840 e que ganharam vida nova no começo da década de 1860, Dostoiévski põe a nu agora a condescendente psicologia de classe que, na maioria das vezes, está por trás dessas nobres confissões de benevolência." (2002, p. 287)

Em *Uma anedota desagradável*, o narrador acompanha Pralínski desde o início da narrativa até o momento em que ele desmaia sem participar da ação. Porém, em algumas passagens da novela, o narrador omite parte dos acontecimentos, escolhendo o que irá narrar. Por exemplo, o alvoroço que se forma com o desmaio do general à mesa não é descrito, nem a confusão com o cocheiro chamado para levar Pralínski até sua casa é narrada. Enquanto o general está desacordado, o narrador conta um pouco da história de Pseldonímov, de sua mãe e da família Mliekopitáiev. De acordo com Volóchinov,[108]

> O conto inteiro pode ser colocado entre aspas, como uma narrativa do "narrador", porém sem que ele seja marcado na temática e na composição da obra. Mesmo dentro do conto, quase todo o epíteto, definição e avaliação também podem ser colocados entre aspas, por serem gerados na consciência de um ou outro personagem. (VOLÓCHINOV, 1929).

De encontro às ideias de Bakhtin acerca do dialogismo nos textos dostoievskianos, em *Marxismo e filosofia da linguagem* o autor afirma que o estilo empregado na novela "seria merecedor da mais dura reprovação" se houvesse apenas um narrador. O texto em estudo, porém, não deve ser tratado assim, pois nele há "uma arena de encontro e de luta de duas entonações, de dois pontos de vista, de dois discursos." (VOLÓCHINOV, 1929).

Para entender melhor os "dois discursos" mencionados em *Uma anedota desagradável*, Volóchinov analisa a seguinte passagem da descrição de Nikíforov:

"Duas palavras sobre ele: iniciou sua carreira como um funcionário *modesto sem recursos*, prolongou *tranquilamente a lengalenga por quarenta e cinco anos a fio* e sabia *muito bem* até que ponto chegaria [...] sobretudo, não gostava de manifestar a sua opinião pessoal por nada no mundo. Era *honesto*, isto é, nunca lhe acontecera de fazer nada particularmente *desonesto*; era *solteiro por egoísmo*; não tinha *nada de tolo*, mas não podia suportar a exposição de sua *inteligência*; sobretudo não apreciava *desmazelos e entusiasmos*, por ver nisso um *desleixo moral*, e por fim a sua vida emergiu inteiramente *num conforto um tanto doce e numa solidão sistemática*. [...] Tinha uma aparência *muito decente, sempre barbeado*, parecia *mais jovem do que era*, estava *bem conservado*, prometia viver ainda por muito tempo e mantinha o comportamento *rígido de um verdadeiro gentleman*. Tinha uma posição bastante *confortável*: a de presidir reuniões e assinar papéis. Em suma: todos o consideravam

[108]VOLÓCHINOV, Valentim. *Marksizm i filossófia iazyká. (Marxismo e filosofia da linguagem).* Leningrado: Pribói, 1929. Tradução de Sheila de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

*excelentíssima pessoa*. Ele tinha apenas uma única paixão, ou, melhor dizendo, um desejo ardente: possuir uma *casa própria*, e justamente uma casa construída *em estilo senhorial*, e não somente cara."

As qualificações, em destaque no trecho, também chamadas de epítetos, são propositais, pois

> foram gerados pela consciência do general, que saboreia seu conforto, sua casinha própria, sua posição e sua patente, isto é, pela consciência do conselheiro secreto Nikíforov, que se tornou alguém na vida. Eles poderiam ser colocados entre aspas, como "o discurso alheio", o discurso de Nikíforov. Porém, eles não pertencem exclusivamente ao general. A narração é conduzida pelo narrador que, ao bajular, em tudo concorda e ao falar a língua dos "generais", parece solidário com eles, porém exagera tudo de modo provocativo, entregando todas as palavras possíveis e reais deles à ironia e ao escárnio do autor. Em cada epíteto vulgar da narrativa, o autor, por *medium* do narrador, ironiza e escarnece o seu personagem. Por meio disso, cria-se, no nosso fragmento, um jogo complexo de entonações que é quase impossível de ser transmitido na leitura. (VOLÓCHINOV, 1929).

O discurso de Pralínski também é repleto de qualificações e epítetos, que formam a avaliação da personagem acerca da sua própria situação. Esse procedimento é chamado de "discurso oculto" por Volóchinov[109], por ser o "discurso alheio" da personagem em meio ao discurso do narrador.

O discurso do narrador de *Uma anedota desagradável*, as personagens principais da novela e suas características foram apresentados buscando aproximar alguns aspectos do universo grotesco.

[109]Para terminar sua análise de *Uma anedota desagradável*, Volóchinov afirma: "Desse modo, quase todas as palavras desse conto, do ponto de vista da sua expressão, da sua tonalidade emocional, da sua posição enfática na frase *compartilham simultaneamente dois contextos entrecruzados, dois discursos*: o discurso do autor narrador (irônico e escarnecedor) e o discurso do personagem (que nem pensa em ironia). O fato de pertencer simultaneamente a dois discursos, diferentes em sua expressividade, explica ainda a originalidade da construção das frases, as "quebras sintáticas" e a peculiaridade estilística. Se houvesse apenas um discurso, tanto a construção frasal quanto o estilo seriam diferentes. Temos diante de nós um caso clássico de um fenômeno linguístico quase não estudado: *de interferência discursiva."* (VOLÓCHINOV, 1929).

## 5. A representação do universo grotesco em *Uma anedota desagradável*

Dostoiévski, nos primeiros anos de sua carreira como escritor, ficou conhecido nos círculos literários petersburgueses como o "novo Gógol". Porém, algumas diferenças foram rapidamente notadas, principalmente no que se refere ao tratamento dado às personagens, por humanizar o que no conto de Gógol poderia ser considerado meramente mecânico e sem vida[110]. Segundo Motchúlski, de certa forma, *Uma anedota desagradável* pode ser considerada uma novela social. De acordo com Bielínski, em seu artigo "São Petersburgo e Moscou", o tema do funcionário público é um dos mais característicos da antiga capital russa, pois ele é o "cidadão nativo e verdadeiro de São Petersburgo", e, a respeito das condições de vida dessa figura na cidade, ele afirma:

> É sabido que em nenhuma outra cidade do mundo há tanta gente jovem, madura e velha sem emprego como em São Petersburgo. As casas das personagens, nessas circunstâncias, desempenham um papel emblemático especial e mantêm esse papel até as últimas obras do autor. (1970, p. 161, tradução nossa).

A novela se passa em São Petersburgo, no Lado Petersburguês da cidade, onde Nikíforov, uma das personagens, comprara recentemente uma casa e onde se encontra a casa dos Mliekopitáiev, local no qual se desenvolve a ação. Dostoiévski escreveu em uma de suas cartas que São Petersburgo e sua vida futura nessa cidade lhe pareciam "terríveis, solitárias e sem alegria"[111]. A cidade foi cenário e tema de muitos textos literários russos, em especial na novela de Gógol *Avenida Niévski*[112], em que a importante rua da então capital russa parece ganhar vida.

Ao analisar os primeiros textos de Dostoiévski, pode-se perceber que um mesmo tipo da sociedade russa aparece nelas. Tanto em *Gente Pobre*[113]como em *O Duplo*[114]e *O*

---

[110]Ao comparar *O Capote* com *Gente Pobre* percebe-se que, no primeiro caso, o simbólico capote equivale como que uma companheira para a personagem principal, enquanto no segundo texto existe uma moça de carne e osso, a jovem Varvara. O crítico Bielínski chamou o primeiro texto literário de Dostoiévski de "uma novela social russa", pois, conforme observa Motchúlski, cada personagem é ou rico ou pobre, ou torturador ou vítima, de modo que o conto psicológico toma os traços de uma novela social.

[111]Em *O Duplo,* Petersburgo parece ao personagem Goliádkin um pesadelo.

[112]GÓGOL, Nikolai. *À saída do teatro depois da apresentação de uma nova comédia.* São Paulo: Paz e Terra, 2002. Tradução de Arlete Orlando Cavaliere.

[113]A personagem Diévuchkin vive em um pequeno cômodo, próximo à cozinha, e trabalha em uma repartição. Uma de suas funções é copiar manuscritos, e um grande escândalo ocorre quando, por

*Sr. Prokhartchin*, tem-se a figura do pequeno funcionário como personagens centrais. Pseldonímov também se enquadra neste arquétipo, ainda que não seja o personagem principal.

A figura do pequeno funcionário também esteve presente nos contos gogolianos. Porém, Dostoiévski considerava os contos de Gógol, de certo modo, inconclusos pelo fato de seu criador não conseguir penetrar no seu miolo trágico. Dostoiévski escreve sobre isso em um artigo de 1861, "Durante toda sua vida, Gógol riu de si mesmo e de nós, e nós todos rimos dele, nós rimos de tal maneira que ele começou a chorar por conta da nossa risada" (1970, p. 172, tradução nossa).

Dessas relações entre o texto de Gógol e o de Dostoiévski, estudiosos[115] propõem que algumas passagens em *Uma anedota desagradável* podem ser consideradas como paródicas. Nesse sentido, pretende-se relacionar o texto *O Capote*, de Gógol, com a novela em estudo. Para Zhekulin, há passagens nas duas novelas que funcionam como espelhos uma da outra. Por exemplo, o protagonista de *O Capote* aparece de maneira reversa em *Uma anedota desagradável.* A "pessoa muito importante" da novela de Gógol torna-se o herói do texto de Dostoiévski, o general Pralínski, enquanto Pseldonímov, seu pequeno funcionário, torna-se o antagonista. Pode-se considerar que nas duas novelas encontramos a figura do duplo, Akáki Akákievitch e o capote, Pralínski e Pseldonímov. O tema do casamento também é revertido. A aquisição do capote por Akáki Akákievitch pode ser relacionada a um casamento entre os dois e sua subsequente destruição pela indiferença da "pessoa muito importante". De maneira similar, o casamento de Pseldonímov é destruído pelo seu superior, Pralínski.

Em *Uma anedota desagradável*, há uma passagem em que a personagem Pralínski refere-se aos tipos descritos por Gógol em seus textos, dizendo: "Com certeza, me colocarão com o convidado mais importante e me sentarei ao seu lado, algum conselheiro titular ou um parente, um capitão reformado com nariz vermelho... Gógol descreveu esses tipos excêntricos admiravelmente." Nessa passagem, Pralínski parece

---

distração, ele pula uma linha e é chamado para conversar com o chefe. Makar Diévuchkin manda cartas para Varvara, por quem é apaixonado, contando sobre sua vida.

[114]Goliádkin, de *O Duplo,* também é um pequeno funcionário, que ao ocorrer um escândalo na festa de seu chefe, foge do local e ao correr pelo Fontanka, encontra seu duplo.

[115] OLIVER, Donna. "Parodic Layering in Dostoevsky's 'Skvernyi Anekdot'". In: *The Slavic and East European Journal*. Vol. 47, nº 2. Summer, 2003.

Os estudiosos da novela R. A. Peace e Gleb Zhekulin são mencionados nesse artigo.

fazer referência ao arquétipo literário do "homem pequeno", tipo que aparece em *O Capote*. Além disso, a característica "nariz vermelho" parece remeter à novela *O nariz,* deste mesmo autor. Um aspecto que chama a atenção na descrição de Pseldonímov é justamente seu nariz comprido e adunco. Os sobrenomes que remetem a termos da língua russa, mencionados anteriormente, também são uma característica que já estava presente nos textos de Gógol.

Assim como Akáki Akákievitch não consegue se expressar adequadamente, na maioria das vezes gaguejando quando começa a falar, Pseldonímov, tomado de surpresa ao ver seu superior em sua festa, também gagueja ao responder ao cumprimento de Pralínski, conforme se observa na seguinte passagem,

"— Boa noite, Pseldonímov, está me reconhecendo?... – disse Ivan Ilitch e, no mesmo instante, percebeu que o dissera de modo terrivelmente desajeitado; sentiu também que talvez estivesse cometendo nesse momento uma grande tolice.

— Vo-vo-vossa Excelência!... – murmurou Pseldonímov."

Boris Schnaiderman[116], em "Dostoiévski através do tempo: o 'romancista-filósofo', o público, a crítica", aponta para uma passagem na qual a personagem principal de *O Capote* clama por um tratamento mais humano. "Akáki Akákievitch volta-se para os seus colegas de repartição e exclama: 'Deixem-me em paz! Por que me ofendem?', palavras estas que ressoariam outras: 'Sou teu irmão' [...]". (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 24). De modo similar, em *Uma anedota desagradável*, quando todos estão rindo do general Pralínski, ele diz: "isto é, o que eu... quero falar é que vocês não me amam... E eu amo todos vocês... sim, eu amo, [...]." A diferença é que, nesse caso, é o superior que clama por um tratamento mais humano perante seus subordinados e convidados.

De acordo com R. A. Peace, as últimas palavras de Pralínski, "severidade, severidade, severidade!" evocam um eco literário, remetem à fórmula autoritária da "pessoa muito importante" de *O Capote*, de Gógol, apontando mais uma semelhança entre essas duas personagens. Além disso, a "pessoa muito importante" do conto gogoliano só

> se sente feliz entre pessoas de sua própria posição e, primeiramente, o leitor encontra Pralínski na companhia de seus companheiros generais, mas quando

[116]SCHNAIDERMAN, Boris. "Dostoiévski através do tempo: o 'romancista-filósofo', o público, a crítica." In*: Turbilhão e semente – Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas cidades, 1983.

> ele tenta unir-se à festa dada pelas pessoas das classes mais baixas [...] o experimento termina em desastre. (PEACE, 1993, p. 260).

Desse modo, percebe-se que Pralínski não consegue conviver harmoniosamente com as pessoas das classes mais baixas da sociedade russa, o que pode demonstrar um afastamento das raízes do que é propriamente russo. Esse aspecto também se afasta dos ideais do movimento *potchvienitchestvo*, proclamado na revista *Vriêmia*.

O elemento grotesco vai se mostrando mais evidente ao longo da narrativa. Na seguinte passagem, Pralínski acaba de descobrir mais um dom seu que até então desconhecia, o de cuspir: "uma enorme saliva saltou da boca de Ivan Ilitch e borifou a toalha de mesa, em um local visível. Pseldonímov apressou-se a limpar com o seu guardanapo [...]." Nesse trecho, também é possível perceber o aspecto servil do pequeno funcionário, limpando a baba do general com seu próprio guardanapo.

Ainda nesse mesmo texto de Schnaiderman, ele comenta sobre *Uma anedota desagradável*, sob o título de *Uma anedota ordinária*.

> O conto 'Uma anedota ordinária' (1862) constitui sátira agudíssima ao liberalismo, ou pseudoliberalismo, de gente bem situada no sistema vigente, mas que era incapaz de identificar-se com o povo. Aliás, representou uma etapa da polêmica do grupo de Dostoiévski com a intelectualidade radical da época, os 'acusadores', que, segundo um anúncio da revista *Vriêmia*, redigido pelo romancista, 'no fundo' desprezavam o povo. Embora fosse um dos contos mais realizados de Dostoiévski, quase não teve repercussão crítica. (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 31).

Segundo Motchúlski, Dostoiévski estaria parodiando a si mesmo na novela, quando o próprio escritor acreditou nas ideias utópicas em voga na década de 1840. De acordo com Motchúlski,

> Dostoiévski estaria vingando-se de si mesmo por seu incorrigível sonho romântico e sua ingenuidade ridícula. Em lugar de um hino à época das grandes reformas, ele escreveu uma sátira violenta contra tudo isso. As reformas não foram bem sucedidas, em lugar disso surgiu uma anedota desagradável. (2003, p. 175).

As ideias liberais de Dostoiévski mais jovem transformaram-se no objeto de sua sátira. Alguns anos antes, o autor escrevia no periódico *Vriêmia* sobre como as pessoas deveriam receber seus pastores com amor[117]. Porém, na novela em estudo, essa

[117] Em um artigo da revista *Vrêmia*, Dostoiévski trata desse tema, uma visão idealista de que as pessoas deveriam receber os outros, mesmo sem conhecê-los, com amor.

afirmação é parodiada, com a demonstração de que Pralínski não fora recebido com muito amor pelos convidados da festa de casamento.

Acerca das obras artísticas de Dostoiévski, o crítico Dobroliúbov[118]observa que há uma "relativa fraqueza do talento de Dostoiévski e da orientação 'humanista' de sua intuição artística". (MIKHAILÓVSKI, 2013, p. 433) O crítico já aponta para o humanismo de Dostoiévski, tratado por Motchúlski, e que pode ser considerado como o próprio escritor como sendo a figura parodiada pela personagem de Pralínski em *Uma anedota desagradável*.

É apontada também por pesquisadores[119] uma relação paródica entre *Gente Pobre* e *Uma anedota desagradável,* a respeito da questão da benevolência patriarcal. Dostoiévski substitui a relação entre Makar Diévuchkin e a sincera compaixão de seu superior e a relação de Pralínski com Pseldonímov. O general Ivan Ilitch, que se vê como uma pessoa muito importante, considera o seu ato de grande benevolência e acredita que Pseldonímov lhe será eternamente grato. No entanto, Pralínski teria sido mais esperto e muito mais generoso se tivesse seguido o exemplo do superior de Diévuchkin e dado ao seu pequeno funcionário uma quantia em rublos, que o teria ajudado muito mais do que a sua demonstração de magnanimidade ao fazer a aparição inesperada e cara para o pobre funcionário. A motivação para os dois atos de filantropia é bem diferente. Em *Gente Pobre,* o superior sente genuína piedade de Makar pelo seu estado lamentável, enquanto que o gesto de Pralínski surge de seu próprio orgulho e só leva em consideração a si mesmo.

Segundo Donna Oliver, Dostoiévski leva o leitor a sentir simpatia por Pseldonímov, ao apresentar seus sofrimentos com um tom de tragédia ridicularizada. Nesse sentido, a pesquisadora procura relacionar a figura do pequeno funcionário à de Cristo:

> Pseldonímov, já crucificado pela visita de Pralínski, deve dirigir-se a sua sogra para implorar por dinheiro para comprar mais *champagne* para o general. Ele recebe o dinheiro, mas só depois que ela o obriga a beber uma bebida parecida com bile e vinagre e depois disso ele se joga de desespero na cama nupcial que seria a cama reservada para os prazeres do Paraíso. Essas referências bíblicas ao alívio da morte de Cristo após seus tormentos, quando colocadas no contexto dos tormentos de Pseldonímov, somente servem para

[118]Nikolai Dobroliúbov foi um crítico literário que escreveu no periódico *Sovriemênnik.*

[119]OLIVER, Donna. "Parodic Layering in Dostoevsky's 'Skvernyi Anekdot'". In: *The Slavic and East European Journal.* Vol. 47, nº 2. Summer, 2003.

> enfatizar as intenções paródicas de Dostoiévski quanto ao seu pequeno funcionário e seus sofrimentos. (OLIVER, 2003, p. 176).

Na paixão de Cristo, oferecem a Jesus vinagre para ele matar a sede. Acerca dessa referência ao Novo Testamento, Bakhtin, ao tratar da paródia, afirma,

> [durante a Idade Média] Não havia nenhum texto ou sentença do Velho ou do Novo Testamento de que não se tivesse tirado pelo menos uma alusão ou uma ambiguidade suscetível de ser 'mascarada', travestida, traduzida na linguagem do 'baixo' material e corporal. As últimas palavras de Cristo na cruz: *Sitio* (Tenho sede) e *Consummatum est* (Tudo está consumado), são transformadas em expressões de gulodice e de embriaguez. (BAKHTIN, 1987, p. 74)

Pseldonímov é obrigado a beber vinagre para conseguir que sua sogra lhe empreste dinheiro para comprar mais bebida para seu superior, que já está alcoolizado. Para agradar a Pralínski ele deve passar por essa situação altamente desagradável.

Em *Uma anedota desagradável*, a narrativa central ocorre em um ambiente festivo, num ambiente de carnavalização que nos remete a Bakhtin. A descrição da chegada de Pralínski à festa demonstra que a comemoração é organizada como uma tentativa de imitar a alta sociedade; todos ficam em pé para recebê-lo, servem-lhe *champagne* e ele se senta ao lado do outro convidado especial. Porém, passado esse momento inicial, o que realmente ocorre é uma violação completa das regras. Os convidados voltam a se divertir e a agir da mesma forma como o faziam antes da chegada de Pralínski; tem-se a impressão de que até se esquecem da presença do general. Nesse trecho, chama a atenção a exclamação de Ivan Ilitch, de que "era como se eles tivessem se emancipado". Essa passagem certamente é uma menção que remete à reforma russa ocorrida pouco tempo antes na sociedade russa, a emancipação dos servos em 1861.

Em comparação com outros textos dostoievskianos, as passagens da festa de casamento e da dança dos convidados em *Uma anedota desagradável* prenunciam episódios de romances futuros. Porém, percebe-se que o tom alegre e bem-humorado das cenas da festa e das imagens criadas por Pralínski é um tanto incomum em Dostoiévski, que também foge do usual ao descrever a juventude petersburguense de modo divertido e tolerante. Sabe-se que o escritor, em seus artigos, manteve uma relação complexa com os jovens radicais de Petersburgo. Em um primeiro momento, podia-se até considerá-lo como um desses jovens, por sua participação no círculo revolucionário de Petrachévski, porém, essa atitude muda após os anos de prisão. A

história apresenta um conflito ideológico que fica evidente na passagem da discussão entre Pralínski e o jovem jornalista durante o jantar.

A festa de casamento de Pseldonímov, de certo modo, parece assemelhar-se às celebrações festivas da Idade Média. Nesse momento, os convidados, todos pertencentes às classes mais baixas da sociedade, podiam agir de modo mais livre, sem precisar manter um bom comportamento, já que inicialmente, não estavam na presença de nenhum superior que pudesse reprimir suas ações. Antes de entrar, Pralínski espia os convidados: "Era uma alegria descontrolada. Ouviam-se as gargalhadas e os gritos e ganidos agudos das senhoras. Os cavaleiros batiam os pés, como uma esquadra de cavalos. Acima de todo o barulho infernal, soava a voz de comando do mestre de danças, provavelmente um homem extremamente atrevido e até mesmo devasso [...]." Nessa descrição, as senhoras soltam ganidos, barulho geralmente relacionado ao som produzido por cães, e os homens batem os pés como cavalos. O mestre de danças é caracterizado por atrevido e devasso. As gargalhadas podem ser relacionadas ao riso mencionado anteriormente.

Em seguida, Pseldonímov aproxima-se do convidado inesperado "com a aparência de um cachorro que olha para o dono que o chama para lhe dar um merecido pontapé". É interessante notar como algumas personagens são apresentadas com características próprias a animais. Por exemplo, Pseldonímov é relacionado a um cachorro; Akim Petróvitch possui uma qualidade própria das galinhas e a noiva de Porfiri age como uma cobra. Passado o constrangimento inicial com a chegada do general, os convidados esquecem-se momentaneamente da presença do general e voltam a comportar-se como antes de sua chegada.

A situação desagradável na qual se encontra a personagem Pralínski ao fim da festa remete a um desconforto que pode gerar risos ou nojo. Ao convidar o general para cear com todos os convidados, a mãe de Pseldonímov afirma: "Paizinho, vossa Excelência – dizia ela, saudando-o –, dê-nos a honra de cear conosco, não tenha nojo da nossa pobreza..."

As ações de Pralínski apresentam uma motivação, pois o objeto do romance dostoievskiano, o movimento social, como aponta Soloviov, encontra-se presente em *Uma anedota desagradável*. A motivação para o ato de Pralínski é uma motivação social, pois ele acredita que suas ideias seriam capazes de mudar a sociedade. O que se mostra inadequado é o modo escolhido pelo general para agir.

De acordo com Soloviov, "Dostoiévski previu corretamente o objetivo supremo e distante de todo o movimento, enxergou com clareza os desvios em relação a esse objetivo, por direito julgou-os e com justiça condenou-os. Essa condenação justa teve como alvo apenas os falsos caminhos e os maus procedimentos do movimento social, e não o próprio movimento, necessário e desejado; essa condenação teve como alvo a compreensão mesquinha da verdade social, o ideal social enganoso e não a busca da verdade social, não a aspiração de concretização do ideal social. [...] O sentido geral de toda a atividade de Dostoiévski, ou o significado de Dostoiévski como ativista social, consiste na resolução desta dupla questão: o ideal supremo da sociedade e o verdadeiro caminho para alcançá-lo." (SOLOVIÓV, 2013, p. 517-518).

No segundo discurso de Solovióv[120], há uma passagem em que o autor trata das ideias do próprio Dostoiévski acerca da humanidade.

> O ideal de Dostoiévski exige não apenas a unidade de todas as pessoas e de todas as causas humanas, mas também, e mais importante: exige a sua unidade humanamente. A questão não está na unidade, mas em concordar livremente com essa unidade. A questão não está na grandiosidade nem na importância do objetivo comum, mas no reconhecimento voluntário desse objetivo. (SOLOVIÓV, 2013, p. 528).

Essa questão da "unidade humanamente" é central nessa novela, pois apesar de afirmar ideias mais humanas para com seus subalternos, a ação de Pralínski não é absolutamente nesse sentido. O que se sobressai é que ele nem sequer concorda livremente com essa unidade, aparentando ser algo que ele realmente não é.

Após ser colocado na cama dos noivos e receber a noite toda os cuidados da mãe de Pseldonímov, Pralínski passa por diversos problemas, em sua maioria relacionados ao baixo ventre. Para ele, isso é um sofrimento, pois toda a sua postura de superior cai por terra. Ele se encontra em uma situação extremamente desagradável, tanto que, assim que melhora um pouco, logo pela manhã, tenta sair escondido da casa. A mãe de Pseldonímov, porém, não o deixa sair sem antes lavar-se, o que também tem um sentido profundamente simbólico, de passagem de uma situação a outra. Após banhar-se, o general estaria apto a retomar o caminho de volta para a sua casa.

O sofrimento causado ou sofrido pelas personagens dostoievskianas é estudado pelo crítico Nikolai Mikhailóvski em seu artigo "Um talento cruel", que observa que

[120]Solovióv escreveu três discursos em memória de Dostoiévski, por ocasião da morte do escritor. As datas dos discursos são 1º (13) de fevereiro de 1881; 1º (13) de fevereiro de 1882; 19 de fevereiro (3 de março) de 1883.

> Antes de qualquer coisa, é necessário notar que crueldade e martírio sempre ocuparam Dostoiévski, justamente por sua capacidade de sedução, pelo fato de o martírio, de certa forma, possuir alguma voluptuosidade. E derramam-se em grande número por suas novelas e contos menores, às vezes em observações extremamente sutis. (MIKHAILÓVSKI, 2013, p. 431).

Pseldonímov também sofre com a presença do general em sua festa, o pequeno funcionário é obrigado a se humilhar diante dos sogros para conseguir dinheiro emprestado. Segundo Mikhailóvski[121], é possível perceber o quanto Dostoiévski se interessava "pelos fenômenos da crueldade, da tirania e do sofrimento, e quão atento ele estava a essas coisas." (MIKHAILÓVSKI, 2013, p. 437).

Grande parte da narrativa de *Uma anedota desagradável* ocorre dentro da casa do senhor Mliekopitáiev e do senhor Nikíforovitch. Entre uma residência e outra, Pralínski caminhava a pé pela cidade, até ouvir barulhos de música da festa de Pseldonímov. Apesar de as imagens da cidade não serem descritas pormenorizadamente, já que a maior parte da ação se passa dentro da casa, ainda assim o ambiente petersburguês transparece no texto. O crítico radical Dmitri Písarev[122], ao tratar da imagem de São Petersburgo nos textos literários de Dostoiévski, afirma ter-se "a sensação de entrar numa espécie de mundo novo, especial e completamente fantástico, em que tudo é feito às avessas [...]". (VOLKOV, 1997, p. 74).

Nessa citação, há uma referência ao mundo "às avessas", que remete ao universo grotesco. Além disso, enquanto caminha pelas ruas da cidade, a percepção de Pralínski altera-se, aspecto característico da embriaguez, conforme se observa na seguinte passagem: "Não era de beber e, por isso, as cinco ou seis taças fizeram efeito imediato. A noite, porém, estava encantadora. Fazia muito frio, mas estava extraordinariamente calma e sem vento. O céu estava limpo e estrelado. A lua cheia banhava a terra com um suave brilho prateado. Estava tão delicioso que Ivan Ilitch, após dar uns cinquenta passos, quase se esqueceu por completo de sua desgraça. Sentia-se excepcionalmente satisfeito com a vida. Sabe-se que, embriagados, os homens mudam rapidamente de ideia. Até mesmo as casinhas feias de madeira da rua deserta começaram a lhe agradar."

---

[121]Mikhailóvski analisa o caso do homem do subsolo, que é cruel com Liza sem nenhum motivo. Diferentemente, em *Uma anedota desagradável*, Pralínski tem um motivo para torturar Pseldonímov, o general quer demonstrar seu grande ato.

[122]VOLKOV, Solomon. *São Petersburgo: uma história cultural*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

A bebida, possível causa das decisões equivocadas de Pralínski naquela noite, constitui um elemento importante no texto. Inicialmente, o general bebe somente *champagne*, uma bebida nobre, cara, oferecida somente aos convidados de honra da festa. Da *champagne*, ele passa para a vodca popular, bebida das classes mais baixas da sociedade russa. Essa passagem – do nobre ao popular – remete à mudança ocorrida com a personagem Ivan Ilitch, do nível de um ser superior para inferior, ao ponto de se tornar incapaz até de se comunicar com os demais convidados.

Dostoiévski sempre considerou a cidade de São Petersburgo um local hostil em relação à verdadeira personalidade russa[123]. Para ele, a cidade era um lugar adverso para seus habitantes. Porém, conforme se verifica na descrição citada, em *Uma anedota desagradável* a cidade não é retratada de modo tão desagradável. Pode-se pensar que isso ocorre por conta da transformação que a visão carnavalesca opera nas situações habituais, "tudo que era terrível e espantoso no mundo habitual, transforma-se no mundo carnavalesco." (BAKHTIN, 1987, p. 41)

Segundo Donald Fanger,

> A perspectiva dostoievskiana permite a ironia e o humor, [...]. Das cenas que são claramente cômicas, Dostoiévski retira um patético grotesco que resulta da tensão entre o ridículo da situação e a sua seriedade simbólica. Este uso do grotesco é essencialmente um uso teatral, uma reelaboração dos recursos da comédia tradicional [...]. (FANGER, 1967, p. 164).

Em *Uma anedota desagradável,* há a cena em que Pseldonímov, para conseguir alugar uma carruagem para levar o general desmaiado para casa, sai pedindo dinheiro emprestado aos convidados e todos eles lhe negam o dinheiro, afirmando que não possuem. Esta é uma cena que se enquadra perfeitamente na definição de "patético grotesco", pois além do ridículo da situação, há também a seriedade simbólica, uma vez que nem Pseldonímov nem seus convidados possuem condições para servir a figura ilustre que aparece na festa. Fanger ainda estabelece relações entre esse grotesco e o universo teatral.

---

[123]De acordo com Solomon Volkov, "A mais 'intencional' cidade do mundo – assim Dostoiévski proferiu sua famosa e definitiva condenação de Petersburgo. Esta 'intencionalidade', isto é, sua artificialidade, a total ausência de raízes nacionais, representa um defeito intolerável, um pecado imperdoável aos olhos do escritor. A falta de sentimento nacional, característica da capital da Rússia, segundo ele, é a causa da sua constante hostilidade em relação à verdadeira personalidade da nação. Londres, Paris e Berlim deixaram-no horrorizado, e causava-lhe desgosto encontrar em Petersburgo traços dessas outras cidades. Detestava a Europa burguesa, como rejeitava a necessidade de 'uma janela para a Europa', dizendo que através dela a elite russa olhava para o Ocidente, sem ver nada que prestasse." (VOLKOV, 1997, p. 74).

Sabe-se que uma das características do universo carnavalesco é eliminar a seriedade, inclusive quando se refere à autoridade. A personagem Pralínski vai perdendo sua autoridade ao longo da narrativa e o auge dessa perda constitui o momento em que ele decide proclamar seu discurso. É interessante ressaltar aqui que a escolha dos termos colabora para a perda de seriedade do discurso do general. O emprego do verbo *perejit* já sugere uma certa ambiguidade, pois ele pode significar "experimentar", "viver", "passar por", como também "sobreviver". Ao pronunciar o tema de seu discurso, Pralínski gagueja "Hu-hu-humanidade". O som "Hu-hu", em russo *gu-gu*, lembra o som do choro. Segundo R. A. Peace, "a gagueira de 'gu-gu' [...] parece sugerir a frase coloquial, '*ob etom ni gu-gu*'", que significa "sobre isso nem uma palavra". Desse modo, todo o discurso do general transforma-se em motivo de piada entre os convidados e leva os interlocutores ao riso.

Ao tratar do universo carnavalesco, Bakhtin afirma,

> O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida, que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero. (BAKHTIN, 1987, p. 9)

Nesse trecho, é possível verificar algumas relações entre o indivíduo inserido no universo carnavalesco e algumas atitudes da personagem Pralínski. O general procura estabelecer relações novas, mais humanas, com seu subordinado e os convidados. Embora de uma forma idealista e teórica para Ivan Ilitch, ele afirma que preferiria abraçar um mujique a seu companheiro de repartição. Esse abraço é representativo de um ato humano, do contato com o próximo. Pralínski tenta experimentar concretamente esse contato, como se percebe ao longo da novela, porém, algumas atitudes e posicionamentos da personagem o impedem de conseguir manter relações verdadeiramente humanas com os demais convidados. Uma dessas atitudes é a postura de chefe superior que ele procura manter grande parte do tempo, relacionada à psicologia de classe. Inicialmente, pode-se pensar que o general acreditou nessa espécie de percepção carnavalesca do mundo, imaginando que, ao entrar na festa, o mundo real iria se transformar em um ideal utópico.

Um aspecto interessante da tradução da novela que se relaciona com o sentido do texto é o emprego da expressão "Não suportaremos". A frase é primeiramente empregada pelo companheiro de repartição de Pralínski, Nikíforovitch, para exprimir que uma parte da sociedade russa, expressa pelo pronome oculto "nós" na frase, não irá aguentar caso as mudanças idealizadas por Ivan Ilitch se concretizem. Essa parte da sociedade russa, receosa com as novas reformas, inclui o general Pralínski, porém, no início do texto, ele ainda não percebeu isso. Essa revelação somente se dá no fim da novela para Ivan Ilitch, quando ele declara "Não suportei" e cai sem forças na cadeira.

Pode-se pensar que Pralínski não suportou aquela situação por diversos motivos. Inicialmente, ele não consegue se encaixar naquele ambiente festivo, em que estão presentes pequenos funcionários e pessoas das classes mais baixas. Há um estranhamento causado por uma diferença de classe. Ao observar os convidados dançando e se divertindo, ele ainda não está inserido no universo grotesco. No entanto, com o auxílio da bebida, ele começa a se encaixar nesse ambiente. Porém, o general, em nenhum momento, considera-se uma pessoa igual aos demais convidados, ele pensa ser superior aos demais, o que o impede de ser bem aceito pelos outros participantes da festa.

São vários os elementos na novela que remetem ao universo grotesco. Por exemplo, a sogra de Pseldonímov e mulher do senhor Mliekopitáiev é caracterizada por uma dor de dentes que a acompanha desde o nascimento, que cria em torno de sua figura uma imagem grotesca. Outra imagem que se sobressai no texto é a formada pelo pesadelo que assombra Pralínski no fim da novela, quando seu companheiro de repartição Semión Ivanitch transforma-se no nariz do pequeno funcionário.[124] O general Pralínski também é apresentado com características grotescas, como suas crises de hemorroidas, além de no fim da novela ganhar um dom inesperado e até então desconhecido do próprio general, o de cuspir sem conseguir controlar a saliva.

[124]Ao lembrar-se de Pseldonímov, o narrador afirma sobre Pralínski, "Ele se lembrava agora de um homem ainda muito jovem, com um nariz comprido e adunco, de cabelo loiro ralo, magro e mal nutrido." A lembrança da característica do nariz do pequeno funcionário pode ser associada a uma ideia muito difundida na Idade Média de que ao tamanho do nariz correspondia o do falo e, consequentemente, a virilidade do homem. Esse exemplo demonstra "como se procuravam as analogias e consonâncias, mesmo as mais superficiais, para travestir o sério e obrigá-lo a tomar ares cômicos. Por toda parte, no sentido, na imagem, no som das palavras e dos ritos sagrados procurava-se e encontrava-se o calcanhar de Aquiles que permitisse convertê-lo em objeto de derrisão, a particularidade, por mínima que fosse, graças à qual se estabelecia a relação com o 'baixo' material e corporal. [...] Tudo que entrasse nessa linguagem devia obrigatoriamente submeter-se à força degradante e renovadora do poderoso 'baixo' ambivalente'." (BAKHTIN, p. 75)

A estudiosa russa Nietcháieva[125] chama a atenção para a reincidência na novela de uma situação do conto *O Duplo,* em que, aparentemente, o próprio narrador retrata com ar superior e irônico a personagem Pralínski. Ao chegar ao local do casamento, há um pequeno incidente com o general na entrada da casa, quando Pralínski pisa em algo gelatinoso e suja as botas. Neste instante, o general questiona a si mesmo se deveria entrar na festa, já que está com os sapatos sujos e ainda não fora visto por nenhum convidado. Porém, mesmo sentindo interiormente um certo incômodo, ele ainda acredita no seu ato de grandeza e decide dar as caras na festa.

Ao entrar na casa de Pseldonímov, o general pisa em uma bacia que contém gelatina de carne, uma comida típica das classes mais pobres. Pode-se considerar esse ato como uma passagem, a travessia de uma espécie de fronteira que separa os dois mundos – o carnavalizado e o mundo comum. É interessante notar que, no momento da ceia, o general desmaia em cima de um prato de comida, ele cai com a cara dentro do prato que estava a sua frente.

O próprio ambiente festivo é uma característica do universo grotesco. Em algumas festas nos textos de Dostoiévski, para Donald Fanger, há sempre uma cena escandalosa em que o decoro é ofendido. No entanto, há diferenças entre seus primeiros textos e os seguintes. Nas primeiras, as cenas escandalosas são menos complexas e possuem uma relativa pobreza de diálogos. Já nos escritos seguintes, as personagens conversam e discutem mais, essas cenas se resumem principalmente a encontros verbais.

Clarence A. Manning[126] aponta uma das características da obra de Dostoiévski que se refere ao fato de que ele,

> em seus grandes romances, emprega reiteradamente, da mesma forma, frases, ideias e situações que já foram utilizadas antes, mas cada vez ele as aprofunda mais, fornece mais tensão e avança no tempo dos acontecimentos, até finalmente produzir um material de cenas inesquecíveis de raro poder e profundidade psicológica. (MANNING, 1942)

Em *Uma anedota desagradável*, a passagem da discussão de Pralínski com o jovem jornalista durante o jantar, por exemplo, pode ser tomada como uma dessas cenas inesquecíveis que viria a receber um aprofundamento psicológico em seus grandes romances. Ela caracteriza-se como uma cena que foge ao decoro, causando incômodo

[125]DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Obras Completas em trinta volumes.* Leningrado: 1973.

[126]MANNING, Clarence A. "Alyosha Valkovsky and Prince Myshkin". In: *Modern Language Notes*, LVII, 1942.

nos convidados e, de certo modo, no próprio leitor, ao imaginar como o general estaria se sentindo em meio a tantos desconhecidos.

Aqui procuramos demonstrar como ocorreu a passagem do general Pralínski pelo universo grotesco e a carnavalização representada nas imagens do ambiente festivo da novela. Com base nos elementos propostos – o riso, as personagens, o duplo, os discursos, a paródia –, procurou-se aproximar a novela traduzida da visão carnavalizada e do universo grotesco. No capítulo a seguir procuraremos tecer um comentário acerca da tradução da novela.

## 6. Acerca da tradução

Optamos por traduzir o título da novela *Скверный Анекдот* por *Uma anedota desagradável*. Entre os títulos conhecidos dessa novela destacam-se: *Uma história aborrecida* e *Uma história lamentável*. Em inglês, algumas das traduções do título são *A nasty tale* e *An unpleasant predicament*. No fim de 2014, a Escola São Paulo de Teatro fez uma montagem da novela e apresentou como título da peça *Uma anedota suja*.

Neste trabalho, procurou-se manter o termo "anedota[127]" no título, em vez de traduzir por "história" ou "conto", como no inglês e nas traduções existentes para o português. Segundo definição do Dicionário Caldas Aulete, o termo anedota significa uma "história engraçada sobre um fato real ou imaginário". Essa definição pode ser relacionada à história narrada na novela. Conforme se percebe com a leitura do texto, de uma anedota sagrada que será passada de geração em geração, a história do general torna-se uma anedota vergonhosa.

A palavra скверный pode ser traduzida por "mau, ruim, desagradável, indecente, nojento". A opção por desagradável se deve ao fato de que, para o leitor, a situação em que se mete a personagem principal, o general Pralínski, é uma situação desagradável. Trata-se de um cenário que só vai se agravando até chegar ao ápice no fim do texto, no momento da ceia, quando o general discute à mesa com um dos convidados e, após a discussão, cai bêbado no chão e é colocado na única cama decente da casa, que seria a dos noivos. O general passa mal a noite toda e quem cuida dele é a mãe do noivo. Depois desta noite desagradável, logo pela manhã, ele decide fugir e, por vergonha e para se poupar de mais humilhação, passa oito dias em casa, sem aparecer na repartição, com medo de que seus colegas tenham tomado conhecimento do ocorrido. Porém, a situação é desagradável para vários personagens, não só para o general. O secretário Akim Petróvitch não se sente nada confortável na posição de entreter Ivan Ilitch; Pseldonímov e seus convidados também não se sentem confortáveis com a presença do general. Como já foi apontado, é possível notar na novela diversos aspectos

[127]Acerca do uso do termo anedota na literatura e cultura russa, há um caso interessante. "a palavra anedota foi com frequência empregada pelos contemporâneos de Gógol, assim como pelo próprio escritor, para explicar a gênese de seus contos e peças teatrais. 'Por favor, dê-me uma anedota', chegou a escrever [Gógol] ao amigo Púchkin, quase implorando a motivação fundamental para a criação de um próximo texto". (CAVALIERE, 2009).

que remetem ao universo grotesco, e a opção pelo termo "desagradável" também está relacionada a esse universo.

Uma outra possibilidade de tradução do título, que também pareceu bem interessante, foi *Uma piada de mau gosto*. Porém, preferimos deixar o termo anedota, conforme aparece no original russo. Além do que, a expressão "de mau gosto" não exprime a ideia de grotesco que procuramos demonstrar com o termo "desagradável". O "mau gosto" faz parecer que o universo carnavalizado não apresenta aspectos positivos. Portanto, optamos por *Uma anedota desagradável* por acreditar que esse título se adequa melhor à proposta desta pesquisa.

Outro aspecto da tradução que procuramos manter foi o uso de termos em língua francesa. Na maior parte das vezes, os termos em francês estão relacionados à personagem Pralínski. Ao definir a sua própria vida, ele a considera "uma vida fracassada, ao revés", que ele exprime utilizando uma expressão em francês. Certamente, o emprego de termos em língua estrangeira pelo autor tem um propósito, que é fazer com que a personagem se apresente com uma postura diferente diante dos demais convidados, por se considerar superior a eles. Pralínski caracteriza a si próprio com um termo em francês, *parler*. O nome da personagem remete a um doce francês, o praline, o que alia a ideia de progresso com a trivialidade da cultura ocidental.

Outro recurso do texto original que procuramos manter foram as repetições das expressões. O narrador se refere em alguns momentos ao longo da narrativa às "novas reformas", responsáveis pelo entusiasmo liberal da personagem Pralínski. Decidimos padronizar a expressão por "novas reformas", uma outra opção seria a "nova ordem". Dentre essas reformas, que criaram um clima de Rússia liberal, podemos citar o abrandamento da censura e a libertação dos camponeses. Desse modo, consideramos que o termo "reformas" é mais adequado do que a palavra "ordem".

Na passagem em que o narrador apresenta a descrição do general Pralínski, segundo Stiepan Nikíforovitch, uma característica que agrada ao conselheiro é que Ivan Ilitch "tinha parentesco com gente importante". Optamos por traduzir essa característica dessa forma, pois parece que fica mais evidente o que é considerado agradável para Nikíforovitch. Uma outra opção de tradução seria "não tinha parentesco com gente inferior".

A expressão empregada por Stiepan Nikíforovitch durante essa discussão, e que será retomada por outras personagens ao longo da narrativa, foi padronizada por "não

suportaremos”[128]. Outras opções de tradução seriam “Não vamos suportar” ou “Não havemos de suportar”. Porém, no texto em russo, a expressão é curta, formada por uma partícula de negação (He) e o verbo no aspecto perfectivo. Procuramos manter o mais próximo da expressão original. Na representação teatral da novela, realizada pela Escola São Paulo de Teatro, o ator dava ênfase especial ao pronunciar essa frase, ressaltando seu caráter de frase curta, mas carregada de significado.

O verbo “suportar” aparece em outras passagens da novela. Como exemplos, podem ser citados: Pseldonímov é descrito como uma personagem que era capaz de suportar muita coisa; as cadeiras que formam a cama improvisada do casal que não suportam o peso dos recém-casados e os estímulos da mãe de Pseldonímov ao general, para que ele suporte os tormentos daquela terrível noite. Além disso, há a exclamação final de Pralínski, “Não suportei!”.

Nesse mesmo sentido, percebe-se que o termo “desagradável” também aparece em diversas passagens da novela. Ao perceber que Trifon e o trenó de Pralínski haviam desaparecido, Chipuliénko exclama “Mas que anedota desagradável!”, empregando os mesmos termos do título do texto. Esse fato demonstra que mais de uma situação desagradável estaria por ocorrer com Pralínski. As palavras de Chipuliénko podem ser consideradas um prenúncio, pois, a partir daí, inicia-se uma série de acontecimentos que levam Ivan Ilitch a sentir-se cada vez mais desconfortável.

Na primeira linha do texto, a expressão do título já aparece. “Esta anedota desagradável ocorreu justamente na mesma época em que teve início, com uma força tão incontrolável e uma emoção tão tocante, um impulso de renascimento da nossa querida pátria e o anseio de todos os seus filhos gloriosos por aspirações a novos destinos e esperanças.”.

Há várias passagens em que o termo desagradável (скверный) aparece na novela, por exemplo:

- a personagem Semión Ivanitch é descrita como tendo uma fisionomia desagradável.
- para Pralínski, caso o secretário Akim Petróvitch perceba que ele é o ponto de apoio indispensável do general, isso seria muito desagradável para Ivan Ilitch.

[128]A expressão em russo é Не выдержим.

- quando atacam bolinhas de pão no general, ele também considera isso desagradável.
- para o general, a postura de Pseldonímov é desagradável.
- o gosto na boca do general quando ele acorda na casa de seu funcionário.
- a condição de Pseldonímov antes do casamento era bastante desagradável.

Padronizamos o termo чиновник por funcionário no lugar de empregado, como percebe-se no trecho, "nós nos encontramos, por exemplo, com um funcionário; um funcionário pobre e amedrontado. 'Pois bem... quem é você?' Resposta: 'Funcionário'. Bem, um funcionário; em seguida: 'Que tipo de funcionário é você?' Resposta: Deste ou daquele tipo. [...]".

No trecho "ele se lembrou até de que fizera um trocadilho acerca do encontro dos sobrenomes, Pseldonímov e Mliekopitáiev", acreditamos que seria melhor explicar para o leitor de língua portuguesa porque é possível um trocadilho com os nomes. O sobrenome Pseldonímov remete ao termo pseudônimo, ou seja, uma identidade que não é a própria. Para Joseph Frank, o nome remete a "uma peça sob pseudônimo". Pode-se pensar no caso dessa personagem, Porfiri, que nem mesmo uma identidade própria possui. Já o sobrenome da família da noiva, Mliekopitáiev, remete à palavra Млекопитающие, que significa os que se alimentam com leite, os que amamentam, por isso, relacionamos aos mamíferos. Esse nome pode ser associado a uma característica da família. Além disso, pode-se pensar também que o modo como Pseldonímov será tratado ao entrar para a família não chega nem ao nível dos humanos, mas é da classe dos animais. O Sr. Mliekopitáiev, em geral, trata as pessoas de sua própria família e os agregados de sua casa de modo extremamente grosseiro e rude. Apenas para exemplificar o controle que ele exerce sobre todos os que vivem sob seu teto, um dos agregados é uma senhora alemã, cuja função é contar-lhe as histórias de *As mil e uma noites* para entretê-lo. A chegada de Porfiri e de sua mãe à casa dos Mliekopitáiev traz todos os indícios de que o chefe da casa terá mais duas pessoas sobre as quais poderá exercer seu poder como bem entender.

Para explicar os motivos pelos quais o general pretende entrar na festa de casamento de seu funcionário, afirma-se que "julguem os senhores por si próprios: nas atuais relações entre os membros da sociedade está certo que eu, eu, já passado de meia noite, entre na festa de casamento de meu subordinado, o registrador que recebe dez

rublos por mês, isso causaria confusão, representaria a subversão de todas as ideias, seria como o último dia de Pompeia, um caos! Isso ninguém compreenderia. Stiepan Nikíforovitch morreria sem compreender. Pois ele bem dizia: não suportaremos." Neste trecho, a personagem menciona a expressão "o último dia de Pompeia", que também é o nome de um quadro, *O último dia de Pompeia*, do artista Briullóv[129]. Podem-se estabelecer algumas relações entre a passagem da novela e a pintura de Briullóv. No quadro, as figuras são apresentadas com rostos assustados, tentando se proteger da lava do vulcão. Há a representação do caos. Há uma mulher estendida no chão e um bebê ao seu lado. Duas pessoas no canto direito da imagem estão carregando um homem que parece já não poder se mover mais, por conta dos efeitos da erupção do vulcão. As figuras do lado direito da pintura parecem estar paralisadas e as personagens do lado esquerdo apresentam feições de medo e terror, assustadas com o que irá acontecer com elas logo em seguida, do que não conseguirão escapar. Desse modo, pode-se considerar que a erupção inesperada de Pralínski à festa, assim como a inesperada erupção, irá causar susto entre os convidados. Assim que a presença do general é percebida, os convidados afastam-se, deixando um grande espaço entre Pralínski e os demais participantes da festa. Da mesma forma que as figuras na pintura afastam-se da lava do vulcão. Depois de um tempo, Pseldonímov se apresenta no espaço vazio formado na sala para reverenciar seu chefe.

O trecho que trata da entrada do general na casa de seu subordinado começa com "Sua estrela o levava em frente". Essa sentença demonstra que, de alguma forma, as desventuras que acontecem com Pralínski estavam predestinadas a ocorrer, pois "sua estrela" o levou a isso. Também se pode pensar que a estrela seja uma referência ao seu orgulho e arrogância. Antes de a sua presença ser notada, algumas coisas que acontecem com Ivan Ilitch podem ser consideradas como "sinais", indicando que algo não está certo. Ao passar pelo portão, um cachorro vira-lata atira-se às suas pernas. Em seguida, ao se livrar do cão, ele pisa em uma substância gelatinosa, que o leva até a pensar se não seria melhor sair dali antes de ser visto. Ao espiar os convidados dançando, o general considera aquilo "uma alegria descontrolada".

Para R. A. Peace, em seu texto "Dostoevskii as Prophet: The case of 'Skvernyi Anekdot' and 'Krokodil'", o periódico *Iskra (A Faísca)* é satirizado no jornal satírico para o qual o colaborador escreve. Uma opção de tradução do nome da revista foi *A*

[129]Uma reprodução do quadro está no anexo do trabalho.

*brasa* em referência ao *Iskra*. Porém, não traduzimos os nomes dos periódicos, deixando como “Golovéchka”.

Os comentários acerca da tradução aqui apresentados têm como propósito demonstrar algumas relações que não ficam claras para o leitor de língua portuguesa que não teve acesso ao texto original russo. O que não foi possível incluir como nota explicativa na tradução, pretendeu-se esclarecer nesses comentários.

## 7. Considerações Finais

A novela *Uma anedota desagradável* apresenta um valor extremamente original no que se refere ao tratamento dado ao tema do funcionário pobre. A figura do pequeno funcionário, que em vários textos de Dostoiévski anteriores à sua prisão em 1849 constituíam a personagem principal, cede lugar aqui à de um general, uma figura que, com a intenção de provar o seu humanismo, penetra por acaso no mundo dos pequenos funcionários. O que se destaca, no entanto, pela leitura do texto, é a inadequação das situações que essa figura gera em um meio que não é o seu, e que dão ensejo para a criação pelo escritor de um universo altamente relacionado ao grotesco.

Nesse ambiente estranho, mas que deveria servir aos seus propósitos, o general Pralínski é traído por sua vaidade. As ideias liberais que expressa se revelam apenas como uma forma de auto-engrandecimento e de obter fama de liberal, o que ele vê com grande deleite. Em uma situação prática, as características de "humanista" e "liberal" que ele acredita possuir revelam-se falsas e superficiais. Para terminar a sua experiência, ao acordar, Ivan Ilitch é obrigado a se lavar antes de deixar a casa de seu pequeno funcionário, após a noite desagradável que passara sob os cuidados da mãe deste. Uma limpeza necessária para que o general se libere de seu papel de bufão no universo grotesco antes de retornar à seriedade do papel de superior que ocupa na sociedade.

O que o escritor procura destacar nessa novela, portanto, é a separação existente entre a classe instruída e as classes populares, e a imensa dificuldade para uma aproximação apenas artificial. Uma possível explicação para o fato de Pralínski não conseguir se relacionar de modo harmonioso com os demais convidados seria o afastamento da classe superior do que era verdadeiramente russo, das raízes russas. Esse tema presente na novela constituía uma das principais questões levantadas pelos participantes do movimento *pótchvienitchestvo*.

Acerca das dificuldades relacionadas à tradução de ficção, Paulo Bezerra afirma que a tarefa do tradutor está em "trazer para sua língua e sua cultura as formas de subjetividade de outra língua e outra cultura." (BEZERRA, 2005, p. 42). E, de fato, como a realização da tradução de *Uma anedota desagradável*, proposta por esta pesquisa, tinha em vista também um estudo do elemento que mais se destaca nessa novela, que se refere à representação nela do universo grotesco, uma preocupação foi a de recriar, na medida do possível, o universo apresentado pelo autor, levando em

consideração, além de seu estilo pessoal e o do texto, também as referências relativas a aspectos da realidade, aspectos exteriores que estão presentes no texto. Daí que, para a realização de uma tradução literária, além do conhecimento linguístico, faz-se necessário também um conhecimento da cultura e da história que deram ensejo à sua criação. Ou seja, não se trata apenas de encontrar termos equivalentes entre uma língua e outra mas, principalmente, de recuperar o sentido do texto original.

8. Bibliografia

**De Dostoiévski:**

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Bobók*. São Paulo: Editora 34, 2005. Tradução de Paulo Bezerra.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Noites brancas*: romance sentimental. São Paulo: Editora 34, 2007. Tradução de Nivaldo dos Santos.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Duas narrativas fantásticas*: A dócil e O sonho de um homem ridículo. São Paulo: Editora 34, 2003. Tradução de Vadim Nikitim.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Obras Completas em trinta volumes.* Leningrado: 1973.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Obra completa. Volume II.* Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Recordações da Casa dos Mortos.* São Paulo: Martin Claret, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Gente Pobre.* São Paulo: Editora 34, 2009. Tradução de Fátima Bianchi, coleção leste.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor *O crocodilo e Notas de Inverno sobre Impressões de Verão.* São Paulo: Editora 34, 2000. Tradução de Boris Schnaiderman, coleção leste.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *O Duplo: romance petersburguense.* São Paulo: Editora 34, 2013. Tradução e posfácio de Paulo Bezerra. Coleção leste.

DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *El doble.* Madrid: Ramos, 1955.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Crime e Castigo.* São Paulo: Editora 34, 2006. Tradução de Paulo Bezerra. Coleção leste.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Demônios: romance em três partes.* São Paulo: Editora 34, 2004. Tradução de Paulo Bezerra.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázov.* São Paulo: Abril Cultural, 1970.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memórias do Subsolo.* São Paulo: Editora 34, 2008. Tradução de Boris Schnaiderman, coleção leste.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *A aldeia de Stepantchikov e seus habitantes.* São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Uma história lamentável*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Tradução de Gulnara Lobato de Morais Pereira.

DOSTOYEVSKY, Fyodor. *The Gambler, Bobok and A Nasty Story*. Penguin Books. Taduzido por Jessie Coulson.

DOSTOYEVSKY, Fyodor. An unpleasant predicament. Adelaide library. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/d/dostoyevsky/unpleasant-predicament/>.

**Bibliografia geral:**

AUERBACH, Eric. *Mimesis*. *A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva.

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. "Iúri Lotman: entre biografia e obra". In: http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus_n02/10_VOLKOVA-E-Iuri-Lotman-rev.pdf.

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. "Fiódor Dostoiévski pelo viés lotmaniano". In: *Revista da USP*.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.* São Paulo: Hucitec, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar:* a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti.

BLOOM, Harold. (Org.) *The Grotesque*. Nova York, 2009.

CAVALIERE, Arlete. *Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco.* São Paulo: Humanitas, 2009.

CARR, E. H. "Journalistic Experiment". In: *Dostoiévski, 1821 – 1881*. Londres: Unwin Books, 1962.

CHAMBERS, Marlene. "Some notes on the Aesthetics of Dostoevsky". In: *Comparative Literature*, vol. 13, n. 2. Primavera, 1961. pp. 114 – 122.

ECO, Humberto. (Org.) *História da Beleza*. São Paulo: Record, 2008. Tradução de Eliana Aguiar.

ECO, Humberto. (Org.) *História da Feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.

FANGER, Donald. *Dostoievski y el realismo romântico: un estúdio sobre Dostoievski en relacion com Balzac, Dickens y Gogol.* Universidad Central de Venezuela, 1970.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: As sementes da revolta. 1821 – 1849*. São Paulo: Edusp, 2008.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação 1860 a 1865*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. Tradução de Geraldo Gerson de Souza.

FRANK, Joseph. *Pelo Prisma Russo.* São Paulo: Edusp, 1992.

GÓGOL, Nikolai. *À saída do teatro depois da apresentação de uma nova comédia.* São Paulo: Paz e Terra, 2002. Tradução de Arlete Orlando Cavaliere.

GÓGOL, Nikolai. *Teatro completo*. São Paulo: Editora 34, 2009. Traduzido por Arlete Cavaliere.

GÓGOL, Nikolai. *O capote e outras novelas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

HARPER, Kenneth E. "Criticism of the Natural Scholl in the 1840's". In: *American Slavic and East European Review,* vol. 15, n. 3. Outubro, 1956. pp. 400 – 414.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva.

HUGO, Victor. *Os Miseráveis.* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KAYSER, Wolfgang. *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MANNING, Clarence A. "Alyosha Valkovsky and Prince Myshkin". In: *Modern Language Notes*, LVII, 1942.

MELETÍNSKI, E. M. "As transformações dos arquétipos na literatura russa clássica". In: *Os Arquétipos Literários.* Ateliê Editorial.

MIKHAILÓVSKI, Nikolai. "Um talento cruel". In: GOMIDE, Bruno Barretto (Org.) Antologia do Pensamento crítico russo. São Paulo: Editora 34, 2013.

MOCHULSKY, Konstantin. *Dostoevsky his life and work.* Princeton University Press. Traduzido por Michael A. Minihan.

MORAES, Viviane Dantas. "A significação do grotesco na narrativa de testemunho de Primo Levi". In: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 13 – Novembro de 2013.

NOVIKOVA, Olga. *Rusia y Ocidente*. Madri: Tecnos,1997.

OLIVER, Donna. ""Parodic Layering in Dostoevsky's 'Skvernyi Anekdot'". In: *The Slavic and East European Journal, vol. 47. Nº 2, Summer, 2003, pp. 171 – 185.* Published by American Association of Teachers of Slavic and East European Languages.

PASSAGE, Charles E. *Dostoevski the Adapter: A study of Dostoevski's use of the tales of Hoffmann.* Chapell Hill: University of North Carolina Press, 1954.

PEACE, R. A. “Dostoevskii as Prophet: The case of ‘Skvernyi Anekdot’ and ‘Krokodil’.” In: *The Slavonic and East European Review*, vol. 71, n. 2. Abril, 1993, p. 257 – 265.

PÚCHKIN, Aleksandr. “O Chefe da Estação”. In: *A dama de Espadas*. São Paulo: Editora 34, 1999. Tradução de Boris Schnaiderman, coleção leste.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. “Reflexões visuais estéticas: da beleza e do grotesco.” In: *Revista Científica* / FAP, Curitiba v. 9, p. 51 – 63, jan. / jul. 2012.

SALLES, Denise. “Do pobre escrivão ao poderoso chanceler”. In: http://br.rbth.com/blogs/2014/04/07/do_pobre_escrivao_ao_poderoso_chanceler_25023.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski: prosa e poesia: O Senhor Prokhártchin*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

SCHNAIDERMAN, Bóris.*Turbilhão e semente – Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*.São Paulo: Duas cidades, 1983.

SILVA, Andrea Zeppini de Menezes da. *Sentimento íntimo e sensibilidade universal: Identidade nacional e sensibilidade universal em Machado de Assis e Dostoiévski.* São Paulo, 2011.

TODD, William Mills. “Dostoevskii as a Professional writer”. In: LEATHERBARROW, W. J. *The Cambridge Companion to Dostoevsky.* Cambridge University Press, 2002.

TURGUENIEV, Ivan. *Pais e Filhos.* São Paulo: Abril Cultural, 1971. Tradução de Ivan Emilianovitch.

VOINOVA, N.; STARETS, S.; VERKHUCHA, V.; ZDITOVETSKI, A. *Dicionário russo-português*. Moscou: Edições Russki Yazik, 1989.

VOLKOV, Solomon. *São Petersburgo: uma história cultural*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

VOLÓCHINOV, Valentim. *Marksizm i filossófia iazyká. (Marxismo e filosofia da linguagem).* Leningrado: Pribói, 1929. Tradução de Sheila de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

WELLEK, Rene. *Historia de La critica moderna (1750 – 1950): los anos de transición*. Madri: Gredos, 1991.

9. Anexo

*O último dia de Pompeia*, de Briullov. 1830 – 1833.
Disponível em: <http://sibila.com.br/cultura/arte-e-revolucao-na-russia-bolchevique/5319>.